

NECESSIDADE DE INFORMAÇÃO DE TÉCNICOS DO INSTITUTO
BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

Regina de Almeida Sá
Instituto Brasileiro de Geografia e
Estatística — IBGE

Dissertação apresentada ao Curso de
Mestrado: Ciência da Informação da
Universidade Federal do Rio de
Janeiro e do Instituto Brasileiro
de Informação em Ciência e Tecnolo
gia — IBICT para obtenção do grau
de Mestre em Ciência da Informação

Orientador: Murilo Bastos da Cunha, PhD
Universidade de Brasília — UnB

Co-orientadora: Maria das Graças
de Oliveira Nascimento, Mestre
Instituto Brasileiro de Geografia
e Estatística — IBGE

Rio de Janeiro
1985

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação não foi uma solitária atividade de pesquisa. Para realizá-la pude contar com muitas pessoas que me ajudaram com ideias, informações, materiais e comentários profícuos. Entre elas mereço alguns agradecimentos especiais.

— Agradeço aos meus pais, a minha irmã e aos meus amigos da infância, especialmente aos meus irmãos, por terem apoiado e encorajado esta minha jornada.

— Agradeço ao meu orientador, Dr. Roberto de Almeida, por sua orientação, paciência e apoio durante todo o processo de desenvolvimento desta dissertação.

— Agradeço aos meus colegas de trabalho que me ajudaram com informações e materiais necessários para a realização desta dissertação.

— Agradeço aos meus amigos que me ajudaram com informações e materiais necessários para a realização desta dissertação.

— Agradeço aos meus familiares que me ajudaram com informações e materiais necessários para a realização desta dissertação.

— Agradeço aos meus amigos de trabalho que me ajudaram com informações e materiais necessários para a realização desta dissertação.

A Maria Beatriz Pontes de Carvalho pela confiança e apoio.

A Ives pelo carinho e boa vontade de todas as horas.

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação não foi uma solitária atividade acadêmica. Para realizá-la pude contar com muitas pessoas que me ajudaram com afeto, paciência, orientação e competência profissional. Entre esses meus amigos agradeço particularmente a:

- Murilo Bastos da Cunha e Maria das Graças de Oliveira Nascimento, meus orientadores,
- Gilda Maria Braga, de quem tive todo apoio e um valioso acompanhamento,
- Denise Viviane Bacharach que cuidou de minhas amostras,
- Vanderli dos Santos Guerra que me ajudou no desenho do questionário,
- Lourival Dantas Filho pelo processamento dos dados,
- meus colegas de BICEN e de DICOR, a Anamaria Monteiro, Ângela Diego, Vera Abrantes, Heloísa Donnard e principalmente a Maria das Graças Siqueira pela dedicação e paciência no trabalho de datilografia.

Agradeço também ao IBGE cujo apoio permitiu-me realizar o Curso de Mestrado e este trabalho.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Organograma do IBGE	43
Figura 2: Organograma da Diretoria Técnica	44
Figura 3: Organograma da Diretoria de Formação e Aperfeiçoamento de Pessoal	48
Quadro 1: Técnicos da DT por Superintendência	53
Quadro 2: Distribuição da amostra por Superintendência	55
Tabela 1: Tempo médio de duração das entrevistas nas unidades	63
Quadro 3: Garantia da amostra	66
Tabela 2: Porcentagem de técnicos nas unidades, por ano de admissão	68
Tabela 3: Porcentagem de técnicos nas unidades, por tipo de formação	70
Tabela 4: Porcentagem de técnicos nas unidades, por curso de graduação	71
Tabela 5: Porcentagem de técnicos com mestrado e doutorado nas unidades, por área dos cursos	72

Tabela 6:	Porcentagem de técnicos nas unidades, por grau de utilidade atribuído às fontes de informação-documentos	73
Quadro 4:	Documentos considerados mais úteis pelos técnicos da SUESP	80
Quadro 5:	Documentos considerados mais úteis pelos técnicos da SUEGE	81
Quadro 6:	Documentos considerados mais úteis pelos técnicos da SUPREN	82
Tabela 7:	Porcentagem de técnicos nas unidades, por frequência de procura dos lugares dos documentos	83
Tabela 8:	Porcentagem de técnicos nas unidades, por frequência de procura das fontes de informação-pessoas	86
Tabela 9:	Porcentagem de técnicos nas unidades, por línguas mais importantes das publicações especializadas	89
Tabela 10:	Porcentagem de técnicos nas unidades, por capacidade de leitura em línguas estrangeiras	90
Quadro 7:	Línguas consideradas mais acessíveis pelos técnicos	91
Tabela 11:	Porcentagem de técnicos nas unidades, por número de títulos de periódicos citados	92
Tabela 12:	Porcentagem de técnicos nas unidades, por títulos de periódicos citados	93
Tabela 13:	Porcentagem do total de citações feitas pelos técnicos nas unidades, por unidades correlatas citadas	99
Tabela 14:	Porcentagem de técnicos nas unidades, por ocorrência da última necessidade de informação	100

Tabela 15: Porcentagem de técnicos nas unidades, por resultado da busca de informação	101
Tabela 16: Porcentagem de técnicos nas unidades, por dificuldades encontradas na busca	102
Tabela 17: Porcentagem de técnicos nas unidades, por assunto da última necessidade de informação	103
Tabela 18: Porcentagem de técnicos nas unidades, por tipo de informação necessitada	105
Tabela 19: Porcentagem de técnicos nas unidades, por maneira de obter a informação- primeira, segunda e terceira tentativas	106
Tabela 20: Porcentagem de técnicos nas unidades, por fonte-pessoa utilizada no incidente crítico	108
Tabela 21: Porcentagem de técnicos nas unidades, por fonte-documentos utilizados no incidente crítico	110
Tabela 22: Porcentagem de técnicos nas unidades, por lugares dos documentos utilizados no incidente crítico	113
Tabela 23: Porcentagem de técnicos nas unidades, por forma de recorrer à BICEN	116
Tabela 24: Porcentagem de técnicos nas unidades, por frequência de utilização dos serviços da BICEN	117
Quadro 8: Utilização dos serviços da BICEN	120
Tabela 25: Porcentagem de técnicos nas unidades, por conceitos atribuídos à BICEN	122
Tabela 26: Porcentagem de técnicos nas unidades, por grau de utilidade atribuído às publicações da BICEN	124

Quadro 9: Técnicos que atribuíram graus de utilidade às publicações da BICEN	125
Tabela 27: Porcentagem de técnicos nas unidades, por número de bibliotecas citadas	127
Tabela 28: Porcentagem de técnicos nas unidades, por bibliotecas citadas	128
Quadro 10: Resumo dos resultados	139

RESUMO

Estudo das necessidades de informação de cientistas sociais do IBGE, no desempenho de suas atividades na área de informação para o planejamento, baseando-se nos dados obtidos em entrevistas individuais, estruturadas por questionário, não qual empregou-se a técnica do incidente crítico. As principais fontes de informação para esses técnicos são os dados estatísticos e os documentos a eles relacionados, além dos livros e periódicos, que têm como línguas mais importantes português e inglês. A acessibilidade e o fluxo operacional são os principais fatores que influem na utilização das fontes de informação. A biblioteca da instituição é utilizada, através de intermediários, quando há necessidades de informações que não sejam os dados estatísticos levantados pelo IBGE e sob a responsabilidade dos próprios técnicos, que estão disponíveis nos seus locais de trabalho. Consideram bons os serviços da biblioteca, cujo acervo supõe-se que não conheçam bem. Os resultados do estudo indicam a necessidade de reformulação da política de disseminação da biblioteca junto a esses usuários.

ABSTRACT

IBGE social scientists' needs of information, for the performance of their work concerned with information for planning, are studied on the basis of data gathered through individual interviews, structured by questionnaire in which the critical incident technique was employed. The main sources of information for these social scientists consist of statistical data and related documents, besides books and periodicals, Portuguese and English being their principal languages. Accessibility and operational flow are the principal factors influencing use of information sources. The institution's library is used, through intermediaries, when there are informational needs other than statistical data collected by IBGE under the responsibility of the users themselves and available in their place of work. The users consider as good the library's services, although it is believed they do not know its collection very well. The results indicate the need for reformulation of the library's dissemination policy concerning its users.

SUMÁRIO

1. Introdução	10-3
2. Objetivo e Justificativas	14-5
3. Revisão de Literatura	16-39
4. Ambiente de Estudo	40-50
5. Material e Método	51-67
6. Resultados	68-138
7. Conclusões	139-47
8. Bibliografia	148-55
9. Anexos	
Questionário	156-67
Escala	168-71

1 - INTRODUÇÃO

Os estudos de usuários fazem parte do corpo de conhecimento da Ciência da Informação, ciência ainda emergente que busca sedimentar seus princípios teóricos. Por enfocar o uso e o comportamento de pessoas em relação à informação, supõe-se que, no futuro, os estudos de usuários farão parte do que se constituirá a sociologia e psicologia da informação (1).

O Centre for Research on User Studies (CRUS)(2) considera como estudos de usuários aqueles que têm como objeto as pessoas que necessitam e as pessoas que usam a informação, visando principalmente a explicar o seu processo de transferência. Os objetivos específicos desses estudos devem ser estabelecidos de maneira que seus resultados tragam benefícios aos sistemas de informação pois, de acordo com Line (3), não há sentido no levantamento de dados que não possam ser utilizados no planejamento ou na melhoria dos sistemas. Para que isto aconteça, os estudos devem tornar possível:

- a explicação do fenômeno observado;
- a compreensão de comportamentos;
- a previsão de comportamentos;
- o controle do fenômeno e o aperfeiçoamento do uso da informação pela manipulação das condições essenciais. (4)

Pode-se dizer que existe um consenso entre os especialistas da área de estudos de usuários sobre a imprecisão no significado de alguns de seus conceitos básicos; termos como necessidade, demanda e uso têm sido objeto de várias interpretações e Line (5) propõe as seguin

tes idéias, como base para algumas dessas definições: necessidade de informação refere-se àquela que o indivíduo deve ter para seu trabalho, pesquisa, etc. No caso de um pesquisador, esta necessidade corresponde a uma informação que impulsionaria sua pesquisa; a necessidade pode ou não ser reconhecida como uma vontade. Vontade de informação refere-se àquela informação que o indivíduo gostaria de ter; esta vontade pode ser ou não transformada em demanda. A vontade, como a necessidade, é uma demanda em potencial. A demanda da informação refere-se àquela que o indivíduo pede; é o pedido de uma informação que a pessoa acha que quer. A demanda é um uso em potencial. Uso da informação refere-se àquela que o indivíduo efetivamente utiliza. O uso pode ser consequência do atendimento de uma demanda ou o resultado do conhecimento incidental da informação. As pessoas só podem usar aquilo que conhecem e que está disponível. Por isto; o uso relaciona-se com a atuação das bibliotecas e serviços de informação, tendo em vista que eles divulgam e tornam disponíveis as informações.

Para Lancaster (6), os serviços de informação precisam identificar as discrepâncias que existem entre necessidades e demandas, quais os tipos de necessidade que não se transformam em demanda e quais os fatores que para isto contribuem. Os sistemas têm influência sobre a demanda dos usuários, mas não podem influir sobre o meio ambiente dos usuários nem sobre suas características individuais; no entanto, o conhecimento desses fatores é necessário e deve ser levado em conta no planejamento e no desenvolvimento de sistemas. (7)

Para White (8), os estudos de necessidades de informação são aqueles relacionados com as situações nas quais as pessoas tomam decisões, buscam respostas e esclarecem problemas. Segundo White, os não usuários de bibliotecas raramente as culpam por não as usar; não as usam porque não as acham relevantes para suas necessidades, não lhes ocorre usá-las, ou acham que elas não podem ajudá-los.

Em contextos institucionais, a informação que os usuários necessitam está diretamente ligada aos objetivos da instituição; no desempenho das atividades que cumprem estes objetivos é que se manifestam suas necessidades específicas de informação. O comportamento dos usuários em relação a estas necessidades é influenciado por suas características pessoais, hábitos, preferências e fatores externos que precisam ser melhor conhecidos para que os centros de informação possam implementar sua atuação junto às comunidades de usuários.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - BRITAIN, J.M. *Information and its users; a review with special reference to the social sciences.* Bath, Bath University, 1970. p.10.
- 2 - FORD, G., ed. *User studies; an introductory guide and select bibliography.* Sheffield, University of Sheffield. CRUS, 1977. p.2.
- 3 - LINE, M.B. The information uses and needs of social scientists: an overview of INFROSS. *Aslib Proceedings*, London, 23(8):412-34, Aug. 1971.
- 4 - FORD, G., ed., op. cit., p.4.

- 5 - LINE, M.B. Draft definitions; information and library needs, wants, demands and uses. *Aslib Proceedings*, London, 26(2):87, Feb. 1974.
- 6 - LANCASTER, F.W. The need and demands of users. In: —. *Guidelines for the evaluation of information systems and services*. Paris, UNESCO, 1978. p.19.
- 7 - ——. Latent needs and expressed needs. In: ——. *Information retrieval systems: characteristics testing and evaluation*. 2 ed. New York, J. Wiley, 1979. p.140-2.
- 8 - WHITE, H.S. Library effectiveness - the elusive target. *American Libraries*, Chicago, 11(2):683, Dec. 1980.

2 - OBJETIVO E JUSTIFICATIVAS

O objetivo desta dissertação é investigar as necessidades de informação (1) de um grupo de técnicos (2) da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, no exercício de suas atividades no próprio IBGE. Estes técnicos são da Superintendência de Estatísticas Primárias (SUESP), da Superintendência de Estudos Geográficos e Sócio-Econômicos (SUEGE) e da Superintendência de Recursos Naturais e Meio Ambiente (SUPREN), que constituem a Diretoria Técnica do IBGE.

É importante que se conheçam melhor as necessidades de informação de uma parte dos técnicos que asseguram, através de suas atividades, o cumprimento dos objetivos básicos do IBGE — produzir e analisar as informações necessárias ao conhecimento da realidade física do País, em seus aspectos essenciais ao planejamento econômico e social e à segurança nacional (3). O conhecimento mais específico dessas necessidades é o subsídio necessário à Biblioteca Central, para o aprimoramento e/ou reformulação de suas políticas de aquisição, processamento e disseminação, através das quais cumpre seu objetivo maior, que é dar apoio, através do provimento de informações a seus usuários, aos estudos e trabalhos nas áreas de atuação do IBGE. (4)

NOTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - A necessidade de informação refere-se à informação que os usuários necessitam para desempenho de suas atividades no IBGE.
- 2 - O termo técnico substitui a expressão *analista especializado*, adotada no IBGE, e que, na Diretoria Técnica, designa os cargos de nível superior.
- 3 - LEGISLAÇÃO básica, Rio de Janeiro, IBGE, s.d. p.34.
- 4 - RESOLUÇÃO - PR 04. *Boletim de Serviço*, Rio de Janeiro (1296):18, jun. 1977.

3 - REVISÃO DE LITERATURA

A revisão de literatura aqui apresentada é seletiva; inclui apenas as revisões de literatura e os estudos que contribuíram para o embasamento teórico deste trabalho e/ou para a análise de seus resultados. Alguns desses estudos estão comentados ou referenciados ao longo do trabalho, onde são pertinentes aos tópicos tratados.

Na Ciência da Informação, a área de Estudos de Usuários tem sido objeto de interesse crescente, a ponto de ter sido criado, em 1976, na Universidade de Sheffield na Inglaterra, o Centre for Research on User Studies-CRUS. (1). A partir de 1963, principalmente, verifica-se que este interesse gerou uma grande produção bibliográfica(2), e calcula-se que até 1978 haviam sido publicados cerca de mil estudos sobre usuários (3). Estes estudos têm sido objeto de várias revisões de literatura, como os incluídos no *Annual Review of Information Science and Technology* ARIST (4), de 1966 a 1978.

Segundo Skelton (5), os estudos de usuários podem ser agrupados em duas categorias principais: os que estudam as necessidades de informações em relação a uma determinada disciplina, e os estudos das necessidades de informação em um meio ambiente específico. Földi (6), estudando os economistas, grupou-os de acordo com seu campo de atividades:

- a - pesquisa econômica e educação;
- b - gestão da política econômica;
- c - atividade econômica.

Em seguida, grupou-os de acordo com suas funções:

- a - os que decidem;
- b - os que preparam as decisões;
- c - os economistas operantes profissionais.

Estes grupamentos podem ser aplicados a todos os ramos de atividade, não apenas à Economia. Combinando-se os dois grupos obtêm-se nove categorias de usuários, com necessidades de informação específicas. Por exemplo, se for combinado o item b de atividade com o item b de função, obtêm-se os usuários das instituições econômicas governamentais que preparam suas resoluções e decisões. Os usuários que precisam de mais informação são os da pesquisa e educação; os da atividade econômica precisam de menos informações.

Os estudos de usuários são importantes na medida em que são utilizados no planejamento dos sistemas de informação (7). Os usuários devem ser o principal foco no planejamento dos sistemas, e Lin e Garvey (8) chamam a atenção para a falta de comunicação existente entre os planejadores dos sistemas de informação e os pesquisadores-usuários. Muitas inovações, consideradas benéficas aos sistemas, são rejeitadas porque os planejadores não levam em conta devidamente os usuários para os quais elas se destinam.

Os usuários podem ser caracterizados pelas atividades a que se dedicam: são pesquisadores, profissionais (executores ou práticos), administradores e educadores (9). Suas atividades profissionais e o estabelecimento ao qual estão vinculados são os fatores mais determi

nantes de suas necessidades de informação: os diferentes aspectos de suas atividades vão influir no tempo que dispõem na obtenção da informação, no uso das diferentes fontes e na frequência com que recorrem aos centros de informação e bibliotecas. Estes centros de informação e bibliotecas, para o estabelecimento de seus serviços e escopo de suas coleções, devem pesquisar os seguintes aspectos de seus usuários, de acordo com Atherton (10):

- assuntos específicos de maior interesse e assuntos correlatos;
- formação e especialização;
- conhecimento de línguas estrangeiras;
- cargos e funções na instituição em que trabalham;
- associações profissionais a que pertencem, quando existem canais informais de transferência de informação;
- periódicos que recebem e lêem, ou que gostariam de ler;
- tipos de relatórios que consultam, ou que gostariam de consultar;
- canais de comunicação entre eles e outros departamentos/grupos de pessoas da instituição;
- organizações com as quais têm contato acadêmico ou profissional;
- veículos de informação preferidos; periódicos, jornais, audiovisuais;
- tipos de serviços de informação preferidos: documentos originais, serviços de alerta, dados, bibliografias, etc.;
- ocasião em que preferem dispor dos serviços da biblioteca; por exemplo, receber os periódicos para ler à noite ou nos intervalos das atividades.

Paisley (11) estabeleceu os sistemas nos quais os cientistas estão inseridos e que devem ser pesquisados:

- sistema cultural
- sistema político
- grupo do qual faz parte
- grupo de referência
- colégio invisível
- organização formal
- equipe de trabalho
- ele mesmo
- sistema legal/econômico
- sistema formal de informação

Entre os vários elementos a serem levados em conta nos estudos de usuários, em função do planejamento dos sistemas de informação, Atherton (12) inclui os organogramas de suas instituições e os organogramas de suas atividades e funções, os relatórios anuais, os relatórios de projetos e outras publicações das instituições; além do levantamento das necessidades dos usuários, com a utilização de questionários e da realização de entrevistas.

O problema da metodologia dos estudos de usuários parece representar um consenso entre os autores teóricos, como Menzel (13), Paisley (14), Allen (15), e Ford (16). Eles preconizam a necessidade de consolidação de uma metodologia que torne possível a confiabilidade dos resultados e comparabilidade dos estudos. Já se tornou clássica, e, portanto, objeto de citação constante a frase de Line (17): "...é muito comum que o resultado de um levantamento seja uma massa indigesta de dados mal interpretados e coletados por meio de uma seleção pobre, amostras inadequadas e métodos não confiáveis...". Cunha (18), em

revisão das metodologias de estudo de usuários, esclarece não ser este um problema específico da área de usuários mas das Ciências Sociais, nas quais a Biblioteconomia buscou métodos e continua buscando, como demonstra em outro estudo (19), em que apresenta trabalhos que se utilizaram da técnica de Delfos. Este método, sofisticado e novo, pois data de 1966, procura estabelecer um consenso e fazer uma previsão para o futuro. Ford (20) considera-o o método dos futuros estudos sobre necessidade de informação e, no Brasil, ele foi utilizado por Kairalla (21), com usuários do Instituto de Pesquisas Tecnológicas-IPT, em São Paulo, para análise do sistema de informação.

Em estudos de usuários a técnica do incidente crítico tem sido largamente utilizada. Através do relato ou da observação verifica-se o comportamento do usuário em uma busca específica de informação. Esta técnica, desenvolvida nos Estados Unidos por Flanagan, foi objeto de estudo no Brasil por Pereira e outros (22), e por Kremer (23), que também a utilizou, associada a um questionário, no estudo do fluxo de informação entre os técnicos não pesquisadores de uma empresa de projetos de engenharia, em Illinois (24). Andrade (25) utilizou os mesmos recursos para estudar usuários da Petrobrás, no Rio de Janeiro. Estes, reunidos para a execução de uma nova atividade, indicaram que para executá-la necessitavam de informações diferentes das disponíveis nos sistemas.

Nos países socialistas, os estudos das necessidades de informação geralmente têm como ponto de partida as instituições e organizações onde os usuários exer-

cem suas atividades. Nesses estudos são analisados e estabelecidos os objetivos institucionais, os níveis hierárquicos e atividades dos usuários e suas necessidades objetivas de informação. É este o enfoque do estudo teórico sobre a necessidade de informação de Kogotkov (26), do de Grabchenko (27), que estudou as necessidades de informação de usuários multidisciplinares do Instituto de Informações Técnicas e Científicas da Ucrânia, e do de Sogomonian e Karpenko (28), que, com dados coletados através de quatro métodos, construíram uma matriz das necessidades de informação, em um instituto de pesquisas de refinamento de gás, na União Soviética. Lingam (29), da Índia, em trabalho apresentado à FID - Federação Internacional de Documentação, em 1982, toma por base as etapas da elaboração de um projeto de engenharia e suas atividades específicas, para estabelecer as necessidades, fontes e fluxo de informação dos engenheiros projetistas.

A tendência dos estudos e pesquisas de usuários voltarem-se, cada vez mais, para os canais informais e para a comunicação interpessoal é criticada por Rabello (30), tendo em vista que esta comunicação foge do controle e do âmbito de ação das bibliotecas; no entanto, para conhecer os usuários é preciso que se considerem seus aspectos pessoais e seu comportamento em relação ao sistema. Para a autora, "o usuário é parte do ambiente, influenciado a biblioteca". (31)

Wood (32), revendo os estudos de usuários em 1971, observa que o uso de vários canais de informação é determinado pela responsabilidade funcional do indivíduo.

Pessoas engajadas em pesquisa e desenvolvimento fazem maior uso de canais formais do que aquelas que se dedicam à produção industrial, testes e projetos. Estas usam mais a comunicação oral e, como literatura, consultam relatórios, manuais e outras fontes semelhantes. A qualidade do canal não influi na frequência de uso; a frequência e a prioridade são determinadas pela acessibilidade, como demonstrou Rosenberg (33), em estudo realizado nos Estados Unidos, em seis organizações, incluindo entre os usuários, pesquisadores e não pesquisadores. Seus resultados são comparados a um estudo realizado por Allen (34), cujos resultados confirmam o valor da acessibilidade.

Para Voigt (35), as fontes de informação são utilizadas nas seguintes circunstâncias: quando o usuário procura ficar a par dos estudos de sua área ou das disciplinas correlatas; na busca por informações factuais, no seu dia-a-dia profissional; quando inicia um novo estudo ou projeto, ou quando o conclui e escreve sobre ele. Nestes dois últimos casos, o levantamento retrospectivo é necessário para a identificação de fontes sobre o assunto.

Wood (36) nota que a partir de 1965 aumentou o interesse pelo estudo das necessidades de informação dos cientistas sociais, levando em conta sua própria participação nesses estudos. Em 1970, Brittain (37) publicou um livro sobre a necessidade de informação e seus usuários, onde analisa os trabalhos relativos às Ciências Sociais que encontrou, que foram apenas dezoito. Embora sejam poucos os trabalhos focalizados por Brittain, Faibissoff e Ely (38) consideram esta revisão da maior importância para o

estudo das necessidades de informação dos cientistas sociais, tendo em vista sua abrangência. Em 1981, por solicitação do Comitê de Documentação de Ciências Sociais da FID, Haart (39) elaborou uma revisão de literatura sobre o conceito, escopo e características da informação em Ciências Sociais. Entre estas características incluem-se o uso e os vários tipos de usuários: pesquisadores, profissionais e administradores. Esta monografia foi antecedida pela apresentação de um trabalho em 1980, com o mesmo escopo (40), num encontro da FID em Copenhague e, posteriormente, em 1983, foi publicada a versão abreviada da monografia de 1981 (41). O primeiro problema levantado por Haart refere-se à abrangência das Ciências Sociais, que têm interpretações diversas nas classificações do conhecimento. Para Haart, além das disciplinas a serem consideradas, há uma ampla série de assuntos potenciais que nelas podem ser incluídos, tal a ligação que se estabelece entre estas disciplinas. De acordo com sua função, a informação de Ciências Sociais pode disseminar teorias, conceitos e resultados de pesquisas entre os cientistas sociais, ou pode servir como material primário para novos projetos de pesquisas, quando se trata de dados estatísticos, arquivos de instituições e material não-textual como mapas, gravações, arquivos computarizados, fotografias aéreas, etc. (42)

Pemberton (43), no primeiro trabalho apresentado pelo Grupo de Ciências Sociais da ASLIB - Association of Special Libraries and Information Bureaux, estudou os documentos designados efêmeros, que são aqueles

relacionados a um evento ou a uma atividade específica, como os relatórios de pesquisas, questionários, textos de conferências, programas de computador etc., ressaltando sua importância para os pesquisadores de Ciências Sociais, embora haja grande dificuldade em seu acesso.

Os livros e periódicos são, de um modo geral, os principais veículos da literatura de Ciências Sociais, mas, ao contrário do que acontece em outras ciências, os livros ocupam quase a mesma posição que os periódicos. Line e Roberts estimam que para cada 1,1 monografias existem 2 artigos de periódicos: 1,1:2; enquanto que nas ciências naturais e em tecnologia a proporção é de 1:8. (44)

A partir da segunda Guerra Mundial, uma das fontes mais utilizadas pelos cientistas sociais, principalmente por aqueles ligados às administrações públicas, passou a ser os dados estatísticos, cujo acesso é dificultado pela falta de padronização e não completeza até no mesmo país, não permitindo que se construam séries homogêneas, fundamentais aos estudos de planejamento (45).

Em 1971, o grupo de Ciências Sociais da ASLIB promoveu na Universidade de Loughborough na Inglaterra,(46), uma conferência sobre as fontes primárias nas Ciências Sociais. Os trabalhos apresentados trataram dos problemas de acesso a essas fontes e sua utilização pelos pesquisadores e profissionais dessas ciências. Entre esses trabalhos estão os de Swann, White e Rush, aqui comentados, e o de Line, que foi o coordenador do grupo e quem apresentou as conclusões finais.

Swann (47) estudou as fontes primárias mais im-

portantes para os economistas, que são as emanadas do próprio governo, dos organismos internacionais, como a Organização das Nações Unidas-ONU, Fundo Monetário Internacional-FMI, Comunidade Econômica Européia, etc., e dos países estrangeiros. Entre essas fontes, as mais importantes são as séries estatísticas e os periódicos relacionados a essas estatísticas. Também são importantes os relatórios das instituições nacionais e estrangeiras, e dos organismos internacionais, assim como os relatórios de organizações privadas. Estes últimos são, quase sempre, de difícil acesso e muitas vezes apresentam informações incompletas.

White (48) enfocou as fontes utilizadas no Planejamento Urbano, campo onde interagem várias disciplinas e onde os usuários dedicam-se mais às atividades de execução do que à pesquisa. Para eles, os dados estatísticos de levantamentos são as fontes de informação mais importantes, seguidas dos mapas planos e das fotografias aéreas. As estatísticas de que se utilizam apresentam-se sob a forma de publicações, de relatórios de computador ou de fitas magnéticas, e têm vários níveis de desagregação. Estes dados podem ter sido coletados com outras finalidades, mas o uso do computador torna possível reestruturações para as pesquisas desses técnicos.

Rush (49) também observa a interdisciplinaridade na Política e na Ciência Política. Nessas ciências são importantes, entre outros, os documentos pessoais, as estatísticas oficiais, os periódicos e jornais que noticiam e comentam os acontecimentos, os usuários e almanaques oficiais ou não, e as coletâneas de leis.

Line (50), concluindo a conferência, entre outras observações ressaltou que o cientista social gera tanto quanto consome material primário. Este material apresenta-se de várias formas: escrita, em gravações, em vídeo-tapes, em fitas magnéticas, fotos, etc. Para as bibliotecas de Ciências Sociais existe um grande problema, que é a dificuldade da descentralização dos acervos. A interdisciplinaridade e, por conseguinte, a sobreposição dos assuntos obriga a multiplicação de itens, com grande aumento de despesas. Line recomenda a descentralização daquilo que for de interesse específico ou de uso contínuo, o controle central do acervo a existência de um serviço de referência eficiente e a divulgação das coleções associada a um serviço de cópias acessível.

Posteriormente White (51) enfatizou a importância dos dados obtidos nas pesquisas de Ciências Sociais e dos manuais destas pesquisas para os pesquisadores dessas ciências, recomendando que se desenvolvam técnicas de descrição bibliográfica deste material, que tornem viável sua disseminação através de um sistema nacional.

A importância dos periódicos como fonte de informação nas Ciências Sociais foi analisada por Wood e Bower (52), na National Lending Library, em Londres. Eles verificaram que apenas 5,6% das requisições eram provenientes de organizações governamentais. Entre os diversos assuntos considerados, Economia e Economia Política foram mais requisitados do que Estatística e Geografia. Os cientistas sociais da Inglaterra consultam pouco literatura em língua estrangeira: 98,4% dos pedidos foram em inglês, enquanto que

o índice para cientistas naturais e tecnólogos, em pesquisa semelhante, foi de 75,9%. Geografia foi o assunto que apresentou o maior índice de solicitações em língua estrangeira. Vinte e um por cento das requisições dos cientistas sociais foram por eles localizadas em publicações de índices e resumos, enquanto que 43% foi o índice dos cientistas naturais e tecnólogos e 31,5% o dos usuários da literatura médica. As requisições analisadas na pesquisa corresponderam a 684 títulos, dos quais 63 não puderam ser identificados. Dezesete títulos corresponderam a 20,2% das requisições e 116 a 55,7%. O título mais requisitado teve quarenta pedidos. Como nas outras ciências, as Ciências Sociais também apresentam um núcleo dos periódicos mais utilizados pelos seus especialistas.

Goehlert (53) também estudou os periódicos como fonte de informação utilizada pelos membros dos departamentos de Ciência Política e Economia da Universidade de Indiana. Ele verificou que esses usuários pediam periódicos das mais variadas disciplinas. Observou também que os cientistas sociais usam mais publicações do que citam. Stewart (54) encontrou 386 periódicos num estudo de citações na literatura de Ciência Política, enquanto que no estudo de Goehlert foram solicitados 528 títulos pelos cientistas políticos.

Caplan (55), estudando as fontes utilizadas por altos funcionários do governo dos Estados Unidos, verificou que 67% das 575 fontes por eles utilizadas eram primárias. As informações que mais utilizavam eram as estatísticas sociais, como os censos demográficos, as taxas de desemprego e os índices de saúde.

A mais abrangente pesquisa de usuários em Ciências Sociais foi feita pelo projeto INFROSS - Information Requirements of the Social Sciences; desenvolvido na Universidade de Bath, na Inglaterra, entre 1967 e 1971 (56), foi coordenado por Line e Brittain dele participou como assistente. Até a década de 70, os usuários das Ciências Sociais não tinham sido objeto do mesmo interesse que os usuários das Ciências Naturais e da Tecnologia (57). O projeto investigou as necessidades de informação dos cientistas sociais da Inglaterra, principalmente dos pesquisadores. O relatório 2 do projeto refere-se aos cientistas sociais em atividades nos departamentos do governo (58). Algumas de suas conclusões são apresentadas a seguir. Uma grande parte do trabalho desses cientistas relaciona-se à coleta de dados e elaboração de relatórios e, embora eles próprios relutem em denominar suas atividades de pesquisa, se comparada às pesquisas desenvolvidas nas universidades, os métodos e materiais que utilizam são muito semelhantes. De um modo geral, dispõem de boas bibliotecas e estão satisfeitos com elas; talvez por isto utilizem um número menor de bibliotecas do que os outros cientistas sociais (50% usam de uma a duas bibliotecas). Apesar de trabalharem em locais próximos às suas bibliotecas, solicitam muito fotocópias, provavelmente por não terem muito tempo disponível. Delegam mais do que os outros cientistas sociais suas pesquisas de informação, talvez pela mesma pressão de tempo. Usam pouco fontes secundárias: bibliografias, índices e resumos, talvez porque as fontes primárias que mais utilizem, os dados estatísticos, principalmente os não publicados, não sejam ob-

jeto dessas fontes. Usam mais periódicos do que livros e a comunicação informal é muito usada nos departamentos e entre os departamentos, pois há informações transitórias e não classificadas que só podem ser obtidas através da comunicação informal. Seus maiores problemas são as informações que precisam e não existem; aliás, grande parte de seu trabalho consiste em produzir este tipo de informação, e a incompatibilidade das estatísticas existentes, que tornam impossíveis as comparações e as combinações desejáveis para seus estudos.

O relatório do INFROSS conclui que os pesquisadores de outras instituições precisam muito mais das informações produzidas nos departamentos governamentais do que os pesquisadores do governo precisam de informações produzidas em qualquer outro lugar (59).

Line, comentando os resultados globais do projeto (60), observou que as citações e bibliografias em livros e periódicos são as fontes mais usadas na localização de referências bibliográficas. Os estatísticos foram, entre os cientistas sociais estudados, os que menos usavam bibliotecas, e os geógrafos estavam entre os que mais as usavam. Embora a delegação da busca seja uma prática pouco usada entre os cientistas sociais, que raramente recorrem a bibliotecários, Line notou que quase todos os cientistas eram favoráveis à existência de intermediários. Para Line (61), o problema de subutilização dos bibliotecários e dos recursos bibliográficos disponíveis poderia ser resolvido através desses intermediários, papel a ser assumido pelos bibliotecários e que poderia ter melhor efeito do que a educação

dos usuários, prática nem sempre eficaz. Os usuários-pesquisadores dispõem de pouco tempo e os recursos da pesquisa bibliográfica não lhes são familiares, o que não acontece com os bibliotecários. O INFROSS indicou também a existência de barreira lingüística nas Ciências Sociais. Apenas um terço dos cientistas lia em outra língua além do inglês, embora tivessem capacidade para isso (62). Skelton (63) atribui o menor acesso às línguas estrangeiras nas Ciências Sociais ao fato de elas se voltarem mais frequentemente para as circunstâncias locais.

No Brasil, os estudos de usuários não são ainda numerosos. Pinheiro, em monografia sobre o assunto, (64) dedica um capítulo aos estudos brasileiros, onde observa que esses estudos foram estimulados pelos cursos de pós-graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia (65), tornando-se temas de dissertação de mestrado. É de 1978 o estudo das necessidades de informação dos geólogos em Minas Gerais, que foi o tema da dissertação de Cunha (66), na Universidade Federal de Minas Gerais. Nele foram incluídos geólogos de 14 organizações do Estado e, através de entrevistas e questionários, foram analisados, além de outros aspectos, as fontes de informação, a existência de barreira lingüística e o fluxo da informação entre os geólogos.

Kremer, em estudo sobre os usuários das bibliotecas da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (67), chama atenção para a dificuldade de acesso à maioria dos estudos de usuários no Brasil, pois além de dissertações de mestrado, muitos deles estão em relatório não publicados, ou são trabalhos apresentados em eventos. Na

revisão de literatura de seu trabalho, que é um levantamento dos estudos de usuários em universidades, Kremer relaciona dez trabalhos brasileiros (68), sendo o mais antigo o de Garcia (69), de 1972.

Em 1980 Schleyer não conseguiu localizar na literatura nacional nenhuma pesquisa relativa à comunicação e à informação de cientistas sociais (70). Em 1982 dois estudos, ambos sobre usuários da área de Planejamento, vieram, em parte, preencher essa lacuna. O estudo de Stenzel (71) foi sobre a demanda da informação na área de Planejamento do governo e foi realizado com cientistas sociais dos estados do Paraná, Goiás e Distrito Federal, todos graduados e 50% com pós-graduação. O estudo mostrou que 72% dominavam duas línguas e que necessitavam, quase na mesma proporção, de informações estatísticas e teórico-metodológicas para suas atividades. A autora concluiu que 47,7% dos usuários conheciam mal os serviços de informação disponíveis, e 18,4% não os conheciam, o que associou à divulgação insuficiente das unidades de informação.

Carneiro (72), em Minas Gerais, estudou as necessidades e demandas dos técnicos da Secretaria de Planejamento do Estado, com a utilização de questionários, e concluiu que as informações mais usadas foram dados estatísticos, planos, programas, projetos e legislação. As fontes mais utilizadas foram os relatórios de outras entidades, os relatórios internos, censos, arquivos de legislação e dados estatísticos. Estas fontes estavam localizadas principalmente nos arquivos dos setores de trabalho dos técnicos e nos seus arquivos ou coleções particulares. Eles se uti

lizavam muito de contatos pessoais para obter informações, principalmente de contatos internos. Utilizavam-se do centro de documentação menos que mensalmente e havia um número significativo de não usuários entre os técnicos. Os que usavam o centro consideraram-no satisfatório.

A década de 80 parece promissora para os estudos de usuários no Brasil. Começam a ser utilizadas técnicas de pesquisa mais modernas como a de Delfos, empregada por Kairalla (73), e aparecem estudos mais abrangentes, que identificam as características brasileiras nos assuntos tratados. Está neste caso o trabalho de Rosenberg e Cunha (74), onde foi analisado o uso de informação científica e técnica no Brasil, tendo em vista a importância desta informação para o desenvolvimento econômico do País. Foram entrevistados usuários de três sistemas automatizados, em São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Brasília. Os usuários eram graduados e dedicavam-se à pesquisa. Entre outros aspectos, constatou-se que os usuários não se utilizavam diretamente das bibliotecas, recorrendo a intermediários, o que é comum no Brasil quando a biblioteca usa sistema bibliográfico automatizado (75) e que consideravam os serviços que as bibliotecas ofereciam muito bons, o mesmo não acontecendo com relação a seus acervos, cotados com graus baixos.

A pesquisa de Vieira (76) também teve abrangência nacional e pesquisou as necessidades de informação do gerente ambiental brasileiro, cujas atividades são de caráter local e regional. A autora observou, entre outras coisas, a incapacidade das entidades de proverem estes gerentes com as informações necessárias às suas atividades. No entanto

verificou que, quando havia recursos informativos disponíveis, estes eram desconhecidos ou subutilizados pelos gerentes, que recorriam mais aos canais informais para obter informações, embora muitas de suas atividades dependessem de canais formais. Por este e outros aspectos, Vieira conclui que "há muito para ser feito no País e é urgente que o bibliotecário assuma seu papel nesse processo de mudança social". (77)

O estudo das necessidades de informação em geral e, em particular, no âmbito das Ciências Sociais, é extremamente facetado. São inúmeros os aspectos que podem ser observados independentemente ou em conjunto, quando se estuda o assunto. Desta diversidade verifica-se que um grande número dos estudos de necessidade de informação são estudos de caso. Os resultados desses estudos tendem a não ser cumulativos, considerando-se também que a diversidade dos métodos de pesquisa adotados contribuiu para acentuar este caráter particular. No entanto, os estudos de caso são comuns nas ciências que dependem da observação do comportamento humano, que é "muito fluido e intangível para ser descrito de uma maneira que as observações possam ser acumuladas, da forma que isto ocorre nas Ciências Naturais"(78). Estes estudos certamente contribuem para o desenvolvimento dos sistemas de informação em função dos quais foram feitos e, mesmo parceladamente, podem contribuir para que a área de estudos de usuários adquira seu corpo teórico. Ford (79) parece indicar este caminho:

Muitas das pesquisas de usuários foram efetuadas por administradores de sistemas interessados em definir sua clien-

tela, e em estabelecer níveis de demanda para vários serviços, e é preciso que esta atividade tenha prosseguimento. Para que este tipo de pesquisa seja útil, num contexto mais amplo, é necessário que se tomem medidas para que pesquisadores e unidades de pesquisa independentes forneçam as bases teóricas capazes de relacionar esses estudos entre si.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - FORD, G., ed. *User studies: an introductory guide and select bibliography*. Sheffield, University of Sheffield. CRUS, 1977. p.V.
- 2 - PAISLEY, W. Information needs and uses. In: CUADRA, C.A., ed. *Annual review of information science and technology*. Chicago, Encyclopaedia Britannica, 1968. v.3. p.1.
- 3 - CRAWFORD, S. Information needs and uses. In. CUADRA, C.A., ed. *Annual review of information science and technology*. Chicago, Encyclopaedia Britannica, 1978. v.13. p.61-81.
- 4 - ANNUAL review of information science and technology. Chicago, Encyclopaedia Britannica, 1966-
- 5 - SKELTON, B. Scientists and social scientists as information users: a comparison of results of science user studies with the investigation into information requirements of the social sciences. *Journal of Librarianship*, London, 5:141, Apr. 1973.
- 6 - FOLDI, T. Economic information demand and organization. *International Social Science Journal*, Paris, 28(3):518-19, Mar. 1976.
- 7 - SKELTON, B., op. cit., p.139.
- 8 - LIN, N. & GARVEY, W.D. Information needs and uses. In: CUADRA, C.A., ed. *Annual review of information science and technology*. Washington, American Society for Information Science, 1972. v.7, p.32.

- 9 - BACK, H. What information dissemination studies imply concerning the design of on-line reference retrieval systems. *Journal of the American Society for Information Science*, Washington, 23(3):157, May/June 1972.
- 10 - ATHERTON, P. Users and their needs. In: HANDBOOK for information systems and services. Paris, UNESCO, 1977. p.125.
- 11 - PAISLEY, W., op. cit., p.4-6.
- 12 - ATHERTON, P., op. cit., p.126.
- 13 - MENZEL, H. Information needs and uses. In: CUADRA, C.A. ed. *Annual review of information science and technology*. New York, Interscience, 1966. v.1. p.41-69.
- 14 - PAISLEY, W., op. cit., p.2.
- 15 - ALLEN, T. Information needs and uses. In: CUADRA, C.A., ed. *Annual review of information science and technology*. Chicago, Encyclopaedia Britannica, 1969. v.4. p.1-29.
- 16 - FORD, G., ed., op. cit., p.56.
- 17 - LINE, M.B. *Library surveys*. London, Clive Bingley, 1967. p.7-8.
- 18 - CUNHA, M.B. Metodologias para estudo dos usuários de informação científica e tecnológica. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, 10(2), jul./dez. 1982. p.7.
- 19 - ———. A técnica de Delfos e a pesquisa em biblioteconomia. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, 3(2):196-206, set. 1984.
- 20 - FORD, G., ed., op. cit., p.69.
- 21 - KAIRALLA, A.S. Técnica Delphi para análise de um sistema de informação: estudo de viabilidade. *Ciência da Informação*, Brasília, 13(1):11-23, jan./jun. 1984.
- 22 - PEREIRA, M.N. et alii. A aplicação da técnica do incidente crítico em estudos de usuários da informação técnico-científica. In: A CONTRIBUIÇÃO da psicologia para o estudo dos usuários da informação técnico-científica. Rio de Janeiro, Calunga, 1980. p.43-71.
- 23 - KREMER, J.M.A. A técnica do incidente crítico. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, 9(2):165-76, set. 1980.

- 24 - KREMER, J.M. *Information flow among engineers in a design company*. Urbana, EUA, 1980. 158p. Tese de doutoramento apresentada à University of Illinois.
- 25 - ANDRADE, F. *Estudos de usuários na área de engenharia básica da Petrobrás*. Rio de Janeiro, 1981. 125p. Dissertação de mestrado apresentada ao IBICT.
- 26 - KOGOTKOV, S.D. The theory of information requirements. *Scientific and Technical Information Processing*, New York (1):39-49, 1979.
- 27 - GRABCHENKO, A.M. The study of information needs within and interdisciplinary information agency. *Scientific and Technical Information Processing*, New York (2):21-6, 1975.
- 28 - SOGOMONIAN, A.A. & KARPENKO. A study of specialists' information needs at a major research institute. *Scientific and Technical Information Processing*, New York (2):61-66, 1975.
- 29 - LINGAM, P. The design engineer: his information requirements. *International Forum on Information and Documentation*, The Hague, 8(2):29-35, 1983.
- 30 - RABELLO, O.C. Usuário - um campo em busca de sua identidade? *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, 12(1):84-86, mar. 1983.
- 31 - *ibid*, p.86.
- 32 - WOOD, D.N. User studies: a review of literature from 1966-1970. *ASLIB Proceedings*, London, 23(1):11-23, jan. 1971.
- 33 - ROSENBERG, V. Factors affecting the preferences of industrial personnel for information gathering methods. *Information Storage and Retrieval*, London, 3(3):119-27, July 1967.
- 34 - ALLEN, T., apud. ROSENBERG., V., op. cit., p.126.
- 35 - VOIGT, M., apud ATHERTON, P., op. cit., p.125.
- 36 - WOOD, D.N., op. cit., p.11.
- 37 - BRITTAIN, J.M. *Information and its users; a review with special reference to the social sciences*. Bath, Bath University, 1970. 208p.
- 38 - FAIBISOFF, S. & ELY, D. Information and information needs. *Information Reports and Bibliographies*, 5 (5):6, 1976.

- 39 - HAART, H.P.H.-de. *Characteristics of social science information*; a selected review of the literature. FID, s.l., 1981. 82p.
- 40 - ———. Some characteristics of social science, social science information and social scientists. In: CURRENT issues and trends in education and training for information work in developing and developed countries; papers presented at the *FID Education and Training Committee Workshop*; Copenhagen, 1980. The Hague, 1981. p.3-15.
- 41 - ———. Social science and the characteristics of social science information and its users. *International Forum on Information and Documentation*, The Hague, 8(1):11-15, Jan. 1983.
- 42 - *ibid*, p.12-13.
- 43 - PEMBERTON, J. Access to the primary materials in the social sciences. *Aslib Proceedings*, London, 22(1): 22-30, Jan. 1970.
- 44 - LINE, M. & ROBERTS, S. The size, growth and composition of social science literature. *International Social Science Journal*, Paris, 28(1):126, 1976.
- 45 - PIATIER, A. General reflections on information and international statistics. *International Social Science Journal*, Paris, 28(3):439-48, Mar. 1976.
- 46 - ASLTB Proceedings. London, v.23, n.4, Apr. 1971. p.166.
- 47 - SWANN, D. Primary sources in economics. *Aslib Proceedings*, London, 23(4):167-74, Apr. 1971.
- 48 - WHITE, B. Primary materials in urban and regional planning. *Aslib Proceedings*, London, 23(4):187-98, Apr. 1971.
- 49 - RUSH, M. Primary materials in politics and political science. *Aslib Proceedings*, London, 23(4):175-86, Apr. 1971.
- 50 - LINE, M.B. Primary materials in the social sciences; conclusions. *Aslib Proceedings*, London, 23(4):203-6, Apr. 1971.
- 51 - WHITE, H.D. Toward a national information system for social science data files. *Journal of the American Society for Information Science*, New York, 28(6): 313-22, Jun. 1977.
- 52 - WOOD, D.N. & BOWER, C.A. The use of social science periodical literature. *Journal of Documentation*, London, 25(2):108-22, 1969.

- 53 - GOEHLERT, R. Periodical use in academic library; a study of economists and political scientists. *Special Libraries*, New York, 69(2):51-60, Feb. 1978.
- 54 - STEWART, J., apud GOEHLERT, R., op. cit., p.54-6.
- 55 - CAPLAN, N. Social research and national policy: what gets used, by whom for what purposes, and with what effects? *International Social Science Journal*, Paris, 28(1):187-94, Jan. 1976.
- 56 - HAART, H.P.H.-de. *Characteristics ...*, p.46.
- 57 - BRITAIN, J.M., op. cit., p.162.
- 58 - LINE, M., et alii. *Investigation into information requirements of the social sciences*. Bath, Bath University Library, 1971. 11p. Research report 2: Information requirements of social scientists in government departments.
- 59 - *ibid*, p.11.
- 60 - LINE, M.B. The information uses and needs of social scientists; an overview of INFROSS. *Aslib Proceedings*, London, 23(8):412-34, Aug. 1971.
- 61 - *ibid.*, p.431.
- 62 - *ibid.*, p.424.
- 63 - SKELTON, B., op. cit., p.146.
- 64 - PINHEIRO, L.V. *Usuário - informação; o contexto da ciência e da tecnologia*. Rio de Janeiro, LTC/IBICT, 1982. p.46.
- 65 - *ibid.*, p.57.
- 66 - CUNHA, M.B. *Necessidades de informação do geólogo em Minas Gerais*. Belo Horizonte, 1978. 131p. Dissertação de mestrado apresentada à UFMG.
- 67 - KREMER, J.M. *Estudo de usuários das bibliotecas da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, PUC, 1984. 311p.
- 68 - *ibid.*, p.59-63.
- 69 - GARCIA, M.L.A. *Uso da biblioteca entre professores do Instituto de Ciências Exatas da U.F.M.G.*, apud. KREMER, *ibid.*, p.60.
- 70 - SCHLEYER, J. O ciclo da comunicação e informação nas ciências sociais. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, 9(2):239, set. 1980.

- 71 - STENZEL, N. Bibliotecas e usuários na área de planejamento. *Cadernos de Biblioteconomia*, Recife, (6): 181-93, jun. 1983.
- 72 - CARNEIRO, M.V. *Necessidades e demandas de informação dos técnicos da SEPLAN-MG*. Belo Horizonte, 1982. 93p. Dissertação de mestrado apresentada à UFMG.
- 73 - KAIRALLA, S., op. cit.
- 74 - ROSENBERG, V. & CUNHA, M.B. *Uso de informação técnica e científica no Brasil*. Brasília, CNPq/IBICT, 1983. 132p.
- 75 - ibid., p.27.
- 76 - VIEIRA, A. da S. Informação para gerenciamento ambiental no Brasil. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, 9(2):177-94, set. 1980.
- 77 - ibid., p.193.
- 78 - EXON, F.C.A. Methodological problems in user studies, and the organization of in house research. In: REPRESENTATION and exchange of knowledge as a basis of information process. Amsterdam, North-Holland, 1984. p.250.
- 79 - FORD, G., ed., op. cit., p.6.

4 - AMBIENTE DE ESTUDO

A apresentação do ambiente de estudo inclui a instituição como um todo, o segmento institucional objeto de análise específica e o sistema de informação. Nesta apresentação está também incluída a maneira pela qual foram determinadas as unidades que compõem o segmento institucional objeto de análise.

A Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é um órgão da Secretaria de Planejamento da Presidência da República (SEPLAN) e tem como objetivo básico assegurar informações e estudos de natureza estatística, geográfica, cartográfica, demográfica, de recursos naturais, meio ambiente e poluição necessários ao conhecimento da realidade física, econômica e social do País, visando especialmente ao planejamento econômico e social e à segurança nacional. (1)

Para consecução desse objetivo o IBGE atua principalmente nas seguintes áreas de competência: estatísticas primárias - contínuas e censitárias; estatísticas derivadas-indicadores econômicos e sociais, sistemas de contabilidade social; pesquisas, análises e estudos estatísticos, demográficos, geográficos, geodésicos e cartográficos, levantamentos geodésicos, mapeamento e outras atividades cartográficas; sistematização de dados sobre meio ambiente e recursos naturais, com referência à sua ocorrência, distribuição e frequência. (2)

Este grande número de atividades e diversidade de áreas fazem do IBGE um dos exemplos mais significativos, em

termos de instituições brasileiras, da interdisciplinaridade das Ciências Sociais. (3)

O instrumento utilizado pelo IBGE, para cumprimento de suas atribuições, é o Plano Geral de Informações Estatísticas e Geográficas - Lei n.5.878, de 11.5.73, aprovado pelo Decreto 74.084, de 20.5.74, — através do qual o IBGE orienta e coordena as atividades dos Sistemas Estatístico e Cartográfico nacionais, dos quais fazem parte órgãos governamentais e outras entidades produtoras ou usuárias das informações dos sistemas. (4)

A divulgação das informações coordenadas pelo IBGE é feita através de publicações — periódicos, monografias, relatórios, mapas, cartas; produtos computarizados — fitas, listagens, tabulações especiais, etc. Seus usuários são unidades governamentais de planejamento, grupos sócio-econômicos, tais como entidades culturais e educacionais, órgãos das classes produtoras, professores, estudantes, organismos internacionais e estrangeiros, como a Organização das Nações Unidas (ONU), Organização para Alimentação e Agricultura das Nações Unidas (FAO), Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL), Bureau de Censo dos Estados Unidos, Banco Mundial, e outros. (5)

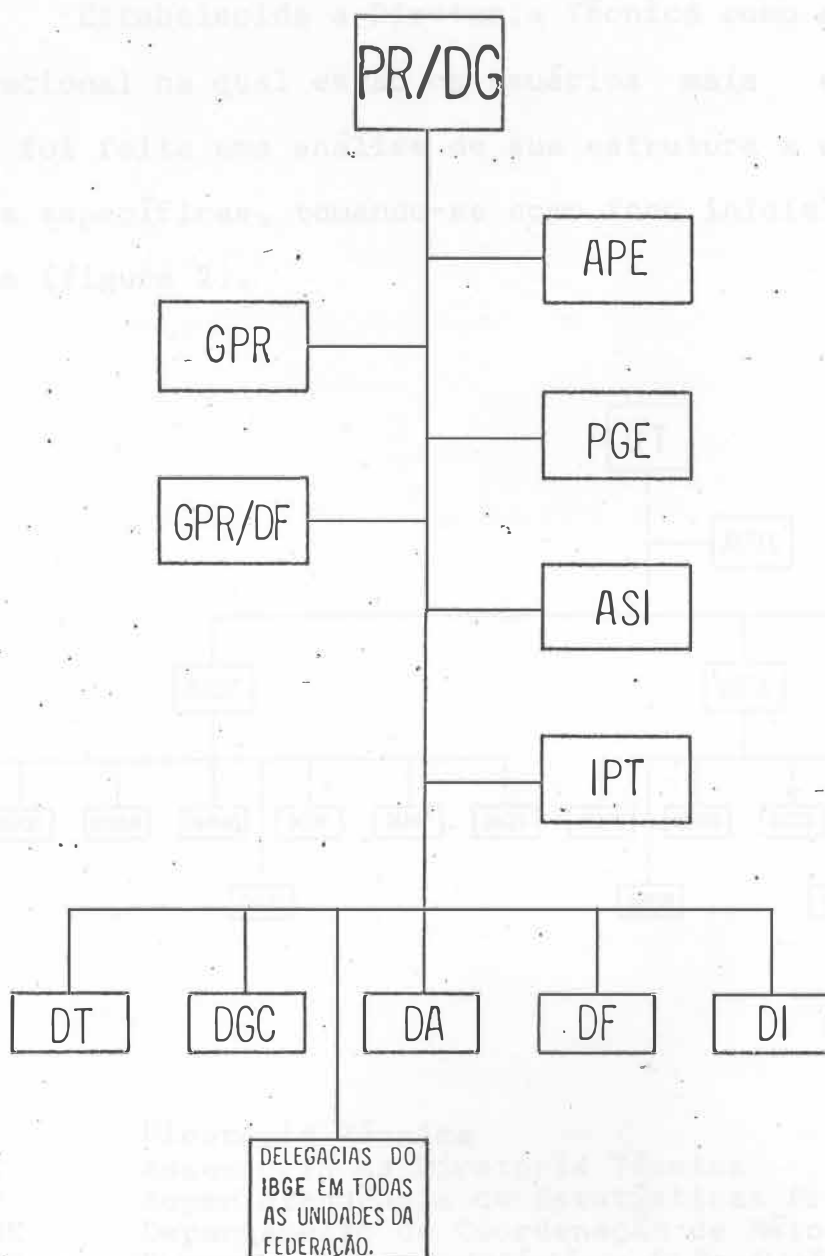
Deve ser ressaltado que o IBGE, além de produtor, é também usuário das próprias informações, uma vez que depois de coletar dados primários através de levantamentos, analisa-os e os interpreta, em estudos e pesquisas, além de analisar e reformular os próprios métodos de coleta dos dados, completando-se assim o ciclo da informação.

As unidades da estrutura organizacional do IBGE

encarregadas diretamente da produção e análise de informações, na época do levantamento de dados para esta dissertação (6), eram a Diretoria Técnica e a Diretoria de Geodésia e Cartografia (7). A estrutura do IBGE é apresentada em organograma (figura 1), para melhor compreensão da instituição como um todo.

4.1 - DT

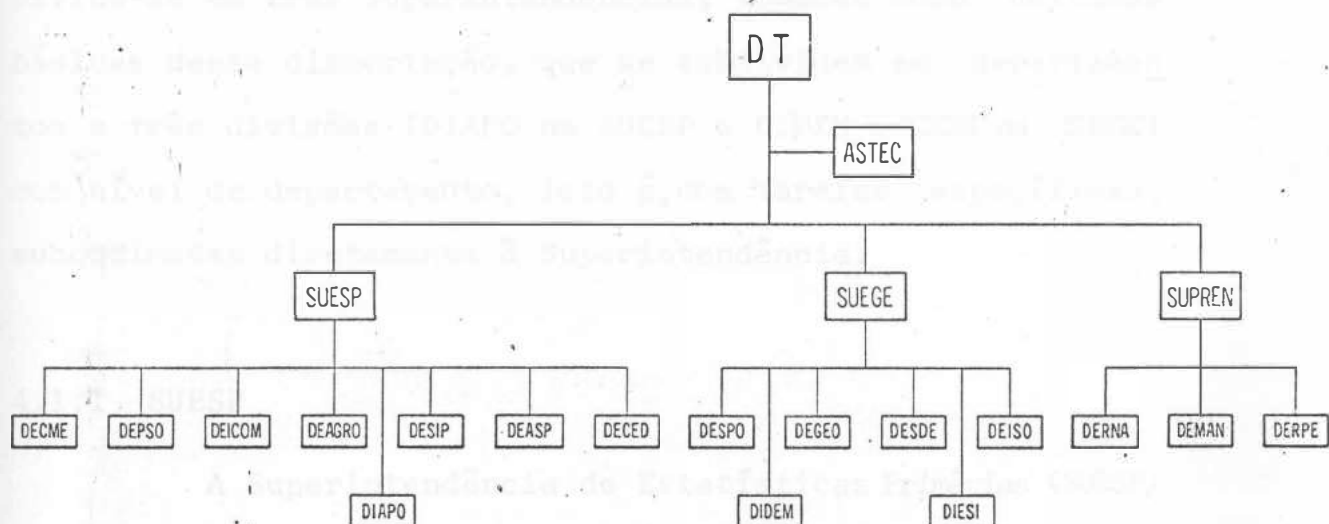
A Diretoria Técnica (DT) e a Diretoria de Geodésia e Cartografia (DGC) são as unidades do IBGE que executam as atividades fim do IBGE, dependendo porém das outras unidades institucionais para levar a termo suas atribuições. Por serem estas atribuições diferentes, não compatíveis no mesmo estudo de usuário, era preciso que se determinasse qual das duas diretorias dependia mais da Biblioteca Central no desempenho de suas atividades. Isto foi feito através das estatísticas de empréstimo e de solicitação de cópias feitas à Biblioteca Central, que mostraram a Diretoria Técnica com um número muito maior de usuários. Isto pode ser explicado pela existência de um sistema de documentação próprio na Diretoria de Geodésia e Cartografia, já que a maioria de suas fontes de informação — fotografias aéreas, imagens de satélite e radar, mapas, cartas, folhas topográficas, etc. — são também instrumentos de trabalho. (8)



PR/DG	Presidente/Diretor-Geral
APE	Assessoria de Planejamento e Projetos Especiais
GPR	Gabinete da Presidência, no Rio de Janeiro
PGE	Procuradoria-Geral
GPR/DF	Gabinete da Presidência, no Distrito Federal
ASI	Assessoria de Segurança e Informações
IPT	Inspetoria
DT	Diretoria Técnica
DGC	Diretoria de Geodésia e Cartografia
DA	Diretoria de Administração
DF	Diretoria de Formação e Aperfeiçoamento Pessoal
DI	Diretoria de Informática

Figura 1 - Organograma do IBGE (9)

Estabelecida a Diretoria Técnica como a unidade institucional na qual estão os usuários mais efetivos da BICEN, foi feita uma análise de sua estrutura e de suas atividades específicas, tomando-se como foco inicial seu organograma (figura 2).



DT	Diretoria Técnica
ASTEC	Assessoria da Diretoria Técnica
SUESP	Superintendência de Estatísticas Primárias
DECME	Departamento de Coordenação de Métodos
DEPSO	Departamento de Estatísticas de População e Sociais
DEICOM	Departamento de Estatísticas Industriais, Comerciais e de Serviços
DEAGRO	Departamento de Estatísticas Agropecuárias
DESIP	Departamento de Estatísticas de Índices de Preços
DEASP	Departamento de Estatísticas e Análise do Setor Público
DECED	Departamento do Censo Demográfico
DIAPO	Divisão de Apoio Operacional
SUEGE	Superintendência de Estudos Geográficos e Sócio-Econômicos
DESPO	Departamento de Estudos de População
DEGEO	Departamento de Estudos Geográficos
DESDE	Departamento de Estatísticas Derivadas e Estudos Econômicos
DEISO	Departamento de Estudos de Indicadores Sociais
DIDEM	Divisão de Desenvolvimento Metodológico
DIESI	Divisão de Estudos de Simulação

SUPREN	Superintendência de Recursos Naturais e Meio Ambiente
DERNA	Departamento de Recursos Naturais
DEMAN	Departamento de Meio Ambiente
DERPE	Departamento Regional de Pesquisas Ecológicas

Figura 2 - Organograma da Diretoria Técnica(10)

Como pode ser observado em seu organograma, a DT divide-se em três Superintendências, tomadas como unidades básicas desta dissertação, que se subdividem em departamentos e três divisões (DIAPO na SUESP e DIDEM e DIESI na SUEGE) com nível de departamento, isto é, com tarefas específicas, subordinadas diretamente à Superintendência.

4.1.1 SUESP

A Superintendência de Estatísticas Primárias (SUESP) é responsável pelos levantamentos das estatísticas primárias contínuas (anuais, mensais ou especiais) e censitárias (decenais e quinquenais) de natureza demográfica, social e econômica, além dos levantamentos de preços e montagem dos índices ao consumidor (INPC) e o levantamento de estatísticas econômicas de entidades públicas. É a SUESP que coordena a coleta de dados em todo o território nacional, feita através das Delegacias estaduais do IBGE-DEGE. Nas fases de planejamento e apuração dos levantamentos a SUESP trabalha com a Diretoria de Informática-DI, que se incumbem da elaboração dos programas para processamento dos dados em computador. Os dados produzidos pela SUESP são matéria-prima para os estudos e análises de outras unidades do IBGE.

4.1.2 SUEGE

A Superintendência de Estudos Geográficos e Sôcio-Econômicos(SUEGE) é responsável pela realização de pesquisas e estudos geográficos, demográficos e sôcio-econômicos. A área demográfica estuda as causas determinantes do crescimento da população, sua distribuição urbana e rural, além dos movimentos dessa população e sua fixação geográfica.

À área geográfica compete estudar o sistema urbano, o meio rural e o processo de regionalização, observando fatos geográficos e a integração do homem ao meio, na organização espacial do País.

A área econômica pesquisa as relações intersetoriais e elabora as matrizes de relações intersetoriais,além de levantar os indicadores de vários setores da economia brasileira.

À área social cabe elaborar indicadores sociais de população,educação, saúde, habitação, mão-de-obra, etc. e aplicá-los na análise de fenômenos sociais do País: condições, padrões e níveis de vida da sociedade brasileira.(12)

4.1.3 SUPREN

A Superintendência de Recursos Naturais e Meio Ambiente (SUPREN) incumbe-se de pesquisas e estudos dos recursos naturais (renováveis e não-renováveis), do meio ambiente e da poluição. A SUPREN deve realizar análises da situação ambiental das regiões brasileiras, inclusive de dados sobre poluição,possibilitando o desenvolvimento da Ecologia. O DERPE - Departamento Regional de Pesquisas Ecológicas está localizado

em Brasília, na Reserva Ecológica do IBGE, onde desenvolve pesquisas sobre a Região do Cerrado. (13)

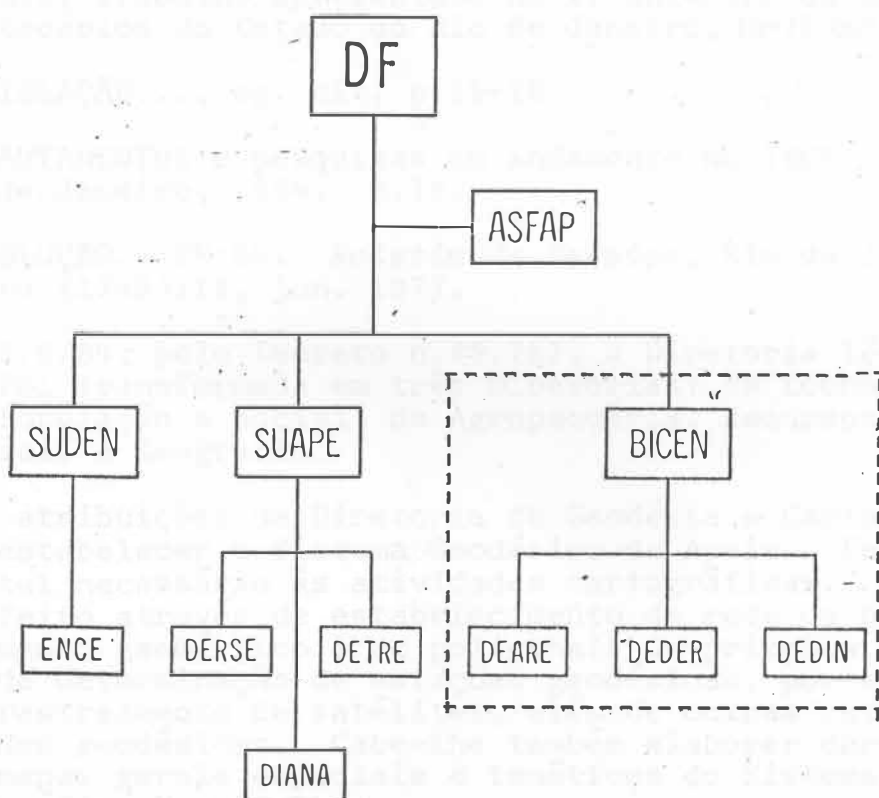
4.2 BICEN

Estão a seguir apresentadas algumas das características da Biblioteca Central (BICEN), que tornam mais clara sua relação com os usuários da DT.

A BICEN é uma superintendência da Diretoria de Formação e Aperfeiçoamento (figura 3) e tem como atribuição atender todas as áreas do IBGE, não só através do seu acervo e serviços, como também através de orientação às bibliotecas setoriais (14). Seu acervo é constituído de cerca de 35 mil livros e folhetos, 3000 títulos de periódicos (1.700 correntes), 10.000 mapas e cartas, além de microfichas de questionários sobre informações básicas municipais e arquivos de informações sobre a evolução administrativa de municípios brasileiros.

A BICEN está localizada no Centro do Rio de Janeiro e em relação à Diretoria Técnica (DT), está próxima apenas do Departamento de Estudos de Indicadores Sociais (DEISO), um dos departamentos da SUEGE (15). Os técnicos têm contato com o acervo da BICEN principalmente através de publicações periódicas de alerta, de bibliografias e de catálogos das coleções existentes (16). Os usuários do IBGE podem solicitar empréstimos de livros e de periódicos, além de cópias de artigos e de partes de livros do acervo, que são remetidos a seus locais de trabalho. Quando as publicações são de uso constante e de interesse mais específico de um grupo de

usuários, elas ficam nos departamentos, sob sua responsabilidade, na forma de "empréstimo permanente". Entre os serviços da BICEN estão o empréstimo entre bibliotecas e a comutação bibliográfica, para suprir a demanda das publicações que não fazem parte do acervo, e a pesquisa bibliográfica feita de acordo com a solicitação dos usuários.



DF	Diretoria de Formação e Aperfeiçoamento de Pessoal
ASFAP	Assessoria da Diretoria de Formação e Aperfeiçoamento
SUDEN	Superintendência de Ensino
ENCE	Escola Nacional de Ciências Estatísticas
SUAPE	Superintendência de Aperfeiçoamento
DERSE	Departamento de Recrutamento e Seleção
DETRE	Departamento de Treinamento
DIANA	Divisão de Qualidade Ambiental
BICEN	Biblioteca Central
DEARE	Departamento de Aquisições e Registros
DEDER	Departamento de Documentação e Referência
DEDIN	Departamento de Informações

Figura 3 - Organograma da Diretoria de Formação e Aperfeiçoamento de Pessoal (17)

NOTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - NASCIMENTO, M.G. *Legislação básica e campanha estatística*. Rio de Janeiro, IBGE, 1984. 49p. Relatório de pesquisa.
- 2 - LEGISLAÇÃO básica. Rio de Janeiro, IBGE, 1976. p.35.
- 3 - CARVALHO, M.B.P. de & SÁ, R. de A. A interação biblioteca/usuário numa instituição de Ciências Sociais. p.2. Trabalho apresentado no 1º Encontro de Bibliotecários do Estado do Rio de Janeiro, 19-23 out. 1981.
- 4 - LEGISLAÇÃO..., op. cit. p.15-29.
- 5 - LEVANTAMENTOS e pesquisas em andamento no IBGE. Rio de Janeiro, 1984. p.19.
- 6 - RESOLUÇÃO - PR 04. *Boletim de Serviço*, Rio de Janeiro (1296):18, jun. 1977.
- 7 - Em 6/6/84, pelo Decreto n.89.762, a Diretoria Técnica foi transformada em três Diretorias: de Economia; de População e Social; de Agropecuária, Recursos Naturais e Geografia.
- 8 - São atribuições da Diretoria de Geodésia e Cartografia estabelecer o Sistema Geodésico de Apoio Fundamental necessário às atividades cartográficas. Isto é feito através de estabelecimento de rede de nivelamento geométrico e de poligonais de primeira ordem; de determinação de estações geodésicas, por meio de rastreamento de satélites, além de outras atividades geodésicas. Cabe-lhe também elaborar cartas e mapas gerais especiais e temáticos do Sistema Cartográfico Nacional.
- 9 - LEVANTAMENTOS..., op. cit. p.32.
- 10 - LEVANTAMENTOS..., op. cit. p.58.
- 11 - ORGANIZAÇÃO e funcionamento do IBGE. Rio de Janeiro, IBGE, 1978. v.3. p.48-55.
- 12 - *ibid.*, p.56-63.
- 13 - *ibid.*, p.64-67.
- 14 - As Bibliotecas setoriais são as da Escola Nacional de Ciências Estatísticas (ENCE), da Diretoria de Informática (DI), das Delegacias nos estados, da Reserva Ecológica do IBGE e da Procuradoria Geral do IBGE.

- 15 - Os outros departamentos da DT estão em Mangueira ou em Santo Cristo, com excessão do Departamento Regional de Pesquisas Ecológicas, que fica na Reserva Ecológica do IBGE, em Brasília.
- 16 - A BICEN tem três publicações periódicas: *Boletim Bibliográfico*, que publica trimestralmente referências e resumos de artigos e livros selecionados entre as novas aquisições do acervo; *Lista de Novas Aquisições*, que relaciona mensalmente os livros, material cartográfico e títulos de periódicos incorporados ao acervo; *Sumários de Periódicos Correntes*, que reproduz mensalmente os sumários dos fascículos mais recentes das coleções. Entre os catálogos e bibliografias pode-se citar: *Periódicos Correntes na Biblioteca Central do IBGE*, *Catálogo das Publicações Periódicas do IBGE*, *Bibliografia sobre Recenseamento no Brasil*.
- 17 - LEVANTAMENTOS e pesquisas em andamento no IBGE 1982/83. Rio de Janeiro, IBGE, 1984. p.38.

5 - MATERIAL E MÉTODO

Por estarem interligados neste trabalho, material e método são apresentados juntos.

A primeira etapa da pesquisa constituiu-se de uma pré-análise do TBGE e determinação das unidades administrativas objeto de estudo, tal como está apresentado na seção 4. Feita esta determinação, foram especificados os usuários a serem analisados, desenvolveu-se o instrumento e a técnica da análise, e a forma de tratar os dados coletados.

5.1 Os usuários

Embora os usuários a serem estudados fossem aqueles lotados na Diretoria Técnica, fazia-se necessário especificar quais as outras características de delimitação desta população. Isto foi feito com base em definições da UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (1) (2) e da OCDE - Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (3), que desenvolvem as padronizações das referências ao trabalho científico e tecnológico. Estas instituições designam como investigadores e especialistas, pessoas que tenham pelo menos um diploma de nível superior e que realizem efetivamente trabalho de investigação em um ramo da Ciência, ou que estejam engajadas na concepção, criação e/ou desenvolvimento de novos conhecimentos, produtos, processos, métodos e sistemas. Tam

bem incluem na categoria de investigador e especialista pessoas que não têm título acadêmico, mas cuja prática e reconhecimento profissional permitem-lhes que exerçam essas funções.

O *Manual de Recursos Humanos* do IBGE, coletânea de atos normativos sobre pessoal (4), atribui apenas aos cargos de nível superior as tarefas de elaborar programas e dirigir a execução de pesquisas ou levantamentos, analisar dados, redigir pareceres técnicos, colaborar na elaboração de análises, planos de pesquisas, experimentos, levantamentos e determinação de normas técnicas de serviço. Com esses elementos e já definida a Diretoria Técnica como a área de análise, foi possível estabelecer as três características básicas dos usuários/técnicos:

- a - estar lotado na DT;
- b - ocupar cargo de nível superior;
- c - ter formação de nível superior, ou reconhecimento profissional, através de registro (provisionamento).

Por ser o IBGE uma instituição de caráter interdisciplinar, englobando várias ciências sociais e disciplinas correlatas, há, entre os técnicos da DT, economistas, geógrafos, cartógrafos, estatísticos, demógrafos, sociólogos, agrônomos, etc. (Ver tabela 4) O planejamento e o estudo de um censo demográfico, por exemplo, exigem a atuação integrada de várias áreas do conhecimento, como Estatística, Demografia, Sociologia, Cartografia, Geografia. Os técnicos da SUESP dedicam-se primordialmente à produção de dados, isto é, levantamento de estatísticas primárias, enquanto que os da SUEGE e os da SUPREN voltam-se mais para o desenvolvimento de pesquisas e estudos. Há, portanto, en-

tre os técnicos da DT, pesquisadores e profissionais (práticos ou executores) (5), alguns deles com cargos de chefia, ou com funções de assessoria.

5.1.1 Identificação da População e Determinação da Amostra

Para a confecção do cadastro de técnicos não se pode obter uma relação no Departamento de Pessoal do IBGE. Recorreu-se então a um fichário de lotação de pessoal existente na Diretoria Técnica. Deste fichário foram selecionadas as pessoas que tinham as características estabelecidas dos usuários/técnicos (6) e com o emprego do Statistical Analysis System (SAS) (7) criou-se um cadastro dos técnicos, registrando-se as seguintes variáveis: nome, data de admissão, formação acadêmica, lotação e cargo de chefia. Foram identificados 489 técnicos, assim distribuídos:

Quadro 1 - Técnicos da DT por Superintendência

SUPERINTENDÊNCIA	N. DE TÉCNICOS
SUESP	208
SUEGE	217
SUPREN	64
TOTAL	489

Em uma pesquisa como o presente trabalho, que se utiliza de técnicas empregadas em levantamentos, que se não abordadas no item 5.2, o estabelecimento de uma amostra para o estudo de uma população já determinada apresen

ta uma série de vantagens (8). Entre outras, destacam-se: a mensuração das características da população que se deseja observar pode ser feita de maneira mais acurada do que em uma população; os erros e os vieses em censos são muito mais difíceis de controlar e são mais sérios do que os erros das estimativas derivadas de uma amostra. Outra razão, menos técnica talvez, mas de suma importância, que contribui para o estabelecimento de uma amostra, é a falta de tempo e de pessoal para a realização de um censo (9), o que também se aplica neste estudo.

Fixou-se então uma amostra de tamanho 100 que representa 20,45% do total da população. Para se atingir o objetivo do estudo, ficou determinado que as superintendências e todos os departamentos pertencentes a elas participariam da amostra. Para tanto, um modelo de amostra aleatória simples foi utilizado para cada uma das superintendências.

A distribuição na amostra do número de técnicos foi proporcional ao total de técnicos de cada superintendência. (10). Determinado o tamanho da amostra em cada superintendência, este também foi distribuído proporcionalmente ao número de técnicos de cada departamento.

O quadro 2 mostra como ficou a distribuição da amostra em cada superintendência e em cada departamento.

Quadro 2 - Distribuição da Amostra por Superintendência

SUPERINTENDÊNCIA	DEPARTAMENTO	TOTAL DOS TÉCNICOS	
		população	amostra
SUESP	Gabinete e Aseps	3	1
	DIAPO	10	2
	DEAGRO	44	9
	DEASP	6	1
	DECED	6	1
	DECME	36	7
	DEICOM	47	9
	DEPSO	28	6
	DESIP	28	6
-	-	208	42
SUEGE	Gabinete e Asege	3	1
	DIDEM	8	2
	DIESI	8	2
	DEGEO	88	17
	DEISO	30	6
	DESDE	52	10
	DESPO	28	6
-	-	217	44
SUPREN	Gabinete e Asren	4	1
	DEMAN	21	5
	DERNA	29	6
	DERPE	10	2
-	-	64	14

Dos 100 técnicos selecionados 42 pertencem à SUESP, 44 à SUEGE e 14 à SUPREN.

A etapa seguinte constituía-se da identificação dos indivíduos que comporiam a amostra. Para isto foi feita uma segunda listagem com todas as pessoas separadas por departamentos/divisões, ordenando-se os nomes por ano de admissão no IBGE, usando-se novamente os recursos do SAS.

Feito isto e já determinado o número de técnicos

cos a serem selecionados em cada departamento/divisão, lançou-se mão de uma tabela de números aleatórios, para que os técnicos fossem selecionados aleatoriamente. Foi também elaborada uma amostra de substitutos, do mesmo tamanho, para casos especiais de não localização do técnico selecionado: por estar ele em viagem, de licença, de férias ou em serviço externo.

5.2 Entrevista/Questionário

Entre os métodos de estudo de usuários apresentados por Cunha (11), o que se mostrou mais indicado foi o da entrevista individual, feita com a utilização de um questionário semi-estruturado, aplicado pela mesma pessoa (12), o que, de certa forma, assegura a uniformidade na coleta dos dados (13). As vantagens que o método da entrevista proporciona são: assegurar a obtenção das respostas — dificilmente as pessoas se recusam a colaborar com um colega quando abordadas pessoalmente; possibilitar esclarecimentos às perguntas; permitir que o entrevistador faça observações marginais ao questionário, observações estas sempre elucidativas na análise dos dados. No caso particular do IBGE, a entrevista proporcionaria também uma aproximação maior, através do contato direto com os usuários, em sua maioria localizados fisicamente longe da biblioteca.

Quanto ao questionário, ele estabelece um roteiro para a entrevista, evitando a dispersão de assuntos, além de facilitar a apuração dos dados. Sua rigidez pode ser quebrada pela inclusão de algumas perguntas abertas, que

permitem a obtenção de informações não previstas nas perguntas fechadas (14).

Estabelecida a população e o método para estudá-la, iniciou-se a construção do questionário, o instrumento da coleta de dados.

A realização de algumas entrevistas informais foi de grande utilidade nessa etapa. Foram contactados técnicos das três superintendências, SUESP, SUEGE, SUPREN, além de geógrafos, estatísticos e ecólogos lotados na Biblioteca Central. Através dessas entrevistas foram obtidos dados sobre as fontes utilizadas e sobre o fluxo da informação em cada Superintendência, suas ligações com outras unidades do IBGE, além de particularidades sobre seus técnicos e atividades por eles desenvolvidas. Com o auxílio desses elementos foi montada a versão inicial do questionário (15), que incluía, entre outras, uma série de perguntas que buscavam caracterizar um *incidente crítico*.

Esta técnica, inicialmente utilizada em estudos de observação, foi transposta para questionários e entrevistas de estudos de usuários, através de perguntas que levam o usuário a descrever seu comportamento numa situação específica em que procurou por uma informação. Estas informações sobre seu comportamento podem ser comparadas às suas opiniões sobre fontes, canais ou sistemas de informação obtidas através de outras perguntas do questionário. (16)

Fez-se em seguida um teste da rotina da coleta de dados com a finalidade de verificar a clareza, fluência e tempo de aplicação do questionário. (17) Dez técnicos das três superintendências foram entrevistados, incluindo-

-se estatísticos, geógrafos, sociólogos, economistas e estatísticos provisionados. Alguns ajustes mostraram-se necessários: perguntas foram eliminadas por serem desnecessariamente repetitivas, outras foram modificadas na forma ou no vocabulário, valores semânticos foram acrescentados às respostas com escalas numéricas. Por exemplo, a pergunta: "Para seu trabalho no IBGE qual é a utilidade de cada uma das seguintes fontes de informação?", tinha respostas em escala do tipo numérico, com valores semânticos nos extremos: não utiliza - 1 - 2 - 3 - 4 - 5 - muito útil. No teste, este tipo de escala foi rejeitado pela maioria dos entrevistados. Foi preciso acrescentar outros valores semânticos: 2 - de pouca utilidade; 3 - de utilidade regular; 4 - útil. Estabeleceu-se a utilidade de fornecer um jogo de cartões aos usuários, com as respostas em escala, técnica já utilizada com êxito em estudo realizado no Brasil sobre o uso da informação científica e técnica (18). A consulta às escalas ajuda os usuários em perguntas com muitos itens, como a de avaliação das fontes de informação, contribuindo para a fluência da entrevista.

O desenho do questionário também sofreu modificações: aumentou-se o espaço para as perguntas abertas e foram indicadas continuações para facilitar a fluência da entrevista. (19) Por exemplo, na pergunta: "Tem mestrado?" a resposta *sim*, tem a indicação de seguir para: "Em que área?"; a resposta *não*, tem a indicação de passar para a pergunta que indaga sobre a "utilidade de cada uma das fontes de informação"..., e assim sucessivamente, tornando o questionário um instrumento conversacional.

O questionário (anexo 1) está dividido em 4 partes:

A primeira parte refere-se aos dados pessoais dos usuários. O item *lotação* era preenchido previamente pelo entrevistador; as perguntas 1 e 2 são de caráter funcional; da 3 a 11 verifica-se a formação acadêmica dos técnicos.

A segunda parte apura as necessidades de informação. A pergunta 11 lista 28 fontes (documentos), das mais comuns, como livros, periódicos, etc., às mais específicas das atividades do IBGE: cadernetas de campo, fotografias aéreas, mosaicos, publicações do IBGE, etc. Da 12 à 18 verifica-se o acesso à informação e às outras fontes e canais utilizados pelos técnicos; canais internos (na DT e em outras unidades do IBGE) e canais externos, além do conhecimento de línguas e títulos de periódicos utilizados efetivamente. Da 19 à 25 aplica-se a técnica do incidente crítico.

A parte três refere-se aos serviços da BICEN. Da pergunta 26 à 29 questiona-se a utilização dos serviços: sua qualidade e utilidade. A pergunta 30 e a 31 verificam o uso de outras bibliotecas.

A parte quatro, com duas perguntas abertas, visou a uma avaliação da pesquisa em si e a obter mais dados e opiniões sobre a Biblioteca Central.

O jogo de cartões (anexo 2) devia ser entregue aos usuários no início da entrevista, e o tempo da entrevista -- início e fim -- devia ser anotado pelo entrevistador, no questionário.

5.2.1 Codificação

Um aspecto que se fez claro no término do questionário foi a necessidade de se criar códigos ou de se estabelecer meios que facilitassem o processamento dos dados e que permitissem fechar as perguntas abertas (20). Isto evitaria interpretações diversas para respostas de conteúdo igual, mas ditas de formas diferentes, já que nem sempre os usuários empregam o mesmo vocabulário. Este fato ocorre até em respostas objetivas, como a formação acadêmica, títulos de periódicos, etc. Para a formação acadêmica, a fonte de referência estabelecida foi o *Catálogo Geral de Instituições de Ensino Superior* (21); para os títulos de periódicos foram usados o *Catálogo Coletivo Nacional de Publicações Seriadas* (22) e *Periódicos Correntes na Biblioteca Central do IBGE* (23), entre outras bibliografias de periódicos.

No incidente crítico (19 a 25), quase todas as perguntas precisavam ser fechadas. A pergunta 20, "Qual era o assunto desta informação?", requeria a sistematização dos assuntos citados. Para isso utilizou-se, com algumas adaptações e acréscimos, os itens do Plano Geral de Informações Estatísticas e Geográficas (24), que estabelece as informações sob a responsabilidade do IBGE, atribuindo-lhes códigos numéricos. A classificação em tipos de informação foi estabelecida de acordo com as seguintes formulações: *teórica* - informação sobre os princípios de uma ciência ou sobre um aspecto particular desta ciência; *dado estatístico* - elemento numérico que representa uma determinada informa

ção em levantamentos estatísticos; *metodológica* - informação sobre as formas do desenvolvimento das pesquisas, levantamentos, estudos; *descritiva/histórica* - informação objetiva ou histórica sobre um assunto específico; *operacional* - informação sobre o veículo ou suporte de informações; *legislação* - informação sobre leis, decretos, etc.

Na pergunta 22, "Como procurou esta informação? Quais foram a primeira, a segunda e a terceira fontes utilizadas?" (e o lugar de cada fonte), os itens de outras perguntas seriam utilizados para fechar as respostas. Exemplo: os tipos de documentos citados como fontes pelos usuários seriam codificados pela pergunta 11, "Para seu trabalho no IBGE, qual é a utilidade de cada uma das seguintes fontes de informação?" Esta pergunta lista uma série de fontes: anais de congressos, anotações pessoais, cadernetas de campo, etc., que serviriam para codificar as fontes documentais citadas pelos usuários. Os itens da pergunta 12, "Para seu trabalho no IBGE, com que frequência procura publicações ou documentos nos seguintes lugares?", são: seu próprio arquivo/biblioteca particular; estante/arquivo de sua unidade de trabalho, etc., que seriam utilizados para codificar os lugares onde foram localizadas as fontes. Caso a fonte do incidente crítico fosse uma pessoa, a categoria e a localização desta pessoa seria codificada pelos itens da pergunta 13, "Para seu trabalho no IBGE, com que frequência se comunica com as seguintes pessoas para obtenção de informações?": colegas de mesma unidade de trabalho; outros colegas da DT, colegas da DI, etc.

5.2.2 Aplicação do Questionário

Estabelecidos os usuários a serem entrevistados e o desenho definitivo do questionário, a etapa seguinte visava à coleta de dados. Para isto organizou-se a relação dos nomes dos técnicos prioritários às entrevistas e de seus substitutos, em quadros, por departamentos/divisões de cada superintendência, com colunas para anotação dos seguintes itens: número do questionário respondido, já que os entrevistados não eram identificados pelos nomes e se poderia precisar de esclarecimentos sobre alguma resposta mal anotada ou esquecida pelo entrevistador; endereço (andar, sala, tel., etc.); data; hora marcada, caso não se conseguisse a entrevista em um primeiro contato, e observações. Este controle administrativo da pesquisa (25) contribuiu muito para abreviar o tempo de levantamento dos dados.

A Superintendência da Biblioteca Central encarregou-se de expor aos três superintendentes da DT os objetivos da pesquisa e o interesse da Biblioteca em sua realização. Estes designaram pessoas de sua assessoria para facilitar os contatos ou dar as informações que se fizessem necessárias.

Quase sempre as entrevistas eram feitas nos locais de trabalho. Em alguns casos procurava-se locais mais isolados, principalmente na SUESP, onde alguns técnicos trabalham em salas com muito movimento. Duas entrevistas foram feitas em Brasília, no Departamento Regional de Pesquisas Ecológicas (DERPE), da SUPREN, pela bibliotecária da Reserva Ecológica do IBGE.

O questionário foi utilizado apenas pelo entrevistador, que se encarregava de anotar as respostas. Isto não foi feito pelos usuários porque se pretendeu estabelecer contatos informais, o que seria dificultado se o entrevistado tivesse que preencher o questionário. A receptividade às entrevistas foi boa, havendo apenas uma recusa. Durante as entrevistas foram distribuídos folhetos de divulgação da biblioteca e esclareceram-se várias dúvidas sobre seus serviços, o que contribuiu para a informalidade.

Para completar as 100 entrevistas foram necessários 25 dias úteis (novembro/dezembro de 1983), no horário de 9 às 17h. O tempo mínimo foi de 15 minutos (três pessoas) e o máximo de 70 minutos (uma pessoa). O tempo médio das entrevistas é apresentado na tabela 1.

Tabela 1: Tempo médio de duração das entrevistas nas unidades (26)

UNIDADES	TEMPO MÉDIO (min.)	n
DT	35	100
SUESP	33	42
SUEGE	37	44
SUPREN	36	14

No final da entrevista, se possível, ou no final de cada dia, fazia-se a revisão dos questionários. Depois das 100 entrevistas fez-se uma revisão final e as

perguntas abertas foram fechadas com os códigos já estabelecidos. Providenciou-se então o tratamento dos dados para análise.

5.3 Processamento dos Dados

O uso do computador era um recurso importante no processamento de 100 questionários com 33 perguntas, algumas com vários itens. Por isto seguiu-se a orientação da Diretoria de Informática do IBGE, que se encarregou do processamento dos dados através de seu computador IBM modelo 3032 e da utilização do programa SAS. Os dados contidos nos 100 questionários foram transcritos em folhas de codificação e, em seguida, registrados em cartões perfurados.

Foram feitas revisões das folhas de codificação e dos relatórios impressos. Estes eram basicamente quatro: um geral, agregado pela Diretoria Técnica e outros três, agregados por superintendências, separadamente. (27)

5.4 Análise dos Dados

A análise dos dados foi feita com base na amostra e, portanto, os resultados apresentados para cada pergunta referem-se aos grupos pesquisados nesta amostra. Os dados estão apresentados em tabelas, onde cada grupo está designado pelo nome da superintendência correspondente. O total, designado DT, expressa a tendência geral do grupo. Nas tabelas estão apresentados os números percentuais em lugar dos números absolutos, arredondando-se os números percentuais para números inteiros, de acordo com as normas de arredondamento (28) e aceitando-se uma margem de erro de até 1%.

Os percentuais foram calculados em relação à amostra (n) de cada unidade (SUESP 42; SUEGE 44; SUPREN 14), exceto em análises específicas, onde a base de cálculo está devidamente indicada.

NOTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - RECOMENDAÇÃO para normalização internacional de dados estatísticos sobre ciência e tecnologia, adotada pela Conferência Geral da UNESCO... Trad. I. Bronzeado. Brasília, CNPq, 1980. s.p.
- 2 - ENCUESTA especial sobre actividades científicas y técnicas en las Ciencias Sociales y Humanas. Paris, UNESCO, 1979. p.17-19. STS/Q/781.
- 3 - MEDIÇÃO de actividades científicas "Manual Frascati". Trad. I. Bronzeado. Brasília, OCDE/CNPq, 1978. 150p.
- 4 - MANUAL de recursos humanos. Rio de Janeiro, IBGE, s.p.
- 5 - BACK, H. What information dissemination studies imply concerning the design of on-line reference retrieval systems. *Journal of the American Society for Information Science*, Washington, 23(3):157, May/June 1972.
- 6 - Os superintendentes não foram incluídos por terem atribuições de gerência administrativa características à sua função, portanto diferentes das atribuições dos outros técnicos.
- 7 - SAS user's guide: basics. Cary, E.U.A., SAS Institute, 1982. 923p.
- 8 - "Os termos *população* e *universo* são frequentemente usados como sinônimos... é preferível limitar o termo *população* a um conjunto finito de elementos, definido pelo pesquisador em função de seus interesses teóricos e substantivos. A definição do que seja uma *população* é, portanto, sempre arbitrária". SOUZA, Amaury. Método e improvisação, ou como conseguir uma entrevista naquele setor que vai dos fundos da Igreja Matriz... In: A AVENTURA sociológica. Rio de Janeiro, Zahar, 1978. p.90.

9 - ibid., p.90-1.

10 - A garantia da amostra está baseada nas seguintes fórmulas:

a) total estimado: $\hat{Y}' = \frac{N}{n} \cdot y'$

b) variância do estimador: $\text{Var}(\hat{Y}') = N(N-n) \cdot \frac{\sigma^2_{\text{máx}}}{n}$

c) erro de amostragem: $E' = \frac{\sqrt{\text{Var}(\hat{Y}')}}{\hat{Y}'} \times 1,96$

onde: N= tamanho da população

n= tamanho da amostra

y' = nºs de técnicos na amostra que possuem determinada característica

$\sigma^2_{\text{máx}} = pq$

$$p = \frac{n_i}{n}$$

$$q = 1-p$$

quando a variância é máxima $p = \frac{1}{2}$ e $q = \frac{1}{2}$

Foi escolhida a característica "número de técnicos que utilizam a BICEN" para se calcular a garantia da amostra. Na SUESP, 28 técnicos da amostra utilizam a BICEN; na SUEGE, 41 técnicos e na SUPREN 14. (tabela 23).

Quadro 3: Garantia da Amostra

SUPERINTENDÊNCIA	POPULAÇÃO	AMOSTRA	TOTAL ESTIMADO	VARIÂNCIA DO ESTIMADOR	ERRO DE AMOSTRAGEM
SUESP	$N_1=208$	$n_1=42$	$\hat{Y}'_1=138,67$	$\text{Var}(\hat{Y}'_1) = 205,5238$	$\epsilon'_1=0,202635$
SUEGE	$N_2=217$	$n_2=44$	$\hat{Y}'_2=202,20$	$\text{Var}(\hat{Y}'_2) = 213,3011$	$\epsilon'_2=0,141567$
SUPREN	$N_3= 64$	$n_3=14$	$\hat{Y}'_3=64$	$\text{Var}(\hat{Y}'_3) = 57,1429$	$\epsilon'_3=0,231503$

A estimativa dos técnicos que usam a BICEN é de: SUESP, $\hat{Y}'_1=138,67$, com o erro de 0,202635; SUEGE $\hat{Y}'_2=202,20$, com o erro de 0,141567 e SUPREN $\hat{Y}'_3=64$, com o erro de 0,231503.

- 11 - CUNHA, M.B. Metodologias para estudo dos usuários de in formação científica e tecnológica. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, 10(2):5-19, jul./dez. 1982.
- 12 - *ibid.*, p.9-10.
- 13 - LINE, M.B. Collecting the information. In: *Library surveys*. London, Clive Bingley, 1969. p.66.
- 14 - CUNHA, *op. cit.*, p.8.
- 15 - HOINVILLE, G. & JOWELL, R. *Survey research practice*. London, H.E.B., 1978. p.9-12.
- 16 - KREMER, J.M. A técnica do incidente crítico. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, 9(2):166-67, set. 1980.
- 17 - LINE, *op. cit.*, p.60.
- 18 - ROSENBERG, V. & CUNHA, M.B. *Uso de informação técnica e científica no Brasil*. Brasília, CNPq/IBICT, 1983. Relatório de pesquisa.
- 19 - HOINVILLE, G., *op. cit.*, p.45-50.
- 20 - WOOD, D.N. Discovering the user and his information needs. *ASLIB Proceedings*, London, 21(7):270 July 1979.
- 21 - CATÁLOGO geral de instituições de ensino superior. Brasília, MEC, 1979. 402p.
- 22 - CATÁLOGO coletivo nacional de publicações seriadas. Brasília, IBICT, 1982. (30/12/81). 39 microfichas.
- 23 - PERIÓDICOS correntes na Biblioteca Central do IBGE. 2 ed. Rio de Janeiro, IBGE, 1984. 258p.
- 24 - LEGISLAÇÃO..., *op. cit.*, p.18-29.
- 25 - HOINVILLE, G., *op. cit.*, p.92.
- 26 - Na SUESP verificaram-se simultaneamente, o maior e o menor tempo de duração das entrevistas bem como a menor média: 33 min. Esta média foi ocasionada, talvez, pela maior incidência, na SUESP, de ausência de respostas a alguns dos segmentos do questionário, como os relativos à formação acadêmica (pergunta 3 do questionário - anexo 1), à utilização de revistas (pergunta 16) e ao incidente crítico (pergunta 19), além de outros, como será demonstrado nas análises desses resultados.
- 27 - HOINVILLE, G., *op. cit.*, p.153-54.
- 28 - NORMAS de apresentação tabular. Rio de Janeiro, IBGE, 1979. p.19-22.

6 - RESULTADOS

As funções de assessoria ou chefia nas superintendências da DT têm os mesmos níveis hierárquicos (assistência de superintendência e de departamentos, chefia de departamentos, divisões, serviços e setores), embora cada superintendência apresente características particulares para o desempenho dessas funções. Os técnicos que as desempenham são particularmente significativos nas suas superintendências, pelas responsabilidades que lhes são atribuídas. A pergunta 1, "É titular, assistente ou responde por alguma unidade da DT?", indicou 45% na SUESP, 27% na SUEGE e 43% na SUPREN, de técnicos em cargos de assessoria ou chefia, o que torna as amostras mais acuradas.

Tabela 2: Porcentagem de técnicos nas unidades, por ano de admissão.

(Pergunta 2: Em que ano começou a trabalhar no IBGE?)

(continua)

ANO	U N I D A D E S			
	DT %	SUESP %	SUEGE %	SUPREN %
42	5	10	2	-
43	2	-	2	7
45	4	5	5	-
50	5	7	2	7
51	1	2	-	-
52	1	-	2	-
53	2	-	2	7
54	1	-	2	-
55	1	-	2	-
56	1	-	-	7
57	1	-	-	7
61	2	5	-	-
62	2	5	-	-
63	1	-	2	-
64	1	2	-	-
68	2	2	2	-
70	3	5	-	7
71	5	5	2	14

Tabela 1: Percentagens de técnicas nas unidades. (conclusão)

ANO	U N I D A D E S			
	DT %	SUESP %	SUEGE %	SUPREN %
72	7	7	7	7
73	14	7	21	14
74	7	2	14	-
75	4	2	5	7
76	2	-	5	-
77	4	2	5	7
78	12	19	7	7
79	6	7	7	-
80	1	-	2	-
81	1	2	-	-
82	2	2	2	-
n	100	42	44	14

Observa-se, nas três superintendências, a maior incidência de admissões na década de 70 (tabela 2), que corresponde a reestruturações administrativas e à transformação do IBGE em fundação (1), com as atribuições que estão descritas na seção 4. A SUESP apresenta o maior número de técnicos admitidos antes de 1970, dos quais 10% em 1942, a data de admissão mais antiga encontrada. Os técnicos mais novos nas três superintendências foram admitidos no ano anterior à pesquisa (1983), o que leva a supor que a maioria dos técnicos trabalha no IBGE há um tempo que lhes permite conhecer os recursos informativos disponíveis.

Tabela 3: Porcentagem de técnicos nas unidades, por tipo de formação.

(Pergunta 3: Tem curso superior concluído?; pergunta 9: É provisionado?; pergunta 10: Em que área?; pergunta 5: Tem mestrado?; pergunta 7: Tem doutorado?)

UNIDADES	F O R M A Ç Ã O				n
	provisionados em estatística	graduados	mestres	doutores	
	%	%	%	%	
DT	9	91	30	5	100
SUESP	21	79	10	-	42
SUEGE	-	100	50	7	44
SUPREN	-	100	29	14	14

O exercício da profissão de estatístico no IBGE é anterior à existência de cursos de graduação nesta área. Na SUESP há 21% de técnicos provisionados em Estatística, (tabela 3) que provavelmente correspondem aos técnicos com datas mais antigas de admissão (tabela 2). Muitos dos técnicos provisionados sempre estiveram ligados a determinados levantamentos, como os de agropecuária ou de serviços que se caracterizam pelo grande volume de dados coletados.

Tabela 4: Porcentagem de técnicos nas unidades, por curso de graduação.
(Pergunta 4: Qual foi o curso que concluiu?)

CURSO	U N I D A D E S			
	DT %	SUESP %	SUEGE %	SUPREN %
Estatística	24	31	23	7
Geografia	22	2	34	43
Economia	19	21	23	-
Biologia	6	-	-	43
Administração	2	2	2	-
Ciências Sociais	2	5	-	-
Matemática	2	2	2	-
Sociologia	2	-	5	-
Outros ¹	12	16	11	7
n	100	42	44	14

1 - Os outros cursos foram agrupados porque apenas um técnico cursou cada um desses *outros* cursos.

Há várias propostas para o escopo das Ciências Sociais, mas sua interdisciplinaridade é uma característica reconhecida (2). As áreas dos cursos de graduação dos técnicos refletem a instituição de Ciências Sociais que é o IBGE e as atividades específicas das superintendências da DT (tabela 4).

A SUESP apresenta 31% de estatísticos e 21% de graduados em Economia, área no IBGE correlata à Estatística, dispondo assim de 52% de seus técnicos com formação específica para as suas atividades. Por outro lado, a SUESP também apresenta 16% de outros cursos, isto é, um técnico em cada uma das outras especialidades: Direito, Arquitetura, Agronomia, etc, que se somados aos 21% dos provisionados, fazem um total de 37%. Este resultado indica que, na

área de levantamentos estatísticos primários, a formação superior, ou o seu registro, parece fornecer a esses técnicos as qualificações necessárias para o desempenho de atividades que estão ligadas à linha de produção dos dados.

Na SUEGE, por ser uma superintendência de estudos e pesquisas, onde a especialização acadêmica é necessária, 80% dos técnicos têm graduação em Estatística, Geografia e Economia. O mesmo se dá na SUPREN, que apresenta 86% de graduados em Geografia e Biologia, realizando estudos em Recursos Naturais, Meio Ambiente e Poluição.

Tabela 5: Porcentagem de técnicos com mestrado e doutorado nas unidades, por área dos cursos.
(Pergunta 5: Tem mestrado?; pergunta 6: Em que área?; pergunta 7: Tem doutorado?; pergunta 8: Em que área?)

ÁREA DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO	U N I D A D E S							
	DT		SUESP		SUEGE		SUPREN	
	M ¹	D ²	M ¹	D ²	M ¹	D ²	M ¹	D ²
	%	%	%	%	%	%	%	%
Geografia	8	2	-	-	14	2	14	7
Economia	6	1	-	-	14	2	-	-
Desenvolvimento agrícola	3	-	2	-	5	-	-	-
Planejamento urbano e regional	3	-	-	-	7	-	-	-
Estatística	2	-	5	-	-	-	-	-
Pesquisa operacional	2	-	2	-	-	-	7	-
Demografia	1	1	-	-	2	2	-	-
Ecologia	1	1	-	-	-	-	7	7
Outros ³	4	-	-	-	9	-	-	-
n	100		42		44		14	

1 - Mestrado

2 - Doutorado

3 - Os outros cursos foram agrupados porque apenas um técnico cursou cada um desses outros cursos.

Apesar de o IBGE não ser uma instituição acadêmica, há na DT um número apreciável de técnicos com mestrado, lotados nas superintendências que mais condizem com suas especializações (tabela 5). Este índice reflete as medidas de aperfeiçoamento de pessoal adotadas no IBGE na década de 70, quando vários técnicos tiveram apoio para realizar cursos de pós-graduação no Brasil e no exterior. Vários técnicos da DT são também professores universitários, o que também pode ter contribuído para esse índice. Como pode ser visto na tabela 3, a SUEGE tem 50% de técnicos com mestrado, e é natural que esta superintendência e a SUPREN tenham o maior número de técnicos mestres e doutores; suas atividades são basicamente estudos e pesquisas, que também são feitos na SUESP, mas em relação aos próprios levantamentos estatísticos, visando a seu planejamento e aperfeiçoamento.

Tabela 6: Porcentagem de técnicos nas unidades, por grau de utilidade atribuído às fontes de informação - documentos.

(Pergunta 11: Para seu trabalho no IBGE, qual é a utilidade de cada uma das seguintes fontes de informação?)

(continua)

FONTES - DOCUMENTOS E UNIDADES	GRAU DE UTILIDADE					n
	muito útil %	útil %	de utilidade regular %	de pouca utilidade %	não utiliza %	
1 Anais de Congressos, Simpósios, etc.						
DT	16	25	22	8	29	100
SUESP	4	17	26	7	45	42
SUEGE	22	25	23	7	23	44
SUPREN	28	50	7	14	-	14
2 Anotações pessoais						
DT	45	22	14	4	15	100
SUESP	38	19	19	5	19	42
SUEGE	43	27	14	5	11	44
SUPREN	71	14	-	-	14	14

(continua)

FONTES - DOCUMENTOS E UNIDADES	GRAU DE UTILIDADE					n
	muito útil %	útil %	de utilidade regular %	de pouca utilidade %	não utiliza %	
3 Cadernetas de campo/anotações de campo						
DT	36	15	3	7	39	100
SUESP	36	26	5	5	28	42
SUEGE	30	7	2	7	54	44
SUPREN	57	7	-	14	21	14
4 Catálogos de editoras						
DT	5	19	30	19	27	100
SUESP	2	14	19	21	43	42
SUEGE	2	27	34	16	20	44
SUPREN	21	7	50	21	-	14
5 Citações bibliográficas ou bibliografias em artigos, livros e outros documentos						
DT	28	28	24	7	13	100
SUESP	12	21	36	7	24	42
SUEGE	34	39	11	9	7	44
SUPREN	57	14	29	-	-	14
6 Correspondência particular						
DT	5	12	18	21	44	100
SUESP	9	9	5	21	55	42
SUEGE	-	9	32	16	43	44
SUPREN	7	29	14	36	14	14
7 Dados estatísticos levantados pelo IBGE (obtidos na DI)						
DT	70	16	6	5	3	100
SUESP	78	14	5	2	-	42
SUEGE	68	23	5	2	2	44
SUPREN	50	-	14	21	14	14
8 Dados estatísticos levantados por outras instituições (obtidos na instituição)						
DT	32	20	16	11	21	100
SUESP	33	24	12	5	26	42
SUEGE	32	16	20	11	20	44
SUPREN	29	21	14	29	7	14

(continua)

FONTES - DOCUMENTOS E UNIDADES	GRAU DE UTILIDADE					n
	muito útil %	útil %	de utilidade regular %	de pouca utilidade %	nao utiliza %	
9 Dicionários, enci- clopédias, glossá- rios						
DT	25	14	23	27	11	100
SUESP	33	10	21	24	12	42
SUEGE	16	11	25	34	14	44
SUPREN	28	36	21	14	-	14
10 Dissertações e te- ses						
DT	24	15	19	13	29	100
SUESP	4	12	19	14	50	42
SUEGE	36	20	18	9	16	44
SUPREN	43	7	21	21	7	14
11 Documentação técn- ica da DI via termi- nal						
DT	7	6	6	16	65	100
SUESP	12	12	9	17	50	42
SUEGE	4	2	4	5	84	44
SUPREN	-	-	-	50	50	14
12 Fotografias aéreas e mosaicos						
DT	6	5	6	4	79	100
SUESP	5	5	2	2	86	42
SUEGE	-	2	9	5	84	44
SUPREN	29	14	7	7	43	14
13 Imagens de satélite e radar						
DT	8	2	3	5	82	100
SUESP	5	5	2	-	88	42
SUEGE	-	-	4	7	89	44
SUPREN	43	-	-	14	43	14
14 Jornais						
DT	31	19	18	13	19	100
SUESP	30	12	19	12	26	42
SUEGE	32	29	16	9	14	44
SUPREN	29	7	21	29	14	14
15 Legislação fede- ral, estadual e municipal						
DT	14	16	11	25	34	100
SUESP	17	19	7	21	36	42
SUEGE	9	11	14	27	39	44
SUPREN	21	21	14	29	14	14
16 Livros (de tex- to, monografias)						
DT	50	23	15	4	8	100
SUESP	28	28	17	10	17	42
SUEGE	61	20	16	-	2	44
SUPREN	79	14	7	-	-	14

FONTES - DOCUMENTOS E UNIDADES	GRAU DE UTILIDADE					n
	muito útil	útil	de utilidade regular	de pouca utilidade	não utiliza	
	%	%	%	%	%	
17 Manuais de ins- truções e outros documentos das pesquisas/levan- tamentos do IBGE						
DT	55	22	11	5	7	100
SUESP	76	14	5	2	2	42
SUEGE	45	32	11	5	7	44
SUPREN	21	14	9	14	21	14
18 Manuais técnicos (de sistemas, fun- cionamento de aparelhos, etc.)						
DT	10	9	13	15	53	100
SUESP	14	12	14	17	43	42
SUEGE	9	7	9	11	64	44
SUPREN	-	7	21	21	50	14
19 Mapas e cartas do IBGE						
DT	32	13	7	9	39	100
SUESP	24	10	7	7	52	42
SUEGE	27	18	9	9	36	44
SUPREN	71	7	-	14	7	14
20 Mapas e cartas de outras institui- ções						
DT	21	8	6	11	54	100
SUESP	17	-	2	12	69	42
SUEGE	14	11	11	14	50	44
SUPREN	57	21	-	-	21	14
21 Normas técnicas e especificações						
DT	16	27	14	14	29	100
SUESP	19	29	9	5	38	42
SUEGE	11	27	16	18	27	44
SUPREN	21	21	21	29	7	14
22 Publicações de bi- bliografias, índi- ces, resumos (abstracts)						
DT	20	22	26	13	19	100
SUESP	7	14	26	12	40	42
SUEGE	27	27	25	16	5	44
SUPREN	36	28	28	7	-	14

(conclusão)

FONTES - DOCUMENTOS E UNIDADES	GRAU DE UTILIDADE					n
	muito útil	útil	de utilidade regular	de pouca utilidade	não utiliza	
	%	%	%	%	%	
23 Publicações de dados estatísticos (anuários, relatórios estatísticos, etc.)						
DT	22	34	18	9	17	100
SUESP	19	26	21	10	24	42
SUEGE	25	45	11	7	11	44
SUPREN	21	21	29	14	14	14
24 Publicações do IBGE						
DT	66	21	8	4	1	100
SUESP	62	21	10	5	2	42
SUEGE	75	18	7	-	-	44
SUPREN	50	29	7	14	-	14
25 Relatórios de pesquisas feitas no IBGE						
DT	36	27	23	5	9	100
SUESP	28	24	26	7	14	42
SUEGE	45	32	16	2	5	44
SUPREN	29	21	36	7	7	14
26 Relatórios de pesquisas feitas em outras instituições						
DT	31	17	26	6	20	100
SUESP	26	9	26	7	31	42
SUEGE	34	23	27	2	14	44
SUPREN	36	21	21	14	7	14
27 Revisões de literatura (reviews)						
DT	16	22	15	17	30	100
SUESP	4	19	5	24	48	42
SUEGE	25	23	20	11	20	44
SUPREN	21	29	29	14	7	14
28 Revistas especializadas						
DT	47	26	14	6	7	100
SUESP	28	33	12	10	17	42
SUEGE	50	27	18	4	-	44
SUPREN	93	-	7	-	-	14

As fontes de informação consideradas de maior utilidade pelos técnicos das três superintendências como um todo (tabela 6) são os dados estatísticos levantados pelo IBGE (item 7), sob a forma de listagens de computador, isto é, ainda não publicados, ou em tabulações especiais, obtidos na DT. Em seguida estão as publicações do IBGE (item 24), que são, na maioria, resultados estatísticos definitivos dos levantamentos e pesquisas (3). Algumas fontes tiveram alta incidência de não utilização, como as imagens de satélite e radar (item 13), fotografias aéreas e mosaicos (item 12) e documentação técnica da DT via terminal (item 11), por serem de utilização específica, ou por dependerem da existência e uso de terminais de computador, não disponíveis em todas as unidades.

Os dados estatísticos são de grande importância para os cientistas sociais, principalmente para aqueles ligados a órgãos governamentais, como ficou demonstrado pelo projeto INFROSS (4). Esta importância se acentua quando os órgãos governamentais são de planejamento. No Brasil, Carneiro (5), pesquisando os técnicos da Secretaria de Planejamento de Minas Gerais, verificou que os dados estatísticos eram as informações mais importantes para seu trabalho.

Os técnicos da SUESP consideram como documentos de maior utilidade para seu trabalho os dados estatísticos levantados pelo IBGE (item 7). A maior parte dos técnicos da SUESP tem como atividade principal a verificação e crítica de consistência dos dados coletados; verificação de notação e transcrição, inclusive a indicação de

possíveis erros na coleta. Os dados estatísticos são o próprio objeto do trabalho desses técnicos, antes de serem fonte de informação. Os manuais de instruções e outros documentos de pesquisas/levantamentos do IBGE (item 17) são complementares a esses dados, já que dão a metodologia e outras informações sobre as pesquisas/levantamentos, ou são os próprios formulários preenchidos durante o trabalho de campo. As publicações do IBGE (item 24) são consideradas úteis, na medida em que nelas estão incluídas as séries históricas de cada um desses levantamentos. As cadernetas de campo (item 3) também foram consideradas de grande utilidade por uma parte dos técnicos da SUESP (6), assim como os dados estatísticos levantados por outras instituições (item 8), que complementam os dados levantados pelo IBGE, fornecendo a cobertura estatística nacional. Os relatórios das pesquisas feitas no IBGE (item 25) são documentos ligados diretamente às atividades dos técnicos, pois apresentam resultados e/ou são comentários às pesquisas. As revistas (periódicos) (item 28) e os livros (item 16) tiveram a indicação de utilidade que corresponde à necessidade dos técnicos se manterem atualizados e aperfeiçoarem seus conhecimentos. Alguns dos periódicos que os técnicos da SUESP consultam são de dados estatísticos, ou trazem comentários sobre esses dados, como se pode verificar na tabela 12. As anotações pessoais (item 2) também estão entre os documentos considerados mais úteis, apresentados no quadro 4, em ordem decrescente das porcentagens, que são as somas de "muito útil" e "útil" da tabela 6, até 50%.

Quadro 4 - Documentos considerados mais úteis pelos técnicos da SUESP

	%
7 Dados estatísticos levantados pelo IBGE (obtidos na DI) ...	92
17 Manuais de instruções e outros documentos das pesquisas/levantamentos	90
24 Publicações do IBGE	83
3 Cadernetas de campo	62
28 Revistas especializadas	61
8 Dados estatísticos de outras instituições (obtidos na instituição)	57
2 Anotações pessoais	57
16 Livros	56
25 Relatórios das pesquisas feitas no IBGE	52

No quadro 5 vemos que os técnicos da SUEGE, no desenvolvimento das estatísticas derivadas e estudos sócio-econômicos consideram as publicações do IBGE (item 24) — que trazem os resultados dos levantamentos estatísticos — como sua fonte documental mais útil. Em seguida, indicam os dados em forma de listagem (item 7). Na SUEGE, estas listagens são principalmente tabulações especiais, elaboradas na DI, com desagregações ou cruzamentos de dados que servem de base para seu trabalho. Os livros (item 16) e as revistas (periódicos, item 28) são as fontes primárias mais relacionadas à aquisição de conhecimento e à atualização, indispensáveis às suas atividades. É interessante notar que as citações bibliográficas (item 5) aparecem com um grau de utilidade um pouco menor do que os manuais de instruções (item 17) e os relatórios de pesquisa (item 25), ambos do IBGE, e aparecem antes das publicações de bibliografias, índices e resumos (item 22).

Quadro 5 - Documentos considerados mais úteis pelos técnicos da SUEGE

	%
24 Publicações do IBGE	93
7 Dados estatísticos levantados pelo IBGE (obtidos na DI) ...	91
16 Livros	81
28 Revistas especializadas	77
17 Manuais de instruções e outros documentos das pesquisas/levantamentos	77
25 Relatórios de pesquisas feitas no IBGE	77
5 Citações bibliográficas ou bibliografias em artigos, livros e outros documentos	73
2 Anotações pessoais	70
23 Publicações de dados estatísticos	70
14 Jornais	61
26 Relatórios de pesquisas feitas em outras instituições	57
10 Dissertações e teses	56
22 Publicações de bibliografias, índices e resumos	54

Nota-se que a SUEGE apresenta um número maior de documentos com cotação maior do que 50% (soma de "útil" e "muito útil") e há, entre eles, mais documentos "externos", isto é, documentos não ligados diretamente às atividades do IBGE. Na SUESP, o menor número de indicações e o tipo de documentos mais cotados refletem suas atividades ligadas à linha de produção de dados, enquanto que na SUEGE os documentos indicam a maior necessidade de fontes de estudos que se somam às fontes emanadas da própria instituição. Na SUPREN esta característica se acentua, o que conduz à conclusão de Schleyer (7) e de Wilson (8), que consideram como agente diferenciador do comportamento do usuário não tanto a área de especialização mas principalmente a atividade a que se dedica. Para Wilson, a não uti

lização de um canal não indica necessariamente o uso de outro, como compensação.

Os técnicos da SUPREN são, na DT, os que mais se aproximam do perfil que se estabeleceu como característico do pesquisador acadêmico, pela importância que atribuem a algumas fontes: livros (item 16), periódicos (item 28), citações bibliográficas (item 5), anotações pessoais (item 2), anais de congressos (item 1), revisões de literatura (item 27), etc. Os mapas e cartas do IBGE (item 19) e os de outras instituições (item 20) são-lhes úteis em algumas das atividades desenvolvidas na SUPREN e que se apoiam nesses documentos: estudos de vegetação, agricultura, clima, etc.

Quadro 6 - Documentos considerados mais úteis pelos técnicos da SUPREN

	%
16 Livros	93
28 Revistas especializadas	93
2 Anotações pessoais	85
24 Publicações do IBGE	79
1 Anais de congressos	78
19 Mapas e cartas do IBGE	78
20 Mapas e cartas de outras instituições	78
5 Citações bibliográficas	71
9 Dicionários, enciclopédias, glossários	64
3 Cadernetas de campo	64
22 Publicações de bibliografias, Índices, resumos	64
26 Relatórios de pesquisas feitas em outras instituições	57
7 Dados estatísticos levantados pelo IBGE (obtidos na DI) ...	50
8 Dados estatísticos levantados por outras instituições	50
10 Dissertações e teses	50
25 Relatórios de pesquisas feitas no IBGE	50
27 Revisões de literatura	50

É interessante observar que, às vezes, na mesma superintendência, há incidências extremas no mesmo item, o que parece revelar diferenças nas atividades dos técni

cos: na SUPREN - fotografias aéreas e mosaicos (item 12), imagens de satélite e radar (item 13), manuais de instruções das pesquisas (item 17), na SUESP - cadernetas de campo (item 3), jornais (item 14), relatórios de pesquisas de outras instituições (item 26). A SUEGE, a não ser em relação às cadernetas de campo, não apresenta incidências tão extremas.

Tabela 7: Porcentagem de técnicos nas unidades, por frequência de procura dos lugares dos documentos.
(Pergunta 12: Para seu trabalho no IBGE, com que frequência procura publicações ou documentos nos seguintes lugares?)

(continua)

LUGARES DOS DOCUMENTOS E UNIDADES	F R E Q U Ê N C I A						n
	diaria mente %	semanal mente %	mensal mente %	trimestral mente %	com menor frequência %	nunca %	
1 Seu próprio arquivo/biblioteca particular							
DT	70	14	1	1	9	5	100
SUESP	55	12	-	2	21	10	42
SUEGE	86	11	-	-	-	2	44
SUPREN	64	29	7	-	-	-	14
2 Estante/arquivo de sua unidade de trabalho							
DT	34	31	19	3	9	4	100
SUESP	43	19	19	5	10	5	42
SUEGE	27	48	16	2	7	-	44
SUPREN	29	14	29	-	14	14	14
3 Bancos de Dados da DT							
DT	5	7	10	17	29	32	100
SUESP	5	7	5	10	21	52	42
SUEGE	7	7	16	27	32	11	44
SUPREN	-	7	7	7	43	36	14
4 BICEN							
DT	1	7	31	15	29	17	100
SUESP	2	-	21	12	31	33	42
SUEGE	-	11	41	18	23	7	44
SUPREN	-	14	29	14	43	-	14
5 Em outras unidades do IBGE							
DT	1	3	10	6	56	24	100
SUESP	-	2	10	5	52	31	42
SUEGE	2	2	11	9	59	16	44
SUPREN	-	7	7	-	57	29	14
6 Em outras instituições							
DT	-	2	13	13	50	22	100
SUESP	-	2	7	10	38	43	42
SUEGE	-	-	14	14	63	9	44
SUPREN	-	7	29	21	43	-	14

(conclusão)

LUGARES DOS DOCUMENTOS E UNIDADES	F R E Q U Ê N C I A						n
	diaria mente %	semanal mente %	mensal mente %	trimestral mente %	com menor frequência %	nunca %	
7 Em outras bibliotecas							
DT	-	1	11	9	47	32	100
SUESP	-	-	5	-	45	50	42
SUEGE	-	-	11	14	52	23	44
SUPREN	-	7	29	21	36	7	14
8 Em outro lugar							
DT	-	1	15	6	7	71	100
SUESP	-	2	7	2	5	83	42
SUEGE	-	-	21	11	9	59	44
SUPREN	-	-	21	-	7	71	14

Nas três superintendências, que apresentaram resultados semelhantes (tabela 7), os lugares procurados diariamente e semanalmente para localização das fontes de informação são os próprios arquivos/bibliotecas particulares (item 1). Durante as entrevistas, explicou-se que se incluíam as próprias gavetas e mesas de trabalho na categoria de arquivos/bibliotecas particulares. Em seguida aparecem os arquivos/estantes das unidades de trabalho (item 2). Estes resultados parecem confirmar o valor da acessibilidade, revista por Lancaster (9), que verificou sua importância entre cientistas naturais, tecnólogos e cientistas sociais. Todos eles, mesmo quando a biblioteca ou centro de informação não ficam distantes, primeiro fazem uma tentativa de localizar a informação que necessitam nos lugares mais próximos: mesas, estantes, arquivos, etc. É esta mesma "lei do menor esforço" que provavelmente influi no grau de procura de documentos na BICEN (item 4) por toda a DT, dada a

distância que a separa da maioria dos técnicos. Deve-se levar em conta, porém, que há publicações da BICEN em emprêstimo permanente em vários departamentos da DT e que há, inclusive, uma biblioteca setorial no DERPE, em Brasília. Outro fator a ser levado em conta na avaliação desses resultados é que as publicações do IBGE são distribuídas regularmente, pelo serviço gráfico, a todos os departamentos da DT. Assim, seus usuários (ver tabela 6) podem consultá-las sem perda de tempo, o que é importante quando suas atividades são ligadas à produção de dados, como acontece com a maioria dos usuários da SUESP.

O banco de dados da DI (item 3), com 52% de "nunca utilizado" pela SUESP, tem uma procura assídua pela SUEGE, com 43% de "mensalmente" e "trimestralmente", e pequena pela SUPREN, com 43% de "menos que trimestralmente". Isto se relaciona com o tipo de atividade de cada grupo: os técnicos da SUEGE são os usuários que necessitam de tabulações especiais ou cruzamentos e deagregações de dados estatísticos para estudos econômicos, demográficos, geográficos, etc.; os da SUESP trabalham primordialmente com os dados primários, não elaborados, e os da SUPREN só eventualmente se utilizam de tabulações especiais.

As outras unidades do IBGE (item 5) têm uma incidência de quase 60% de procura menor do que trimestral pelas três superintendências, e a procura de documentos e publicações em outras instituições (item 6) e outros lugares (item 8) apresenta uma frequência um pouco maior. Isto indica provavelmente a especificidade do trabalho de cada superintendência da DT dentro do IBGE, a existência

das fontes no local de trabalho, ou o fluxo normal de trabalho na instituição, como acontece com os relatórios produzidos pelo computador, que são encaminhados rotineiramente pela DI à SUESP.

As bibliotecas externas são pouco procuradas pelas superintendências e, na SUESP, 50% dos técnicos nunca as procuram. As outras fontes de informação (item 8) têm alta incidência de "nunca" procura nas três superintendências. Os lugares indicados foram livrarias e bibliotecas de amigos.

Tabela 8: Porcentagem de técnicos nas unidades, por frequência de procura das fontes de informação - pessoas. (Pergunta 13: Para seu trabalho no IBGE, com que frequência se comunica com as seguintes pessoas para obtenção de informações).

(continua)

FONTES - PESSOAS E UNIDADES	F R E Q U Ê N C I A						n
	diária mente %	semanal mente %	mensal mente %	trimestral mente %	com menor frequência %	nunca %	
1 Colegas da mesma unidade de trabalho							
DT	78	12	5	1	4	-	100
SUESP	83	5	2	2	7	-	42
SUEGE	75	16	7	-	2	-	44
SUPREN	71	21	7	-	-	-	14
2 Outros colegas da DT							
DT	9	22	23	7	27	12	100
SUESP	10	21	12	5	33	19	42
SUEGE	9	23	30	11	23	4	44
SUPREN	7	21	36	-	21	14	14
3 Colegas da DI							
DT	8	15	12	9	34	22	100
SUESP	14	24	7	5	21	29	42
SUEGE	-	9	20	9	46	16	44
SUPREN	14	7	-	21	36	21	14
4 Bibliotecários da BICEN							
DT	-	3	20	8	35	34	100
SUESP	-	-	17	2	26	55	42
SUEGE	-	7	23	9	36	25	44
SUPREN	-	-	21	21	57	-	14
5 Colegas de outras unidades do IBGE							
DT	3	4	11	7	54	21	100
SUESP	5	5	5	9	45	31	42
SUEGE	2	4	14	4	64	16	44
SUPREN	-	14	21	7	50	7	14

(conclusão)

FONTES - PESSOAS E UNIDADES	F R E Q U Ê N C I A						n
	diaria	semanal	mensal	trimestral	com menor	nunca	
	mente	mente	mente	mente	frequência	z	
	%	%	%	%	%	%	
6 Pessoas de outras instituições							
DT	-	5	14	15	44	22	100
SUESP	-	2	7	5	38	48	42
SUEGE	-	7	14	23	52	4	44
SUPREN	-	7	36	21	36	-	14
7 Outras pessoas							
DT	-	5	7	5	18	65	100
SUESP	-	2	5	5	12	76	42
SUEGE	-	7	9	5	20	59	44
SUPREN	-	7	7	7	29	50	14

Os resultados da tabela 8 podem ser analisados sob a mesma ótica da tabela 7. O uso dos canais acompanha o que Lancaster considerou como a rota informal(10), subordinada à acessibilidade. A esta acessibilidade podemos acrescentar o aspecto funcional, isto é, a escolha do canal subordinada a uma rotina estabelecida, ao fluxo normal do trabalho. Isto foi observado por Andrade (11), estudando os usuários da Petrobrás.

Assim, nas três superintendências, os colegas da mesma unidade de trabalho (item 1) são as pessoas mais procuradas na busca da informação e os outros colegas da DT (item 2) aparecem em segundo lugar. Na SUESP, os colegas da DI foram citados com maior frequência do que os outros colegas da DT, o que indica a ligação funcional que existe entre as duas unidades. A procura aos bibliotecários da BICEN (item 4) é baixa, sendo que 55% dos técnicos da SUESP nunca os procuram. Este resultado, que parece indi-

car não haver normalmente contato direto dos usuários com os bibliotecários, é provavelmente consequência da distância que os separa (ver na tabela 20 as maneiras de recorrer à BICEN), além de ser, segundo Line (12), uma característica do cientista social, que delega pouco suas buscas. No projeto INFROSS, só 7% dos usuários costumavam delegar suas pesquisas de informações. Os colegas de outras unidades do IBGE (item 5) são pouco procurados: 45% "com menor frequência" e 31% de "nunca". Embora o IBGE seja uma instituição interdisciplinar, tem suas atividades delimitadas e programadas, concentrando certamente a comunicação dos técnicos em torno dessas atividades. A não existência de contiguidade espacial (instalação dos técnicos no mesmo local) também dificulta a comunicação informal. Na SUESP, verifica-se o maior índice de "nunca" procura, em todos os itens citados, mas o maior índice na procura dos colegas de trabalho, o que provavelmente é causado por serem muitas de suas atividades as de execução, que exigem menos buscas de informações fora de suas unidades de trabalho. As outras pessoas (item 7) são pouco procuradas. As indicadas foram colegas da mesma profissão ou, em alguns casos, na SUESP, informantes dos levantamentos, para elucidar dúvidas sobre os dados.

Na procura de pessoas como fontes de informação, a SUPREN apresentou um comportamento médio em relação à SUESP e à SUEGE.

Tabela 9: Porcentagem de técnicos nas unidades, por línguas mais importantes das publicações especializadas. (Pergunta 14: Na sua área de atividades, quais são as línguas principais das publicações especializadas? Indique a 1^a, 2^a e 3^a mais importantes.)

UNIDADES	L Í N G U A S ¹																								n
	português			inglês			espanhol			francês			alemão			italiano			russo						
	1. ^a %	2. ^a %	3. ^a %	1. ^a %	2. ^a %	3. ^a %	1. ^a %	2. ^a %	3. ^a %	1. ^a %	2. ^a %	3. ^a %	1. ^a %	2. ^a %	3. ^a %	1. ^a %	2. ^a %	3. ^a %	1. ^a %	2. ^a %	3. ^a %				
DT	55	19	8	41	41	3	1	20	43	3	7	22	-	1	1	-	-	1	-	1	-	-	100		
SUESP	71	12	2	29	40	5	-	24	43	-	2	12	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	42		
SUEGE	45	30	11	50	43	2	2	16	41	2	11	32	-	-	2	-	-	2	-	-	-	-	44		
SUPREN	36	7	14	50	36	-	-	21	50	14	7	21	-	7	-	-	-	-	-	-	-	7	14		

1 - Não foram citadas outras línguas

Nas três superintendências como um todo, as línguas das publicações especializadas consideradas principais foram, nesta ordem, português, inglês e espanhol (tabela 9). Na SUESP, 71% dos técnicos indicaram português; na SUEGE e na SUPREN 50% indicaram inglês. Inglês também foi indicado como a segunda língua mais importante unanimemente pela três superintendências. A terceira língua, também para as três superintendências, foi espanhol. Português, como primeira língua, colocou-se depois de inglês na SUEGE e na SUPREN. É interessante confrontar este resultado com as línguas das revistas que os técnicos costumam ler (tabela 12) e com a sua capacidade de leitura em línguas estrangeiras (tabela 10).

Foi verificado, a partir dessa mesma pergunta, a porcentagem de técnicos que não indicaram a segunda e a

terceira língua mais importante, onde a SUESP se destaca: 21% não indicaram a segunda língua e 38% não indicaram a terceira; na SUEGE, todos indicaram a segunda e 9% não indicaram a terceira; na SUPREN, 14% não indicaram a segunda e 14% não indicaram a terceira língua.

Tabela 10: Porcentagem de técnicos nas unidades, por capacidade de leitura em línguas estrangeiras.
(Pergunta 15: Qual é a sua capacidade de leitura de textos especializados nas seguintes línguas?)

LÍNGUAS ¹ E UNIDADES	CAPACIDADE DE LEITURA				n
	fluente %	razoável %	com dificuldade %	não lê %	
Inglês					
DT	20	38	28	14	100
SUESP	9	29	34	26	42
SUEGE	30	50	18	2	44
SUPREN	21	29	36	14	14
Espanhol					
DT	32	49	18	1	100
SUESP	14	52	31	2	42
SUEGE	48	43	9	-	44
SUPREN	36	57	7	-	14
Francês					
DT	13	25	36	26	100
SUESP	2	24	38	36	42
SUEGE	18	32	32	18	44
SUPREN	29	7	43	21	14
Alemão					
DT	-	1	2	97	100
SUESP	-	2	2	95	42
SUEGE	-	-	-	100	44
SUPREN	-	-	7	93	14
Italiano					
DT	2	9	24	65	100
SUESP	2	7	14	76	42
SUEGE	2	12	27	59	44
SUPREN	-	7	43	50	14
Russo					
DT	-	-	-	99	100
SUESP	-	-	-	100	42
SUEGE	-	-	-	100	44
SUPREN	-	7	-	93	14

1 - Não foram citadas outras línguas

Nas três superintendências espanhol é a língua estrangeira de leitura mais acessível, seguida de inglês (tabela 10). Os técnicos da SUEGE têm mais capacidade de leitura em inglês do que os da SUESP e os da SUPREN. As outras línguas citadas não apresentam graus de acessibilidade significativos e não foram citadas outras línguas além das enumeradas na tabela 10. O quadro 7 apresenta as línguas mais acessíveis, onde as porcentagens são as somas de "fluyente" e "razoável" da tabela 10.

Quadro 7 - Línguas consideradas mais acessíveis pelos técnicos

	SUESP %	SUEGE %	SUPREN %
Espanhol	66	91	93
Inglês	38	80	50
Francês	26	50	36

Estes resultados indicam o grau de acesso às publicações estrangeiras. Para a SUESP, que indicou português como a língua principal de suas publicações especializadas (tabela 9), os problemas lingüísticos talvez não caracterizem uma barreira à informação. Brittain (13) observou que a barreira lingüística não é um problema peculiar aos cientistas sociais, que se utilizam muito de literatura na própria língua. No entanto, a SUEGE e a SUPREN indicaram inglês como a língua mais importante de suas publicações especializadas (tabela 9). Na SUPREN, onde somente 50% dos técnicos leem fluyente ou razoavelmente em inglês, talvez haja barreira à literatura nesta língua.

Na pesquisa com geólogos de Minas Gerais (15), Cunha encontrou os seguintes graus de acesso: espanhol 72,7%; inglês 66,7%; francês 42,7%, e posteriormente, pesquisando cientistas e técnicos de sistemas computadorizados (15), os graus foram os seguintes: espanhol 90%; inglês 75%, francês 40%, alcançando o alemão somente 3%.

Tabela 11: Porcentagem de técnicos nas unidades, por número de títulos de periódicos citados.
(Pergunta 16: Costuma ler ou consultar revistas de sua área de atividade? Pergunta 17: Quais são estas revistas?)

UNIDADES	NÚMERO DE TÍTULOS									n
	0 %	1 %	2 %	3 %	4 %	5 %	6 %	7 %	8 %	
DT	18	7	17	14	22	12	5	4	1	100
SUESP	26	2	14	15	23	5	5	-	-	42
SUEGE	14	4	18	16	23	11	7	5	2	44
SUPREN	7	-	22	7	14	36	-	14	-	14

A média de citações de periódicos na SUESP foi de 2 títulos por técnico; na SUEGE 3 e na SUPREN 4 (tabela 11). Kremer (16), no estudo dos usuários das bibliotecas da PUC, no Rio de Janeiro, encontrou a média de 3,4 citações de periódicos por professores com grau de especialização e 4 por professores com mestrado.

É interessante confrontar o número dos periódicos citados com os graus de utilidade atribuídos às revistas especializadas (tabela 6 item 28). Há uma relação entre os maiores graus de utilidade atribuídos às revistas e os números de títulos citados nas três superintendências. Observando-se os resultados da não-utilização de periód-

dicos, (tabela 6 item 28), verifica-se que não coincidem com os aqui encontrados: 26% na SUESP, 14% na SUEGE e 7% na SUPREN não citaram nenhum título. Isto talvez tenha sido ocasionado pela inclusão, no índice de zero títulos, dos técnicos que citaram apenas o editor ou citaram títulos tão truncados que não foi possível identificá-los (quatro itens). O problema da memorização de títulos de periódicos pelos usuários foi observado no projeto INFROSS (17), e Wood e Bower (18) não conseguiram identificar 63 dos 1672 títulos citados, no estudo que fizeram sobre o uso de periódicos em Ciências Sociais.

Na DT, o problema de memorização de títulos talvez se acentue pela falta de contato com os próprios periódicos, divulgados através de sumários correntes (20) ou de resumos (21), por meio dos quais os técnicos pedem cópias dos artigos que lhes interessam. Outro fator a ser considerado, sob este aspecto, é que algumas áreas nas Ciências Sociais, como a de Geografia, Economia, etc., são tão interdisciplinares que é difícil para o técnico ter presente na memória um núcleo específico de títulos que sejam automaticamente citados.

Tabela 12: Porcentagem de técnicos nas unidades, por título de periódicos citados.

(Pergunta 17: Quais são estas revistas?)

(continua)

PERIÓDICOS	U N I D A D E S			
	DT %	SUESP %	SUEGE %	SUPREN %
1 Revista Brasileira de Geografia	20	5	25	50
2 Conjuntura Econômica	18	24	16	7
3 Revista Brasileira de Estatística	16	19	16	7

(continua)

PERIÓDICOS	U N I D A D E S			
	DT %	SUESP %	SUEGE %	SUPREN %
4 Agroanalysis	9	17	5	-
5 Journal of the American Statistical Association	5	12	-	-
6 Revista Brasileira de Economia	5	-	11	-
7 ACM Transactions on Data Base Systems	4	5	5	-
8 Boletim Demográfico	4	-	9	-
9 Exame	4	10	-	-
10 Gazeta Mercantil	4	5	5	-
11 Pesquisa e Planejamento Econômico	4	-	9	-
12 American Economic Review	3	-	7	-
13 Annales de Géographie	3	-	5	7
14 Boletim do TERJ-Instituto dos Economistas do RJ	3	-	7	-
15 Boletim Carioca de Geografia	3	-	5	7
16 Boletim Paulista de Geografia	3	-	7	-
17 Estudos da CEBRAP	3	-	7	-
18 Demography	3	-	7	-
19 Micro Sistemas	3	-	7	-
20 Notícia Geomorfológica	3	-	-	21
21 Senhor ¹	3	5	2	-
22 American Sociology Review	2	-	5	-
23 Atualidades do Conselho Nacional de Petróleo	2	-	-	14
24 Boletim de Ciências do Mar	2	2	-	7
25 Boletim de Custos [da] Câmara Brasileira de Construção	2	5	-	-
26 Boletim Geográfico	2	-	5	-
27 Boletim FBCN-Fundação Brasileira para Conservação da Natureza	2	-	-	14
28 Boletim Técnico [do] Instituto Florestal	2	-	-	14
29 Dados	2	-	5	-
30 Dirigente Construtor	2	5	-	-
31 Dirigente Rural	2	5	-	-
32 Econométrica	2	-	5	-
33 The Economic Journal	2	-	5	-
34 Economie & Statistique	2	-	5	-
35 L'Espace Géographique	2	-	5	-
36 Estatística de Energie Elétrica: Brasil	2	-	-	14
37 Geografia (Rio Claro)	2	-	5	-
38 Info	2	-	5	-
39 Interfaces	2	-	5	-

PERIÓDICOS	U N I D A D E S			
	DT %	SUESP %	SUEGE %	SUPREN %
40 Jornal dos Transportes	2	5	-	-
41 A Lavoura Arrozeira	2	5	-	-
42 Levantamento Sistemático da Produção Agrícola	2	5	-	-
43 National Geographic	2	-	5	-
44 Population and Development Review	2	-	5	-
45 Photogrammetric Engineering and Remote Sensing	2	-	-	14
46 Population	2	-	5	-
47 Population Studies	2	-	5	-
48 Revista de Administração Pública	2	-	5	-
49 Saneamento	2	-	-	14
50 Sellowia	2	-	2	7
51 Suma Econômica	2	-	5	-
52 Adansonia	1	-	-	7
53 Alimentação	1	2	-	-
54 Amazoniana	1	-	-	7
55 American Naturalist	1	-	-	7
56 Annals of Entomological Society of America	1	-	-	7
57 The Annals of Mathematical Statistics	1	2	-	-
58 Balanço Energético Nacional	1	-	-	7
59 Biometrika	1	2	-	-
60 The Black Scholar	1	-	2	-
61 Boletim da Campanha Nacional da Defesa da Amazônia	1	-	-	7
62 Boletim da Sociedade Brasileira de Geografia	1	-	-	7
63 Boletim de Conjuntura Industrial	1	-	2	-
64 Boletim de Indústria Animal	1	2	-	-
65 Boletim de Meteorologia	1	-	-	7
66 Boletim do Banco Central do Brasil	1	-	2	-
67 Boletim Técnico do INEMET	1	-	-	7
68 Boletim Informativo do Núcleo de Meteorologia Aplicada	1	-	-	7
69 Bradea	1	-	-	7
70 Brasil Exportação	1	2	-	-
71 Brasil Florestal	1	-	-	7
72 BrasÍndice	1	2	-	-
73 Byte	1	2	-	-
74 Cadernos de Tecnologia e Ciência	1	-	2	-
75 Cadernos Sergipanos de Geografia	1	-	2	-

(continua)

PERIÓDICOS	U N I D A D E S			
	DT %	SUESP %	SUEGE %	SUPREN %
76 Cahiers de Géographie de Québec	1	-	2	-
77 Canadian Entomologist	1	-	-	7
78 Canadian Geographical Jour- nal	1	-	2	-
79 Carvão de Pedra	1	-	-	7
80 Ciência e Cultura	1	-	2	-
81 Collections de l'INSEE	1	-	2	-
82 Confidencial Econômico do Nordeste	1	2	-	-
83 Coopercotia	1	2	-	-
84 Critiques de l'Économie Politique	1	-	2	-
85 Crônica de la OMS	1	-	2	-
86 Datanews	1	-	2	-
87 Demografía y Economía	1	-	2	-
88 DNOCS em Números	1	2	-	-
89 Ecological Entomology	1	-	-	7
90 Economic Geography	1	-	2	-
91 Energia Elétrica	1	-	-	7
92 Engenharia Sanitária	1	-	-	7
93 Espace	1	-	2	-
94 Estadística	1	2	-	-
95 Estatística da Pesca	1	2	-	-
96 Estudios Rurales Latino- americanos	1	-	2	-
97 Estudos Econômicos-FIPE-USP	1	-	2	-
98 Forum Educacional	1	-	2	-
99 Forum Mundial de la Salud	1	-	2	-
100 Fundação J.P.:Análise e Conjuntura	1	2	-	-
101 Geographical Review	1	-	2	-
102 IBS Estatística	1	-	2	-
103 Informativo-CNICC	1	2	-	-
104 Informe Agropecuário	1	2	-	-
105 Interior	1	-	-	7
106 IOB.Informações Objetivas	1	2	-	-
107 Irrigação	1	2	-	-
108 Journal of Political Economy	1	-	2	-
109 Leia Livros	1	-	2	-
110 Módulo	1	2	-	-
111 Natureza em Revista	1	2	-	-
112 Notas de Población	1	-	2	-
113 Panorama dos Defensivos Agrícolas	1	2	-	-

(conclusão)

PERIÓDICOS	U N I D A D E S			
	DT %	SUESP %	SUEGE %	SUPREN %
114 Planejamento & Desenvolvi- mento	1	-	-	7
115 The Professional Geo- grapher	1	-	2	-
116 Receita - Informativo so- bre nutrição humana	1	2	-	-
117 Revista Bancária Brasi- leira	1	2	-	-
118 Revista Brasileira de Cartografia	1	-	2	-
119 Revista de Administra- ção de Empresas	1	-	2	-
120 Revista de Direito Agrá- rio	1	-	2	-
121 Revista de la CEPAL	1	-	2	-
122 Revista Geográfica Universal	1	2	-	-
123 Revista IPARDES	1	-	2	-
124 Rodriguesia	1	-	-	7
125 Sankhyā	1	2	-	-
126 Saúde em Debate	1	-	2	-
127 Scientific American	1	-	2	-
128 Silvicultura; Brasil	1	-	-	7
129 Statistical Studies	1	2	-	-
130 Taxon	1	-	-	7
131 Theory and Society	1	-	2	-
132 Trimestre Econômico	1	-	2	-
133 Urban Studies	1	-	2	-
n	100	42	44	14

1 - citada pela sua seção de Economia

Foram citados 133 títulos de periódicos (tabela 12) dos quais 80% existem no acervo da BICEN ou na biblioteca do DERPE, em Brasília. A BICEN tem cerca de 1700 títulos correntes (19), divulgados periodicamente através de publicações de sumários e de resumos, e de catálogos. Três dos títulos citados tiveram mais de 15% de citações, consi-
derando-se as três superintendências como um todo. Os itens 1, 3 e 8 são publicações correntes editadas pelo IBGE, o item 26, *Boletim Geográfico*, é uma publicação do IBGE sus-

pensa desde 1978; mesmo assim, recebeu 5% de indicações dos técnicos da SUEGE. Entre os periódicos com 4% de citações ou mais, na DT, nove são em português, língua de mais de 60% dos títulos citados. A segunda língua é inglês, com 26% dos títulos citados, seguida de espanhol e francês. Na SUESP houve 41 títulos citados, quase todos em português, confirmando a indicações de ser esta a língua mais importante de suas publicações especializadas. As publicações de comentários econômicos e estatísticos, como a *Conjuntura Econômica* (item 2) e *Agroanalysis* (item 4), ambas da Fundação Getulio Vargas, foram citadas pela SUESP e pela SUEGE. Além dessas duas, outros dois periódicos da Fundação Getulio Vargas, *Revista Brasileira de Economia*, (item 6) e *Revista de Administração Pública* (item 48), a primeira citada por 11% dos técnicos da SUEGE e a segunda por 5%, mostram a relação que existe entre as atividades desenvolvidas pelo IBGE e pela Fundação Getulio Vargas.

Na SUEGE, os técnicos indicaram 70 títulos de periódicos, 50% dos quais em português, e a SUPREN indicou 36 títulos, sendo 75% em português. Os assuntos dos periódicos citados mostra a interdisciplinaridade das Ciências Sociais e do IBGE e as ciências que lhes dão apoio, como a Informática (por exemplo, itens 7, 19, 38).

Entre os periódicos citados não há nenhum índice ou publicação de resumos, havendo apenas a indicação de uma publicação de divulgação bibliográfica (item 109). As publicações secundárias foram indicadas como úteis pelos técnicos da SUEGE e da SUPREN (tabela 6, item 22), mas não parecem objeto de consulta corrente; talvez sejam apenas utilizadas para levantamentos bibliográficos em necessidades de informação específicas.

Tabela 13: Porcentagem do total de citações feitas pelos técnicos nas unidades, por unidades correlatas citadas (Pergunta 18: Em termos de atividades técnicas, quais são as unidades do IBGE que têm mais relação com seu trabalho?)

UNIDADES CORRELATAS CITADAS	UNIDADES CITANTES			
	DT %	SUESP %	SUEGE %	SUPREN %
1 Gabinete da diretoria ¹	0	0	0	2
2 Unidades da SUESP	29	35	29	16
3 Unidades da SUEGE	26	7	45	21
4 Unidades da SUPREN	6	1	2	28
5 Diretoria de Informática- -DI	29	47	17	21
6 Diretoria de Formação e Aperfeiçoamento	3	5	3	2
7 Diretoria de Geodésia e Cartografia	2	1	2	7
8 Delegacias	3	4	2	2
9 Agências de Coleta	1	1	0	2
10 Centro Editorial	0	0	1	0
11 Procuradoria	0	1	0	0
Total de citações	276	107	126	43

1 - Por gabinete da diretoria designa-se a unidade que reúne o diretor técnico, seus assessores e auxiliares.

Como unidades correlatas foram citadas unidades de vários níveis hierárquicos, isto é, serviços, divisões e departamentos. Estas citações estão agrupadas e apresentadas na tabela 13, por unidades hierárquicas maiores, como por exemplo, as unidades da SUESP (item 2). Só para aquelas indicações com frequência um, nas três unidades da DT, é que se manteve o nome da unidade citada, sem subordiná-la ao nível hierárquico maior (itens 1, 10 e 11). A BICEN está subordinada à Diretoria de Formação e Aperfeiçoamento (item 6). A base utilizada para os cálculos das porcentagens de citações, que constam dessa tabela, foi os totais de citações obtidos em cada unidade da DT: 107 na SUESP, 126 na SUEGE e 43 na SUPREN. O número de citações feitas dá, igualmente, em cada superintendência, a média de três citações por técnico.

Na SUESP, a DI tem o maior número de citações — 47%. Em segundo lugar aparecem suas próprias unida-

des, com 35%. A SUEGE e a SUPREN indicaram, em primeiro lugar, suas próprias unidades: 45% e 28%, respectivamente. Em segundo lugar na SUEGE aparecem as unidades da SUESP; e na SUPREN as unidades da SUEGE e da DI. É interessante verificar as relações indicadas unilateralmente, isto é, que não são correspondidas pelas unidades que receberam as indicações: a SUEGE fez 29% das citações às unidades da SUESP e recebeu desta 7%; a SUPREN fez 21% à SUEGE e recebeu 2%, a SUPREN também fez 16% à SUESP e recebeu 1%. Estes resultados talvez sejam indicações do fluxo de informações existentes entre as unidades, fluxo este identificável em parte pelas indicações da SUESP, que mostram sua dependência em relação à DI no processamento dos dados. No entanto, as delegacias (item 8) encarregadas da coleta de dados nos estados, com as quais a SUESP precisa manter contatos, receberam apenas 4% de indicações desta superintendência.

Tabela 14: Porcentagem de técnicos nas unidades, por ocorrência da última necessidade de informação.
(Pergunta 19: Quando precisou, pela última vez, de uma informação para seu trabalho?)

OCORRÊNCIA	U N I D A D E S			
	DT %	SUESP %	SUEGE %	SUPREN %
1 Hoje	24	33	20	7
2 De 1 a 7 dias	33	24	36	50
3 De 8 a 30 dias	26	19	36	14
4 Há mais de 30 dias	10	9	5	29
5 Não se lembra	5	9	2	-
6 Nunca precisou	2	5	-	-
n	100	42	44	14

A pergunta 19 é a primeira da série do incidente crítico, que procura apurar ocorrências efetivas de ne

cessidades de informação dos técnicos. Na DT como um todo, mais de 50% dos técnicos precisaram, pela última vez, de uma informação para seu trabalho, de *hoje* até de 1 a 7 dias. (tabela 14).

A SUESP precisou de informações com mais frequência (33% de hoje) talvez porque suas atividades são, em grande parte, a verificação contínua de dados. Quatorze por cento dos técnicos da SUESP e 2% da SUEGE não responderam às perguntas seguintes, do incidente crítico (perguntas 19 e 25), provavelmente porque não se lembraram da última informação que precisaram. Os 5% da SUESP, que declaram nunca ter precisado de informações para seu trabalho, talvez se dediquem a tarefas de rotina e não considerem como necessidade de informação o esclarecimento de alguma questão. O comentário se justifica porque, dificilmente, no desempenho de uma atividade, pode-se prescindir de informações para executá-la. Lancaster (22) observa que algumas pessoas não reconhecem a necessidade de informação e se reconhecessem, talvez não conseguissem equacioná-la com a necessária precisão para transformá-la em demanda.

Tabela 15: Porcentagem de técnicos nas unidades, por resultado da busca de informação.

(Pergunta 21: Procurou obter esta informação?; pergunta 23: Conseguiu tudo o que precisava?; Pergunta 24: Continuou a busca?)

UNIDADES	RESULTADO DA BUSCA			n
	Obteve a informação	Não obteve a informação		
		Continuou a busca %	Não continuou a busca %	
DT	64	9	20	100
SUESP	69	-	17	42
SUEGE	57	16	25	44
SUPREN	71	7	22	14

Todos os técnicos das três superintendências que precisaram de informação para seu trabalho tentaram obtê-la. (tabela 15). Como mais de 50% das necessidades ocorreram, no máximo, há uma semana da aplicação dos questionários, é explicável que 29% dos técnicos, em toda a DT, ainda não as tivessem obtido, pois na DT a obtenção de informação às vezes não é rápida. A confirmação de um dado estatístico, por exemplo, depende de uma consulta ao seu informante, que pode estar em outro estado do Brasil; é preciso, neste caso, entrar em contato com a Delegacia ou Agência de coleta do IBGE naquela localidade e aguardar que se esclareça a dúvida.

Os motivos que 17% dos técnicos na SUESP, 25% na SUEGE e 22% na SUPREN tiveram para não continuar a busca podem ser explicados em parte, pelas dificuldades que encontraram e que estão na tabela 16.

Tabela 16: Porcentagem de técnicos nas unidades, por dificuldades encontradas na busca.
(Pergunta 25: Quais as dificuldades que encontrou para obter esta informação?)

DIFICULDADES	U N I D A D E S			
	DT %	SUESP %	SUEGE %	SUPREN %
1 Não teve dificuldades	58	64	52	57
2 Foi preciso consultar várias fontes	6	5	5	7
3 Aguarda uma resposta/continua a pesquisa	19	10	25	29
4 Fonte inexistente/insatisfatória	7	2	16	-
5 Existe a fonte mas há (ou houve) problemas burocráticos para obtê-la	3	5	-	7
n	100	42	44	14

Pela tabela 16 verifica-se que 64% de técnicos na SUESP, 52% na SUEGE e 57% na SUPREN não tiveram dificuldades em obter a informação que procuraram; 10% na SUESP, 25% na SUEGE e 29% na SUPREN ainda estavam aguardando uma resposta ou continuavam a busca. Foi indicado como dificuldade a necessidade de consultar várias fontes (item 2). As fontes não existiam ou eram insatisfatórias (item 4), ou a obtenção da fonte dependeu ou dependia de problemas burocráticos (item 5), correspondem às informações que não foram obtidas; a SUEGE apresenta o maior índice das três superintências. Adam (23) aponta, entre os problemas na obtenção de informações pelos cientistas sociais, as diferenças na terminologia usada, a não-comparabilidade dos dados estatísticos e dos resultados das pesquisas, e a falta de instrumentos eficientes para localizar e recuperar os dados.

Tabela 17: Porcentagem de técnicos nas unidades, por assunto da última necessidade de informação.
(Pergunta 20; Qual era o assunto desta informação?)

ASSUNTO	U N I D A D E S			
	DT %	SUESP %	SUEGE %	SUPREN %
1 Levantamentos/Estatísticas primárias	46	62	41	14
2 Computação	14	17	16	-
3 Estudos e pesquisas sócio-econômicas	13	5	25	-
4 Recursos naturais e meio ambiente	9	-	-	64
5 Geografia	8	2	11	14
6 Geodésia/Cartografia	2	-	2	7
7 Ensino	1	-	2	-
n	100	42	44	14

Os assuntos específicos das informações relatadas no incidente crítico foram classificados de acordo com o Plano Geral de Informações Estatísticas e Geográficas(24), e depois reunidos sob os assuntos mais abrangentes, também existentes neste plano. Os técnicos da SUESP procuraram, em primeiro lugar, informações sobre levantamentos/estatísticas primárias e, em segundo, sobre computação, coerentemente com suas atividades; na SUEGE também houve um alto índice de busca de assuntos relacionados aos levantamentos e às estatísticas primárias e, em seguida, aos relacionados aos estudos e pesquisas sócio-econômicas; as estatísticas primárias são a base para as pesquisas e estudos sócio-econômicos desenvolvidos na SUEGE. A SUPREN apresenta 64% de assuntos relacionados aos recursos naturais e ao meio ambiente, que são os específicos de suas áreas de atividade.

A importância das estatísticas primárias está comprovada na DT, comparando-se esses resultados com os da tabela 6, onde os documentos relacionados com as estatísticas também tiveram as maiores cotações. Mesmo na SUPREN, cujas atividades não se relacionam diretamente aos levantamentos estatísticos, 14% das buscas de seus técnicos relacionaram-se a esse assunto.

Tabela 18: Porcentagem de técnicos nas unidades, por tipo de informação necessitada.
(Pergunta 20: Qual era o tipo de informação?)

TIPO DE INFORMAÇÃO	U N I D A D E S			
	DT %	SUESP %	SUEGE %	SUPREN %
1 Teórica	15	5	20	29
2 Dado estatístico	26	24	34	7
3 Metodológica	17	21	16	7
4 Descritiva/histórica	14	7	11	43
5 Operacional	15	19	16	—
6 Legislação	6	10	—	14
n	100	42	44	14

Nas três superintendências, os tipos de informações necessitadas complementam os seus assuntos, apurados na tabela 17. Na SUESP, os tipos de informação dividem-se entre os dados estatísticos (24%) e as informações metodológicas (21%), estas relacionadas provavelmente aos levantamentos primários e à computação, assuntos predominantes de suas buscas.

Na SUEGE, o dado estatístico é o tipo de informação mais procurada, seguido da informação teórica, necessária certamente ao embasamento dos estudos e pesquisas desenvolvidas nesta unidade. A SUPREN necessita de informações descritivas/históricas, seguidas de informações teóricas, o que também reflete suas atividades de estudos e pesquisas. Stenzel (25), estudando os planejadores governamentais de alguns estados brasileiros, verificou que aos

dados estatísticos, demandados por 39,4% de seus usuários, seguiam-se os dados teórico-metodológicos, com 38,6% de demanda.

Um aspecto a se considerar na aplicação da técnica do incidente crítico é que a pessoa interpelada sobre a "última necessidade de informação para seu trabalho" mais facilmente se lembrará de uma necessidade imediata para resolver um problema objetivo (um dado numérico, uma informação metodológica, por exemplo). Pode-se conjecturar que a informação teórica está mais ligada à necessidade constante de adquirir conhecimentos, não sendo prontamente associada à "última necessidade de informação". A utilização da informação teórica talvez tivesse uma representatividade maior nas três superintendências se a técnica do incidente crítico fosse aplicada a partir da constatação do uso da fonte, quando o usuário seria solicitado a dar as razões que o levaram a usá-la.

Tabela 19: Porcentagem de técnicos nas unidades, por maneira de obter a informação - primeira, segunda e terceira tentativas

(Pergunta 22: Como procurou esta informação? Quais foram a primeira, a segunda e a terceira fontes utilizadas?)

MANEIRAS E UNIDADES	B U S C A			n
	1. %	2. %	3. %	
1 Recorrendo a pessoas do IBGE				
DT	56	13	7	100
SUESP	48	5	5	42
SUEGE	68	23	11	44
SUPREN	43	7	-	14
2 Recorrendo a pessoa de outras instituições ou lugares				
DT	6	1	4	100
SUESP	5	-	-	42
SUEGE	2	-	9	44
SUPREN	21	7	-	14
3 Consultando documentos				
DT	31	27	11	100
SUESP	33	14	10	42
SUEGE	27	30	5	44
SUPREN	36	57	36	14

Nas três superintendências, as pessoas do IBGE foram as fontes mais procuradas na primeira tentativa de obtenção de informação (tabela 19). Como pessoas do IBGE supõe-se que estejam incluídas: a- as pessoas que sabem, ou dispõem das informações e as fornecem diretamente aos soli citantes; b- as pessoas que fazem papel de interface e encaminham o pedido de informação às pessoas ou unidades que tem competência para supri-las; c- as pessoas que, quando procuradas, assumem a responsabilidade pela busca e que, não necessariamente, fornecem as informações, quanto obtidas, às pessoas que apresentaram a necessidade. Neste caso há uma delegação de busca. Em alguns departamentos da SUESP e da SUEGE, as pessoas do tipo b e c fazem parte do fluxo operacional da busca pela informação. Elas atuam, por exemplo, quando a necessidade do técnico é uma tabulação especial ou a confirmação de um dado estatístico diretamente com o informante de um levantamento específico, e essas informações são da responsabilidade de outra superintendência, para onde precisa ser encaminhada a solicitação. Na SUESP, nas áreas encarregadas de levantamentos muito extensos, como os censos populacionais, agropecuários ou de serviços, o técnico, muitas vezes, apenas indica ao chefe imediato a necessidade de conferir uma informação. Este chefe se encarrega da conferência ou a encaminha a outra pessoa ou unidade com atribuições para resolver o problema. A caracterização dessas atividades é muito importante para a compreensão do comportamento dos técnicos e dos resultados da tabela 19, mas pode-se supor que, mais uma vez, caracteriza-se o valor da acessibilidade e do canal

informal na obtenção da informação. Brittain (26) ressaltou o papel que a comunicação informal tem na transmissão da informação: a informação que é transmitida por um colega já sofreu um processo de seleção; para os cientistas sociais em atividades de execução, esta informação já foi convertida em termos de aplicação ou ação.

Tabela 20: Porcentagem de técnicos nas unidades, por fonte - pessoa utilizada no incidente crítico. (Pergunta 22: Quais foram a primeira, a segunda e a terceira fontes utilizadas? - Perguntar o lugar de cada fonte).

FONTES - PESSOAS E UNIDADES	B U S C A S			n
	1. %	2. %	3. %	
1 Na mesma unidade				
DT	18	4	2	100
SUESP	19	2	-	42
SUEGE	20	5	5	44
SUPREN	7	7	-	14
2 Em outras unidades da DT				
DT	20	7	4	100
SUESP	10	-	-	42
SUEGE	27	16	9	44
SUPREN	36	-	-	14
3 Na DI				
DT	10	2	-	100
SUESP	17	2	-	42
SUEGE	7	2	-	44
SUPREN	-	-	-	14
4 Na BICEN				
DT	5	-	-	100
SUESP	-	-	-	42
SUEGE	11	-	-	44
SUPREN	-	-	-	14
5 Em outras unidades do IBGE				
DT	2	-	1	100
SUESP	2	-	2	42
SUEGE	2	-	-	44
SUPREN	-	-	-	14
6 Em outras instituições ou lugares				
DT	6	1	3	100
SUESP	2	-	-	42
SUEGE	2	-	7	44
SUPREN	21	7	-	14

Por ser a SUESP a superintendência com maior número de atividades de execução, onde provavelmente seus técnicos têm menor disponibilidade de tempo, esperava-se que estes técnicos apresentassem, na primeira busca, a maior porcentagem de consultas a pessoas do IBGE (tabela 19 item 1). No entanto, isto se deu na SUEGE, com 68% de incidência; a SUESP apresentou 48%, e a SUPREN 43%. Analisando-se, na tabela 20, quais foram essas pessoas, verifica-se que os maiores índices na SUESP são para pessoas da mesma unidade e as da DI. Já na SUEGE e na SUPREN, as pessoas das outras unidades da DT são as mais requisitadas. Os técnicos da SUEGE são os que mais procuraram os bibliotecários na primeira tentativa de busca. Os da SUPREN são os que mais procuraram pessoas de outras instituições. As pessoas de outras instituições ou lugares, citadas na três superintendências, foram colegas da mesma profissão e informantes de levantamentos estatísticos.

Na segunda tentativa, os técnicos das três superintendências recorreram mais a documentos. Os documentos também tiveram indicações interessantes, quando foram a primeira fonte procurada: 33% na SUESP, 27% na SUEGE e 36% na SUPREN, figurando a SUESP com indicação maior do que a da SUEGE (tabela 19). Esta, em geral, recorreu mais a pessoas do que a documentos. Na terceira busca, 36% dos técnicos da SUPREN e 10% da SUESP procuraram documentos. Os da SUEGE voltaram a procurar pessoas.

Tabela 21: Porcentagem de técnicos nas unidades, por fonte
 - documentos utilizados no incidente crítico.
 (Pergunta 22: Quais foram a primeira, a segunda e a terceira fontes utilizadas?)

FONTES - DOCUMENTOS E UNIDADES	B U S C A S			n
	1. ^a %	2. ^a %	3. ^a %	
1 Anotações pessoais				
DT	1	1	-	100
SUESP	-	-	-	42
SUEGE	2	-	-	44
SUPREN	-	7	-	14
2 Cadernetas de campo/anotações de campo				
DT	1	-	-	100
SUESP	2	-	-	42
SUEGE	-	-	-	44
SUPREN	-	-	-	14
3 Citações bibliográficas ou bibliografias em artigos, livros e outros documentos				
DT	2	1	-	100
SUESP	2	2	-	42
SUEGE	2	-	-	44
SUPREN	-	-	-	14
4 Dados estatísticos levantados pelo IBGE (obtidos na DI)				
DT	2	4	1	100
SUESP	5	-	2	42
SUEGE	-	9	-	44
SUPREN	-	-	-	14
5 Dicionários, enciclopédias, glossários				
DT	1	1	1	100
SUESP	-	-	-	42
SUEGE	-	-	-	44
SUPREN	7	7	7	14
6 Dissertações e teses				
DT	-	-	1	100
SUESP	-	-	-	42
SUEGE	-	-	2	44
SUPREN	-	-	-	14
7 Legislação federal, estadual ou municipal				
DT	2	4	1	100
SUESP	5	2	2	42
SUEGE	-	-	-	44
SUPREN	-	21	-	14

(continua)

FONTES - DOCUMENTOS E UNIDADES	B U S C A S			n
	1. ^a %	2. ^a %	3. ^a %	
8 Livros				
DT	1	5	1	100
SUESP	-	-	-	42
SUEGE	-	9	2	44
SUPREN	7	7	-	14
9 Manuais de instruções e outros documentos das pesquisas/levantamentos do IBGE				
DT	4	3	-	100
SUESP	5	2	-	42
SUEGE	5	5	-	44
SUPREN	-	-	-	14
10 Manuais técnicos (de sistemas)				
DT	1	-	-	100
SUESP	-	-	-	42
SUEGE	2	-	-	44
SUPREN	-	-	-	14
11 Mapas e cartas do IBGE				
DT	-	1	2	100
SUESP	-	-	2	42
SUEGE	-	-	-	44
SUPREN	-	7	7	14
12 Mapas e cartas de outras instituições				
DT	-	-	1	100
SUESP	-	-	-	42
SUEGE	-	-	-	44
SUPREN	-	-	7	14
13 Publicações de bibliografias, índices e resumos				
DT	-	1	-	100
SUESP	-	2	-	42
SUEGE	-	-	-	44
SUPREN	-	-	-	14
14 Publicações de dados estatísticos (de outras instituições)				
DT	3	-	-	100
SUESP	-	-	-	42
SUEGE	7	-	-	44
SUPREN	-	-	-	14
15 Publicações do IBGE				
DT	3	2	1	100
SUESP	2	-	-	42
SUEGE	5	5	-	44
SUPREN	-	-	7	14

(conclusão)

FONTES - DOCUMENTOS E UNIDADES	B U S C A S			n
	1. ^a %	2. ^a %	3. ^a %	
16 Relatórios de pesquisas feitas no IBGE				
DT	1	1	1	100
SUESP	-	-	1	42
SUEGE	-	-	1	44
SUPREN	7	7	-	14
17 Relatórios de pesquisas feitas em outras instituições				
DT	1	1	1	100
SUESP	2	-	1	42
SUEGE	-	1	1	44
SUPREN	-	-	-	14
18 Revistas especializadas				
DT	8	3	2	100
SUESP	10	5	2	42
SUEGE	5	2	-	44
SUPREN	14	-	7	14

Na apuração das indicações dos documentos mais procurados (tabela 21) os periódicos (item 18) é que apresentam resultados um pouco mais significativos como um todo. Comparando-se com os documentos considerados mais úteis nos quadros 3, 4 e 5 verifica-se que na SUESP eles ocupam o quinto lugar, na SUEGE o quarto e na SUPREN o segundo. Houve uma dispersão dos resultados pelos outros 17 documentos procurados, nas três tentativas de localizar a informação necessitada, notando-se apenas que 21% dos técnicos da SUPREN procuraram documentos sobre legislação na segunda busca. É importante observar que foram citados 18 tipos de documentos, e na pergunta 11, que indaga sobre a utili-

lidade de documentos para o trabalho dos técnicos, estão listados 28. Esta lista inclui, não sô documentos identificados através da literatura como aqueles utilizados por cientistas sociais, como também os específicos da instituição, identificados na análise efetuada para elaboração do questionário. Os dez documentos que não figuraram nos incidentes críticos são: anais de congresso e simpósios; catálogos de editoras; correspondência particular; dados estatísticos levantados por outras instituições; documentação técnica da DI, via terminal; fotografias aéreas e mosaicos; imagens de satélites e radar; jornais; normas técnicas e especificações e revisões de literatura (*reviews*). Tendo em vista o grau de utilidade atribuído a alguns deles, como os dados estatísticos levantados por outras instituições, jornais e revisões de literatura (tabela 6), pode-se supor que estes documentos não apareceram nos incidentes críticos por mero acaso, ou porque são fontes que se identificam mais à necessidade permanente de informação, como jornais ou revisões de literatura.

Tabela 22: Porcentagem de técnicos nas unidades, por lugares dos documentos utilizados no incidente crítico.

(Pergunta 22: Perguntar o lugar de cada fonte).

(continua)

LUGARES DOS DOCUMENTOS E UNIDADES	B U S C A S			n
	1. ^a %	2. ^a %	3. ^a %	
1 Arquivo/biblioteca do usuário				
<i>DT</i>	7	2	3	100
SUESP	7	-	-	42
SUEGE	5	2	5	44
SUPREN	14	7	7	14

LUGARES DOS DOCUMENTOS E UNIDADES	B U S C A S			n
	1. ^a %	2. ^a %	3. ^a %	
2 Estante/arquivo da unidade de trabalho				
DT	20	9	5	100
SUESP	21	7	7	42
SUEGE	18	11	-	44
SUPREN	21	7	14	14
3 Banco de dados da DI				
DT	1	1	-	100
SUESP	2	-	-	42
SUEGE	-	2	-	44
SUPREN	-	-	-	14
4 BICEN				
DT	2	3	2	100
SUESP	2	5	5	42
SUEGE	2	2	-	44
SUPREN	-	-	-	14
5 Em outras unidades do IBGE				
DT	1	11	1	100
SUESP	-	2	-	42
SUEGE	2	11	-	44
SUPREN	-	36	7	14
6 Em outras instituições ou lugares				
DT	1	1	1	100
SUESP	2	-	-	42
SUEGE	-	-	-	44
SUPREN	-	7	7	14

Na primeira busca, a estante/arquivo da unidade de trabalho (tabela 22 item 2) foi o lugar mais procurado pelas três superintendências. Na segunda busca, foi o primeiro lugar procurado pelos técnicos da SUESP, e os da SUEGE procuraram igualmente suas estantes/arquivos(11%), bem como os de outras unidades do IBGE(11%). Na SUPREN foram procuradas as outras unidades do IBGE, em primeiro lugar, na segunda busca (36%). Não há resultados significativos na terceira busca. Os documentos foram pouco pro-

curados na BICEN (item 4) pelas três superintendências, o que, em parte, se explica pela distância que a separa da maioria dos técnicos, mas que indica a necessidade de maior divulgação do acervo da BICEN entre eles. Os outros lugares (item 6) procurados foram as livrarias. As pessoas a quem os técnicos recorreram mais na primeira busca dos incidentes críticos não correspondem, na SUEGE e na SUPREN, aos colegas da mesma unidade de trabalho, indicados na tabela 8 como os mais frequentemente procurados. O mesmo se dá em relação aos lugares dos documentos. A estante/arquivo de sua unidade de trabalho não corresponde ao lugar indicado como o procurado com maior frequência (tabela 7), que é seu próprio arquivo/biblioteca particular. Pode-se supor que a informação encontrada mais próxima (colega de trabalho) ou ao alcance da mão não seja sempre registrada pelos usuários como uma *necessidade*; esta se torna mais concreta na medida em que é associada a algum esforço dispendido para obtê-la.

É importante notar que a grande maioria das buscas limitou-se ao âmbito do IBGE, caracterizando um fluxo interno, com predominância da comunicação oral. Nos departamentos governamentais estudados no INFROSS esta comunicação aparece muitas vezes como o único meio disponível de transferência de informação, dada a peculiaridade ou transitoriedade de algumas dessas informações.(27).

Tabela 23: Porcentagem de técnicos nas unidades, por forma de recorrer à BICEN.
(Pergunta 26: Quando precisa, como recorre à BICEN? Cite a forma mais freqüente).

FORMA	U N I D A D E S			
	DT %	SUESP %	SUEGE %	SUPREN %
1 Por intermédio do gabinete/se- cretaria	51	36	59	71
2 Por escrito	2	2	2	-
3 Por telefone	16	17	20	-
4 Indo pessoalmente	14	12	11	29
5 Não recorre	17	33	7	-
n	100	42	44	14

Há 33% de técnicos da SUESP e 7% da SUEGE que não recorrem aos serviços da BICEN. Comparando estes resultados aos do item 4 da tabela 8 (lugares dos documentos procurados pelos técnicos), verificamos uma coerência: 33% na SUESP e 7% na SUEGE não procuram documentos na BICEN, nem recorrem a seus serviços. A maneira mais freqüente de recorrer à BICEN é por intermédio dos gabinetes/secretarias das unidades de lotação dos técnicos. Isto ocorre provavelmente por causa da distância que separa a BICEN dos técnicos. Em alguns departamentos da DT há pessoas designadas para servirem de interface entre os técnicos e a BICEN. Estas pessoas fazem circular as publicações da BICEN, listam os pedidos de empréstimo ou de cópias de artigos, controlam os empréstimos e, muitas vezes, supervisionam a utilização das publicações em empréstimo permanente. Estas publicações ficam geralmente em uma estante ou

sala especial, para utilização por todos os técnicos que delas necessitem. A segunda forma mais utilizada é o telefone, na SUESP e na SUEGE, enquanto que na SUPREN é a ida pessoalmente à BICEN (29%).

A SUEGE e a SUPREN, por serem as superintendências na DT encarregadas do maior número de pesquisas e estudos, necessitaram provavelmente mais da BICEN do que a SUESP, pois os dados estatísticos, de grande utilidade na SUESP, estão disponíveis no próprios locais de trabalho dos técnicos. Há na SUESP 12% e da SUEGE 11% de técnicos que vão à BICEN pessoalmente. Isto indica que a maioria provavelmente não tem um bom conhecimento do acervo como um todo, fato importante em uma biblioteca interdisciplinar, com um acervo numeroso. Carneiro (28) encontrou 25,2% de não-usuários do Centro de Documentação e Publicações, entre os técnicos da Secretaria de Planejamento de Minas Gerais.

Tabela 24: Porcentagem de técnicos nas unidades, por frequência de utilização dos serviços da BICEN. (Pergunta 27: Com que frequência se utiliza de cada um dos seguintes serviços da BICEN?)

(continua)

SERVIÇOS E UNIDADES	F R E Q U Ê N C I A							n
	diariamente %	semanalmente %	mensalmente %	trimestralmente %	com menor frequência %	nunca %	não conhece %	
1 Cópias de publicações do acervo da BICEN								
DT	-	-	16	14	29	18	6	100
SUESP	-	-	2	7	26	21	10	42
SUEGE	-	-	30	18	23	18	5	44
SUPREN	-	-	14	21	57	7	-	14
2 Pedidos de cópias de publicações do acervo de outras bibliotecas								
DT	-	1	3	7	27	27	18	100
SUESP	-	-	-	2	14	26	24	42
SUEGE	-	-	7	9	32	27	18	44
SUPREN	-	7	-	14	50	29	-	14

(continua)

SERVIÇOS E UNIDADES	F R E Q U Ê N C I A							n
	diaria- mente %	semanal- mente %	mensal- mente %	trimestral- mente %	com menor frequência %	nunca %	não conhece %	
3 Empréstimo de livros								
DT	1	4	21	20	33	4	-	100
SUESP	2	-	14	10	38	2	-	42
SUEGE	-	7	25	27	30	5	-	44
SUPREN	-	7	29	29	29	7	-	14
4 Empréstimo de re- vistas								
DT	2	2	19	14	30	15	1	100
SUESP	5	-	14	5	21	19	2	42
SUEGE	-	-	23	18	39	14	-	44
SUPREN	-	14	21	29	29	7	-	14
5 Pedidos de em- préstimo de pu- blicações e ou- tras bibliote- cas								
DT	-	-	9	7	26	27	14	100
SUESP	-	-	2	-	17	31	17	42
SUEGE	-	-	16	11	27	23	16	44
SUPREN	-	-	7	14	50	29	-	14
6 Fornecimento de dados estatísticos								
DT	-	2	1	3	15	42	20	100
SUESP	-	-	-	-	7	33	26	42
SUEGE	-	5	-	2	23	43	20	44
SUPREN	-	-	7	14	14	64	-	14
7 Fornecimento de outras informações								
DT	-	-	6	8	27	35	7	100
SUESP	-	-	5	-	12	36	14	42
SUEGE	-	-	5	18	34	34	2	44
SUPREN	-	-	14	-	50	36	-	14
8 Mapoteca								
DT	-	-	-	2	12	64	5	100
SUESP	-	-	-	-	5	52	10	42
SUEGE	-	-	-	2	16	73	2	44
SUPREN	-	-	-	7	21	71	-	14
9 Aquisição de livros								
DT	-	-	2	5	38	34	4	100
SUESP	-	-	-	2	33	21	10	42
SUEGE	-	-	-	7	41	45	-	44
SUPREN	-	-	14	7	43	36	-	14
10 Aquisição de revistas								
DT	-	-	2	3	31	47	-	100
SUESP	-	-	-	-	26	40	-	42
SUEGE	-	-	-	5	34	55	-	44
SUPREN	-	-	14	7	36	43	-	14
11 Levantamento de bibliografias								
DT	-	-	2	3	20	52	6	100
SUESP	-	-	-	2	21	33	10	42
SUEGE	-	-	-	5	18	66	5	44
SUPREN	-	-	14	-	21	64	-	14

SERVIÇOS E UNIDADES	F R E Q U Ê N C I A							n
	diaria mente %	semanal mente %	mensal mente %	trimestral mente %	com menor frequência %	nunca %	não conhece %	
12 Informações básicas municipais (IBM)								
DT	-	2	3	3	20	35	20	100
SUESP	-	-	-	-	5	33	29	42
SUEGE	-	2	2	7	30	36	16	44
SUPREN	-	7	14	-	36	36	7	14
13 Arquivo sobre a evolução histórico-administrativa de municípios brasileiros								
DT	-	3	3	2	11	47	17	100
SUESP	-	2	-	2	5	31	26	42
SUEGE	-	5	5	2	11	59	11	44
SUPREN	-	-	7	-	29	57	7	14

Não há resultados significativos na utilização diária ou semanal dos serviços da BICEN (tabela 24). Com menor frequência (que a trimestral) foi o grau de utilização que apresentou o maior número de incidências, na maioria dos serviços. Pode-se supor que vários motivos contribuem para este índice: a localização da BICEN, a grande utilização dos dados estatísticos e das fontes ligadas a esses dados, que estão disponíveis na DT, e o empréstimo permanente. Outro aspecto a ser considerado é que, no desenvolvimento de pesquisas como as efetuadas na SUEGE e na SUPREN, há uma fase específica para o levantamento bibliográfico, que é geralmente no início dos trabalhos, e depois, à medida que o projeto avança, há uma diminuição nas buscas. Kremer (29), nas bibliotecas da PUC do Rio de Janeiro, verificou que 75,6% dos professores usavam as bibliotecas mensalmente.

Os serviços de maior utilização mensal pelas três superintendências são os pedidos de empréstimo de li-

vros (item 3), de revistas (periódicos) (item 4), e os pedidos de cópias de publicações do acervo da BICEN (item 1). Estas cópias são, quase que exclusivamente, de artigos de periódicos. Esses três serviços se relacionam às fontes bibliográficas mais tradicionais existentes em bibliotecas, que são os livros e os periódicos. Comparando-se a requisição de livros e periódicos (e pedidos de cópias) com os graus de utilidade atribuídos a eles como fonte de informação (tabela 6), verifica-se que há coerência nas três superintendências: em ambos os casos os técnicos da SUPREN figuram com maior porcentagem, em seguida aparecem os da SUEGE e em terceiro os da SUESP.

A soma das porcentagens de utilização dos serviços mostra a porcentagem total de seus usuários, nas três superintendências:

Quadro 8 - Utilização dos serviços da BICEN

	SUESP %	SUEGE %	SUPREN %
1 Cópias das publicações do acervo da BICEN	35	71	92
2 Pedidos de cópias de publicações do acervo de outras bibliotecas	16	48	71
3 Empréstimo de livros	64	89	94
4 Empréstimo de revistas	45	80	73
5 Pedidos de empréstimo de publicações de outras bibliotecas	19	54	71
6 Fornecimento de dados estatísticos ...	7	30	35
7 Fornecimento de outras informações ...	17	57	64
8 Mapoteca	5	18	28
9 Aquisição de livros	40	48	64
10 Aquisição de revistas	26	39	57
11 Levantamentos de bibliografias	23	23	35
12 Informações Básicas Municipais	5	41	57
13 Arquivo sobre a evolução histórico-administrativa de municípios brasileiros	9	23	36

No quadro 8 verifica-se que o serviço da BICEN mais utilizado nas três superintendências é o empréstimo de livros (item 3); em segundo lugar, na SUESP e na SUEGE, figura o empréstimo de revistas (item 4), enquanto na SUPREN é o pedido de cópias de publicações do acervo da BICEN (item 1), com 92%. Em terceiro lugar, os técnicos da SUESP solicitam aquisição de livros (item 9); os da SUEGE pedem cópias de publicações (item 1) e os da SUPREN fazem empréstimo de periódicos (item 4). Os outros serviços com índice significativo de utilização são, na SUEGE, as outras informações (item 7) - que são as consultas ao serviço de referência, chamadas por Lancaster (30) de referência rápida, que geralmente correspondem ao pedido de dado factual - e o empréstimo entre bibliotecas (item 5); na SUPREN, os pedidos de cópias de publicações de outras bibliotecas (item 2), empréstimo entre bibliotecas (item 5) (71%), aquisição de livros, outras informações, aquisição de revistas e informações básicas municipais (item 12), que são as informações sobre os municípios brasileiros coletadas através de levantamento específico, pelos agentes de coleta do IBGE, e que ficam sob a responsabilidade da BICEN.

Alguns dos outros serviços, como o fornecimento de dados estatísticos e a mapoteca da BICEN, têm alta incidência de "nunca" utiliza. Estes serviços são mais utilizados pelos usuários externos, pois os dados estatísticos e os mapas editados pelo IBGE existem nas unidades da DT. A solicitação de levantamentos bibliográficos apresentou 33% de "nunca" na SUESP, 66% na SUEGE e 64% na SUPREN.

O fornecimento de dados estatísticos (item 6), as informações básicas municipais (item 12) e o arquivo sobre a evolução histórico-administrativa dos municípios brasileiros (item 13) são os três serviços menos conhecidos pelos técnicos em geral, provavelmente porque são mais consultados pelo usuário externo, ou porque são serviços menos convencionais e de interesse específico.

Os técnicos da SUESP apresentaram o maior índice de desconhecimento dos serviços da BICEN, isto provavelmente por se utilizarem menos da BICEN do que os técnicos da SUEGE e da SUPREN; os da SUPREN apresentaram o menor índice de desconhecimento em todos os itens. Os graus de desconhecimento e de não-usuários dos serviços da BICEN indicam a necessidade de maior divulgação desses serviços entre os técnicos da DT.

Tabela 25: Porcentagem de técnicos nas unidades, por conceitos atribuídos à BICEN.

(Pergunta 28: O que acha da BICEN em relação aos seguintes aspectos?)

(continua)

ASPECTOS DA BICEN E UNIDADES	C O N C E I T O S						n
	muito bom %	bom %	regular %	ruim %	péssimo %	não sabe %	
1 Tempo para atender os pedidos							
DT	28	34	16	3	-	2	100
SUESP	19	33	10	-	-	5	42
SUEGE	34	34	20	5	-	-	44
SUPREN	36	36	21	7	-	-	14
2 Localização física							
DT	15	8	16	26	17	1	100
SUESP	-	2	12	33	17	2	42
SUEGE	20	9	23	25	16	-	44
SUPREN	43	21	7	7	21	-	14

ASPECTOS DA BICEN E UNIDADES	C O N C E I T O S						n
	muito bom %	bom %	regular %	ruim %	péssimo %	não sabe %	
3 Atendimento pelos funcionários							
DT	44	32	1	1	-	5	100
SUESP	24	31	2	-	-	10	42
SUEGE	57	32	-	2	-	2	44
SUPREN	64	36	-	-	-	-	14
4 Acervo de livros na sua área							
DT	8	32	31	6	2	4	100
SUESP	-	33	21	7	-	5	42
SUEGE	14	27	39	7	2	5	44
SUPREN	14	43	36	-	7	-	14
5 Acervo de revistas na sua área							
DT	10	26	29	3	1	14	100
SUESP	5	21	24	5	-	12	42
SUEGE	14	32	25	2	-	20	44
SUPREN	14	21	57	-	7	-	14

Os conceitos atribuídos à BICEN (tabela 25) pelos usuários das três superintendências variam, em quase todos os aspectos, de muito bom a regular. Assim também acontece com relação ao tempo para atender os pedidos (item 1), acervo de livros (item 4) e acervo de periódicos (item 5). Na SUPREN, 57% dos técnicos consideram apenas regular o acervo de periódicos. O atendimento a usuários pelos funcionários da BICEN (item 3) foi considerado muito bom por 57% dos usuários da SUEGE, 64% dos da SUPREN e bom por 31% dos da SUESP. Os conceitos sobre a localização física da BICEN (item 2), para a maioria dos técnicos da SUESP e da SUEGE, estão entre ruim e péssimo mas, surpreendentemente, 43% dos técnicos da SUPREN consideram essa localização muito boa. Durante as entrevistas alguns técnicos insistiram em declarar que a localização física da BICEN era muito boa e que eles é que estavam mal localizados (em Mangueira ou na Rua Equador). Alguns técnicos não souberam

atribuir conceitos a determinados aspectos, como ao acervo de periódicos de sua área, 20% na SUEGE e 12% na SUESP talvez não os conheça. Estes dados indicam que há necessidade de maior contato direto com os usuários para esclarecimentos e de maior divulgação do acervo da BICEN entre os técnicos.

Tabela 26: Porcentagem de técnicos nas unidades, por grau de utilidade atribuído às publicações da BICEN. (Pergunta 29: No fornecimento de informações para seu trabalho, qual é a utilidade de cada uma das seguintes publicações da BICEN?)

PUBLICAÇÕES E UNIDADES	U T I L I D A D E						n
	muito útil %	útil %	de utilidade regular %	de pouca utilidade %	não utiliza %	não conhece %	
1 Boletim Bibliográfico							
DT	21	24	10	14	11	20	100
SUESP	14	14	14	14	17	26	42
SUEGE	25	27	9	11	7	20	44
SUPREN	29	43	-	21	7	-	14
2 Lista de Novas Aquisições							
DT	25	27	18	9	14	7	100
SUESP	17	26	17	7	21	12	42
SUEGE	30	30	18	9	9	5	44
SUPREN	36	21	21	14	7	-	14
3 Sumários de Periódicos Correntes							
DT	21	24	14	12	11	18	100
SUESP	10	14	14	10	17	36	42
SUEGE	30	30	16	9	9	7	44
SUPREN	29	36	7	29	-	-	14
4 Periódicos Correntes na Biblioteca Central do IBGE							
DT	7	8	2	4	10	69	100
SUESP	-	-	-	5	12	83	42
SUEGE	9	14	-	5	7	66	44
SUPREN	21	14	14	-	14	36	14
5 Divisão Territorial do Brasil							
DT	21	11	9	7	21	31	100
SUESP	21	7	12	7	14	38	42
SUEGE	23	9	9	5	23	32	44
SUPREN	14	29	-	14	36	7	14
6 Catálogo das Publicações Periódicas do IBGE							
DT	6	11	6	7	7	63	100
SUESP	5	7	-	5	7	76	42
SUEGE	2	16	9	7	5	61	44
SUPREN	21	7	14	14	14	29	14

A pergunta 29 também foi feita aos técnicos que declararam não recorrer aos serviços da BICEN (tabela 23), já que poderiam ser apenas usuários de suas publicações.

Foi feita a soma das porcentagens dos técnicos que atribuíram graus de utilidade às publicações, para melhor compará-los aos que não as utilizam e aos que não as conhecem:

Quadro 9 - Técnicos que atribuíram graus de utilidade às publicações da BICEN

	SUESP %	SUEGE %	SUPREN %
1 Boletim Bibliográfico	56	72	93
2 Lista de Novas Aquisições	67	87	92
3 Sumários de Periódicos Correntes	48	85	100
4 Periódicos Correntes na Biblioteca Central do IBGE	5	28	49
5 Divisão Territorial do Brasil	47	46	57
6 Catálogo das Publicações Periódicas do IBGE	17	34	56

Houve grande dispersão, nas três superintendências, quanto aos graus de utilidade atribuídos às publicações da BICEN (tabela 26), entretanto, há uma tendência, na SUEGE e na SUPREN, entre os que conhecem as publicações, de considerá-las entre muito útil e de utilidade regular.

Entre as publicações, tiveram os graus mais altos (muito útil e útil) as publicações de alerta, isto é, os periódicos que divulgam as novas publicações incorpora

das ao acervo e que são distribuídas pela BICEN para circulação entre os técnicos: *Boletim Bibliográfico*, *Lista de Novas Aquisições* e *Sumários de Periódicos Correntes*. Durante as entrevistas observou-se a tendência dos técnicos em englobar as três publicações periódicas sob a designação de *publicações da BICEN*; era preciso que se explicasse o conteúdo de cada uma delas para se obter uma resposta que as individualizasse. Outro fator a ser observado e que pode ter influenciado nas respostas é que, à época das entrevistas, essas publicações estavam com a distribuição bastante atrasada e irregular, por problemas de impressão gráfica.

A *Divisão Territorial do Brasil*, que relaciona os municípios e distritos brasileiros e informa suas datas de criação e mudanças de nomes, tem a finalidade principal de divulgar um dos aspectos mais solicitados pelos usuários, da documentação coletada pela BICEN, sobre a evolução histórico-administrativa dos municípios brasileiros. Esta publicação é mais conhecida pelos técnicos do que o serviço da BICEN que lhe dá origem (tabela 24 item 13). Na SUEGE houve, para esta publicação, incidências iguais de técnicos nos dois extremos: 23% de "muito útil" e 23% de "não utiliza". As outras duas publicações não-periódicas são muito pouco conhecidas pelos técnicos: *Periódicos Correntes na Biblioteca Central do IBGE*, que relaciona o acervo dos periódicos correntes e dá o estado de suas coleções, e o *Catálogo das Publicações Periódicas do IBGE*, que é o levantamento de todas as publicações periódicas já editadas pelo IBGE, inclusive dos levantamentos estatísticos. São publicações secundárias, que sistematizam extratos re-

levantes do acervo, de uso constante pelos bibliotecários e pesquisadores bibliográficos. Seria interessante que os técnicos fossem alertados para uma das finalidades dessas publicações, que é fazer chegar parte do acervo ao conhecimento dos usuários, diminuindo o problema da distância da BICEN. As fontes secundárias nem sempre são bem aceitas pelos cientistas sociais, como Line (31) observou no seu estudo sobre o planejamento dos serviços secundários nas Ciências Sociais.

Os técnicos da SUPREN apresentaram o menor grau de desconhecimento, em todas as publicações, e os da SUESP o maior, repetindo-se o verificado nos graus de conhecimento dos serviços da BICEN (tabela 24). Estes resultados também indicam a necessidade de divulgação das publicações e verificação da sua efetiva circulação.

Tabela 27: Porcentagem de técnicos nas unidades, por número de bibliotecas citadas.

(Pergunta 30: Costuma se utilizar de outras bibliotecas para seu trabalho no IBGE?; pergunta 31: Quais?)

UNIDADES	NÚMERO DE BIBLIOTECAS						n
	0 %	1 %	2 %	3 %	4 %	5 %	
DT	39	15	19	25	-	2	100
SUESP	64	10	17	10	-	-	42
SUEGE	25	20	18	36	-	-	44
SUPREN	7	14	29	36	-	14	14

A partir do número de bibliotecas citadas em cada superintendência, foi feita a média de citações por téc

nico, obtendo-se o número médio de bibliotecas que costumam utilizar. Na SUESP, foi de uma biblioteca por técnico; na SUEGE e na SUPREN de duas bibliotecas, coincidindo com os resultados do INFROSS (32).

Comparando-se a porcentagem dos técnicos com zero citações, com as porcentagens de "nunca", na procura de documentos em bibliotecas (tabela 7 item 7), verificam-se diferenças nos resultados: na SUESP, 64% dos técnicos não costumam se utilizar de outras bibliotecas, e 50% nunca procuram documentos em bibliotecas; na SUEGE, 25% não se utilizam de outras bibliotecas, e 23% não procuram documentos em bibliotecas. Supõe-se que entre esses técnicos que não se utilizam de outras bibliotecas, estejam também incluídos os que não recorrem a BICEN (tabela 23).

Tabela 28: Porcentagem de técnicos nas unidades, por bibliotecas citadas
(Pergunta 30: Costuma se utilizar de outras bibliotecas para seu trabalho no IBGE?)

BIBLIOTECAS	(continua)			
	U N I D A D E S			
	DT %	SUESP %	SUEGE %	SUPREN %
1 Fundação Getulio Vargas-FGV	21	5	41	7
2 Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ	8	-	18	-
3 Ministério da Fazenda	7	5	16	-
4 Biblioteca Nacional	5	5	5	7
5 Museu Nacional	5	5	7	-
6 bibliotecas particulares	4	5	2	7
7 Coordenação dos Programas de Pós-Graduação em Engenharia-COPPE	4	2	5	7
8 Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia-INPA	4	5	-	14
9 Centro Nacional de Informação Documental Agrícola-CENAGRI	3	-	-	21
10 Escola Nacional de Ciências Estatísticas-ENCE	3	7	-	-

(continua)

BIBLIOTECAS	U N I D A D E S			
	DT	SUESP	SUEGE	SUPREN
	%	%	%	%
11 Instituto de Planejamento Econômico e Social-IPEA	3	-	7	-
12 Instituto de Matemática da UFRJ	3	7	-	-
13 Instituto Rio Branco	3	-	7	-
14 Ministério da Educação e Cultura-MEC	3	5	-	7
15 Pontifícia Universidade Católica-PUC	3	-	7	-
16 Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste-SUDENE	3	2	2	7
17 Universidade de Brasília-UnB	3	-	-	21
18 Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais-CPRM	2	-	-	14
19 Companhia Estadual de Tecnologia de Saneamento Básico e de Controle de Poluição das Águas-CETESB	2	-	-	14
20 Departamento Nacional de Produção Mineral-DNPM	2	-	5	7
21 Diretoria de Informática-DI	2	5	5	-
22 Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente-FEEMA	2	-	-	14
23 Fundação Instituto Oswaldo Cruz	2	-	5	-
24 Horto Florestal	2	2	2	-
25 Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro-IUPERJ	2	-	5	-
26 Sociedade Nacional de Agricultura	2	-	2	7
27 Universidade Federal do Paraná	2	-	2	7
28 Banco Central	1	-	2	-
29 Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico-BNDE	1	-	2	-
30 Biblioteca do Exército	1	2	-	-
31 Centrais-Elétricas Brasileiras S.A.-ELETROBRÁS	1	-	-	7
32 Centro de Documentação do Ministério da Saúde	1	-	2	-
33 Centro de Pesquisa Agropecuária dos Cerrados	1	-	-	7
34 Centro Latino Americano de Pesquisas (da FGV)	1	-	2	-
35 Companhia de Defesa da Amazônia-CNDDA	1	-	-	7
36 Companhia Estadual de Águas e Esgotos-CEDAE	1	-	-	7
37 Companhia Municipal de Limpeza Urbana-COMLURB	1	-	-	7
38 Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq	1	-	2	-

(conclusão)

BIBLIOTECAS	U N I D A D E S			
	DT %	SUESP %	SUEGE %	SUPREN %
39 Conselho Nacional do Petróleo-CNP	1	-	-	7
40 Departamento Nacional de Águas e Energia Elétrica-DNAEE	1	-	-	7
41 Departamento Nacional de Estradas de Rodagem-DNER	1	-	2	-
42 Departamento Nacional de Obras Contra a Seca-DNOCS	1	-	2	-
43 Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária-EMBRAPA	1	-	-	7
44 Escola Nacional de Saúde Pública	1	-	2	-
45 Faculdade Bennett	1	2	-	-
46 Faculdade Moraes Junior	1	2	-	-
47 Faculdade Veiga de Almeida	1	2	-	-
48 FURNAS.Centrals Elétricas S.A.	1	-	-	7
49 Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal-IBDF	1	-	-	7
50 Instituto de Resseguros do Brasil-IRB	1	2	-	-
51 Instituto do Açúcar e do Alcool-IAA	1	2	-	-
52 Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro-IHGB	1	-	2	-
53 Instituto Nacional de Meteorologia-INEMET	1	-	-	7
54 Fundação Instituto Paranaense de Desenvolvimento Social-IPARDES	1	-	2	-
55 Ministério da Saúde	1	-	2	-
56 Petróleo Brasileiro S.A.-PETROBRÁS	1	-	2	-
57 Projeto RADAM BRASIL	1	-	-	7
58 Superintendência do Desenvolvimento da Pesca-SUDEPE	1	2	-	-
59 Universidade Estadual do Rio de Janeiro-UERJ	1	-	2	-
60 Universidade Rural	1	-	2	-
n	100	42	44	14

Das bibliotecas citadas pelos técnicos (tabela 28), algumas foram designadas pelos nomes das instituições a que pertencem, que muitas vezes dispõem de várias bibliotecas, como é caso da Universidade Federal do Rio de Janeiro (item 2).

A biblioteca da Fundação Getulio Vargas foi a que recebeu maior número de indicações, sendo citada por 41% dos técnicos da SUEGE, certamente pela qualidade de seus serviços e de seu acervo, que cobre uma parte das pesquisas e estudos desenvolvidos na DT e com a qual a BICEN mantém intercâmbio de serviços e de empréstimos. A Universidade Federal do Rio de Janeiro, com 18% de indicações da SUEGE, tem seu acervo de Geografia muito utilizado pelos geógrafos do IBGE, além dos acervos das outras áreas, também citados especificamente, com as bibliotecas da COPPE (item 7) e do Instituto de Matemática (item 12). Além dessas, outras bibliotecas de instituições acadêmicas foram indicadas, como a da PUC (item 15), do TUPERJ (item 25) e da Universidade do Paraná (item 27).

O acervo do Ministério da Fazenda (item 3) dispõe certamente de publicações e documentos necessários, não só aos levantamentos de estatísticas da SUESP, como também aos estudos e pesquisas de economia da SUEGE.

Foram citadas duas bibliotecas setoriais do IBGE: a da Escola de Ciências Estatísticas (item 10), pela SUESP, e a biblioteca da Diretoria de Informática (item 21), pela SUESP e SUEGE. A biblioteca da Escola de Ciências Estatísticas e a do Instituto de Matemática, da UFRJ (item 12), tiveram o maior número de citações na SUESP,

tendo em vista o assunto principal de seus acervos. Na SUPREN, os técnicos indicaram igualmente em primeiro lugar, o Centro Nacional de Informação Documental Agrícola (item 9) e a da Universidade de Brasília (item 17).

Os técnicos não citaram apenas bibliotecas do Rio de Janeiro e de Brasília (itens 8 e 27, por exemplo), onde está um departamento da SUPREN, provavelmente porque recorrem a bibliotecas de outros estados através de comutação bibliográfica ou de empréstimo entre bibliotecas.

As 60 bibliotecas indicadas pelos técnicos refletem as inúmeras atividades desenvolvidas pelas superintendências da DT e a interdisciplinaridade das Ciências Sociais, para as quais tanto é importante uma biblioteca de Matemática quanto uma de Saúde Pública ou de Agricultura.

A pergunta 32: "Tem algum comentário, sugestão ou observação a fazer sobre esta pesquisa?" pretendia avaliar o grau de receptividade dos usuários a este tipo de abordagem e obter subsídios ao próprio questionário, que foi o instrumento da pesquisa.

Na SUESP, 52% dos técnicos disseram que não tinham comentários a fazer sobre a pesquisa. Os outros 48% fizeram comentários livres, já que a pergunta era aberta.

Vinte um por cento dos técnicos perguntaram por que (ou como) foram incluídos na pesquisa e qual era seu objetivo. Os outros comentários estão englobados ou sintetizados a seguir:

É muito importante o contato direto que a pesquisa estabeleceu com os técnicos; ela vai fornecer subsídios ao aprimoramento dos serviços da BICEN; as perguntas

do questionário tornaram a BICEN mais conhecida; o questionário é muito grande; a pesquisa torna as necessidades dos técnicos conhecidas pela BICEN; é interessante; deveria ser feita com todos os técnicos do IBGE; esforço louvável; pela primeira vez vê interesse pelas necessidades dos técnicos; pode resultar na diminuição dos entraves burocráticos existentes no fluxo da informação.

À pergunta 33: "E sobre a BICEN?", 36% dos técnicos da SUESP não fizeram nenhum comentário; 14% confundiram as atribuições da BICEN com as do Centro Editorial, Serviço Gráfico ou Livraria do IBGE. Os comentários com menor incidência estão listados a seguir. Sobre as publicações da BICEN: a divulgação das novas aquisições do acervo deveria ser feita por departamentos (SDI); é preciso que a BICEN incentive a circulação das suas publicações; as publicações da BICEN estão atrasadas; a BICEN deveria publicar a relação de eventos que interessassem a cada área. Sobre as instalações: a localização da BICEN dificulta a consulta; deveria haver mais bibliotecas setoriais; quando vão começar a funcionar na BICEN os terminais do Sistema de Dados Regionais Agregados (SIDRA)?; o acesso às estantes deveria ser livre; gostaria de conhecer a BICEN. Sobre os serviços: deveria haver um bibliotecário em contato regular com os técnicos; é preciso divulgar mais os serviços da BICEN; deveria haver informações sobre os processos de pedidos de aquisição; a aquisição deveria ser mais rápida; a BICEN deveria ter serviços de tradução; a BICEN deveria acompanhar as pesquisas, dando apoio bibliográfico; os periódicos deveriam circular quando chegassem à BICEN; é sempre bem

atendido na BICEN; a existência de um interface no departamento facilita o contato com a BICEN e deveria haver um em cada departamento.

Na SUEGE, 50% dos técnicos não fizeram comentários sobre a pesquisa, e 11% perguntaram qual era o seu objetivo. Os outros comentários, a seguir, tiveram menor incidência: é útil para conhecer os usuários; a pesquisa vai descobrir os pontos críticos da BICEN; revela a eficiência da BICEN; o questionário divulga os serviços da BICEN; na escala do questionário deveria haver *esporádico*, entre *com menor frequência* e *nunca*; a utilização de fichas com escalas para a resposta do questionário é prática.

Sobre a BICEN, 20% dos técnicos da SUEGE não fizeram comentários, 16% disseram que a existência de um funcionário como interface facilita o contato com a BICEN, 11% disseram que são sempre bem atendidos e os outros comentários foram os que se seguem. Sobre as instalações: deveria haver mais bibliotecas setoriais; há dificuldades no fluxo da informação no IBGE, que se refletem no contato com a BICEN; a BICEN deveria estar perto da SUEGE, onde estão os pesquisadores mais ativos; o livre acesso seria desejável. Sobre as publicações: a divulgação das novas aquisições deveria ser feita por departamentos (SDI); a circulação das publicações não está sendo controlada; a circulação das publicações da BICEN deveria ser incentivada; o número de exemplares das publicações para circulação deveria ser maior; as publicações da BICEN não devem atrasar, elas são muito importantes, tendo em vista a distância do acervo; deveria haver mais divulgação das publicações. Sobre os serviços: a BICEN deveria

pedir sugestões para aquisição; deveria haver contato direto e regular de um bibliotecário com os técnicos; não sabia da existência da mapoteca; não sabia da existência de empréstimo entre bibliotecas; o acervo de Geografia não é satisfatório; o acervo de Teoria Econômica não é satisfatório; o acervo de Demografia é muito bom; o empréstimo permanente cobre quase todas as necessidades; é excelente o empréstimo entre bibliotecas; o prazo do empréstimo entre bibliotecas é curto; deveria haver mais divulgação dos serviços; a BICEN deveria ter um banco de teses; a BICEN deveria levantar as pesquisas em andamento nas instituições correlatas; há demora na obtenção de publicações que não existem no acervo da BICEN; há demora no processamento técnico; é preciso aumentar o intercâmbio de publicações do IBGE com as de outras instituições; perguntou se existe comunicação bibliográfica com bibliotecas estrangeiras; os serviços da BICEN são excelentes; houve um grande progresso ultimamente nos serviços da BICEN; é sempre bem atendido.

Na SUPREN, 79% dos técnicos não fizeram comentários sobre a pesquisa. Os 21% restantes fizeram os seguintes comentários: a pesquisa é interessante; embora não goste de responder questionário, gostou de responder o desta pesquisa; o questionário é bom e abrangente; alguns itens se repetem nas perguntas; é difícil a utilização de escalas nas respostas; o questionário não prevê a consulta a bancos de dados externos.

Sobre a BICEN, 14% não fizeram comentários, e 35% disseram que a distância da BICEN dificulta a pesquisa.

Os outros comentários são os seguintes. Sobre os serviços: deveria haver maior divulgação da BICEN entre os estudantes universitários e os de segundo grau; a divulgação deveria ser feita diretamente aos grupos de pesquisas (SDI); a BICEN deve manter as coleções dos periódicos completas; deveria haver livre acesso às estantes; deveria haver informações sobre o andamento dos pedidos de aquisição; seria desejável um sistema em linha com resumos; a existência do interface é importante; a burocracia do IBGE atrapalha o fluxo da informação com a BICEN; o acervo de Meteorologia não é bom; há problemas de baixa nos empréstimos, foi feita uma cobrança indevida; deveria haver convênios com o IBICT, a EMBRAPA e o CENAGRI, para solicitação de pesquisas bibliográficas; uma pesquisa bibliográfica solicitada à BICEN não foi satisfatória; é sempre bem atendido; deveria haver contato direto e regular dos bibliotecários com os técnicos. Sobre as publicações: seriam desejáveis comentários sobre livros no *Boletim Bibliográfico*; as publicações da BICEN são excelentes; costuma transcrever as referências e resumos em fichas, para consultas posteriores; usa muito os *Sumários de Periódicos Correntes*; não consulta periódicos específicos.

NOTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - NASCIMENTO, M.G. *Legislação básica e campanha estatística*. Rio de Janeiro, 1984. p.22. Relatório de pesquisa do IBGE.

- 2 - HAART, H.P.H.-de. *Characteristics of social science information*; a selected review of the literature. FID, s.l. 1981. p.18.
- 3 - As publicações do IBGE foram destacadas num item independente das publicações de outras editoras. Esta designação "publicações do IBGE" foi identificada nas entrevistas informais e se refere, quase que exclusivamente, às publicações de dados estatísticos.
- 4 - LINE, M.B. et alii. *Investigation into information requirements of the social sciences*. Bath, Bath University Library, 1971. 11p. Research report 2: Information requirements of social scientists in government departments.
- 5 - CARNEIRO, M.V. Necessidades e demandas de informação dos técnicos da SEPLAN-MG. Belo Horizonte, 1982. p.48. Dissertação de mestrado apresentada à UFMG.
- 6 - Na SUESP, cadernetas de campo são guias com instruções sobre os levantamentos, para orientação dos agentes de coleta. Nos trabalhos da SUEGE e SUPREN cadernetas de campo (ou anotações de campo) são as anotações individuais feitas pelos pesquisadores durante o trabalho de campo.
- 7 - SCHLEYER, J. O ciclo da comunicação e informação nas ciências sociais. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, 9(2):237, set. 1980.
- 8 - WILSON, T.A. & Sheatffield, D.R. Information needs in local authority social service departments, apud Schleyer, J., op. cit., 237.
- 9 - LANCASTER, F.W. Effect of physical accessibility and ease of use. In: ————. *The measurement and evaluation of library services*. Washington, IRP, 1978. p.312-21.
- 10 - ————. User and user needs. In: ————. *Information retrieval systems: characteristics, testing and evaluation*. 2 ed. New York, J. Wiley, 1979. p.315.
- 11 - ANDRADE, F. *Estudo de usuários na área de engenharia básica da Petrobrás*. Rio de Janeiro, 1981. p.64. Dissertação de mestrado apresentada ao IBICT.
- 12 - LINE, M.B. The information uses and needs of social scientists; an overview of INFROSS. *Aslib Proceedings*, London, 23(8):425, Aug. 1971.
- 13 - BRITAIN, J.M. *Information and its users*, a review with special reference to the social sciences. Bath, Bath University, 1970. p.74.

- 14 - CUNHA, M.B. *Necessidades de informação do geólogo em Minas Gerais*. Belo Horizonte, 1978. p.70. Dissertação de mestrado apresentada à UFMG.
- 15 - ROSENBERG, V. & CUNHA, M.G. da. *Uso da informação técnica e científica no Brasil*. Brasília, CNPq/IBICT, 1983. p.24.
- 16 - KREMER, J.M. *Estudo de usuários das bibliotecas da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, PUC, 1984. p.199.
- 17 - LINE, M.B., op. cit., p.425.
- 18 - WOOD, D.N. & BOWER, C.A. The use of social science periodical literature. *Journal of Documentation*, London, 25(2):112, 1969.
- 19 - PERIÓDICOS correntes na Biblioteca Central do IBGE. 2 ed. Rio de Janeiro, IBGE, 1984. 258p.
- 20 - SUMÁRIOS de periódicos correntes. Rio de Janeiro, IBGE, 1979-
- 21 - BOLETIM bibliográfico. Rio de Janeiro, IBGE, 1957-
- 22 - LANCASTER, F.W., op. cit., p.316.
- 23 - ADAM, R. A world information system for the social sciences. *Aslib Proceedings*, London, 27(7):290, July 1975.
- 24 - LEGISLAÇÃO básica. Rio de Janeiro, IBGE, 1976. p.18-29.
- 25 - STENZEL, N. Bibliotecas e usuários na área de planejamento. *Cadernos de Biblioteconomia*, Recife, (6):184, jun. 1983.
- 26 - BRITTAIN, J.M., op. cit., p.78.
- 27 - LINE, M.B. et alii, op. cit., p.9.
- 28 - CARNEIRO, M.V., op. cit., p.62.
- 29 - KREMER, J.M., op. cit., p.139-46.
- 30 - LANCASTER, F.W. The need and demands of users. In: *Guidelines for evaluation of information systems and services*. Paris, UNESCO, 1978. p.21.
- 31 - LINE, M.B. Designing secondary services in the social sciences: reflections on a research project. INSPEL. *International Journal of Special Libraries*, 15(2):85-95, 1981.
- 32 - LINE, M.B. et alii, op. cit., p.6.

7 - CONCLUSÕES

Para melhor sintetização das conclusões foi feito um quadro-resumo com as variáveis que apresentaram resultados mais significativos nas três superintendências, e que melhor caracterizam os técnicos em relação à informação.

Quadro 10 - Resumo dos Resultados

(continua)

CARACTERÍSTICAS	SUESP %	SUEGE %	SUPREN %
1 Mais de 5 anos de serviço	68	77	86
2 Curso de graduação			
.1 Geografia	2	34	43
.2 Biologia	-	-	43
.3 Estatística	31	23	7
.4 Economia	21	23	-
3 Curso de mestrado e/ou doutorado	10	50	29
4 Documentos mais úteis			
.1 Publicações do IBGE	83	93	79
.2 Livros	56	81	93
.3 Periódicos	61	77	93
.4 Dados estatísticos do IBGE (ainda não publicados)	92	91	50
.5 Documentos relacionados aos levantamentos estatísticos	90	77	35
.6 Anotações pessoais	57	70	85
5 Lugares mais procurados dos documentos			
.1 Arquivo/biblioteca particular	67	97	93
.2 Estante/arquivo da unidade de trabalho	62	75	43
6 Pessoas mais procuradas			
.1 Colegas da mesma unidade	88	91	92
.2 Colegas da DI	38	9	21
.3 Colegas da DT	31	32	28
7 Línguas mais importantes			
.1 Português	71	45	36
.2 Inglês	29	50	50
8 Línguas mais acessíveis			
.1 Espanhol	66	91	93
.2 Inglês	38	80	50
.3 Francês	26	50	36
9 Número de periódicos que leem (em média)	(2) ¹	(3) ¹	(4) ¹

(continua)

CARACTERÍSTICAS	SUESP %	SUEGE %	SUPREN %
10 Periódicos mais lidos			
.1 Revista Brasileira de Geografia	5	25	50
.2 Conjuntura Econômica	24	16	7
.3 Notícia Geomorfológica	-	-	21
.4 Revista Brasileira de Estatística ..	19	16	7
11 Unidades relacionadas			
.1 Da DI	47	17	21
.2 Da SUEGE	7	45	21
.3 Da SUESP	35	29	16
.4 Da SUPREN	1	2	28
12 Ocorrência da última necessidade de in- formação			
.1 De um a sete dias	24	36	50
.2 De oito a trinta dias	19	36	14
.3 Hoje	33	20	7
13 Assunto do incidente crítico			
.1 Recursos naturais/meio ambiente	-	-	64
.2 Levantamentos/estatística primá- ria	62	41	14
14 Tipo da informação no incidente crítico			
.1 Descritiva/histórica	7	11	43
.2 Dado estatístico	24	34	7
15 Primeira busca do incidente crítico			
.1 colegas da DT	10	27	36
.2 colega da mesma unidade	19	20	7
16 Segunda busca do incidente crítico			
.1 Documentos			
.1 Legislação	2	-	21
.2 Livros	-	9	7
.3 Periódicos	5	2	-
17 Lugares dos documentos no inciden- te crítico			
.1 em outras unidades do IBGE	2	11	36
.2 estante/arquivo de sua unidade	7	11	7
18 Não recorrem à BICEN	33	7	-
.1 Recorrem à BICEN por intermédio do interface	36	59	71
.2 Vão pessoalmente	12	11	29
19 Serviços mais utilizados			
.1 empréstimo de livros	64	89	94
.2 cópias de publicações	35	71	92
.3 empréstimo de periódicos	45	80	73
20 Acham muito bom/bom o atendimento	55	89	100
21 Acham muito bom/bom o acervo de livros	33	41	57
22 Acham muito bom/bom acervo de re- vistas	26	46	35

CARACTERÍSTICAS	SUESP %	SUEGE %	SUPREN %
23 Publicações da BICEN que usam			
.1 Sumários de Periódicos Correntes	48	85	100
.2 Boletim Bibliográfico	56	72	93
.3 Lista de Novas Aquisições	67	87	92
24 Publicações da BICEN que não conhecem			
.1 Periódicos Correntes na Biblioteca Central do IBGE	83	66	36
.2 Catálogo das Publicações Periódicas do IBGE	76	61	29
25 Média de bibliotecas que freqüentam	(1) ¹	(2) ¹	(2) ¹
26 Bibliotecas mais freqüentadas			
.1 Fundação Getulio Vargas	5	41	7
.2 Centro Nacional de Informação Documental Agrícola-CENAGRI	-	-	21
.3 Escola Nacional de Ciências Estatísticas-ENCE	7	-	-

1 Os números entre parênteses são médias.

O Usuário

A maioria dos técnicos da DT trabalha no IBGE há mais de cinco anos e supõe-se que, pelo tempo que estão na instituição, conheçam os recursos informativos disponíveis.

Sua formação acadêmica é condizente com as atividades que exercem como cientistas sociais na área de Informação para o Planejamento: são geógrafos, biólogos, estatísticos e economistas; na SUEGE está a maior porcentagem de pós-graduados. Suas atividades podem ser, por exemplo, estudos sobre a poluição industrial, o planejamento de um censo demográfico ou o cálculo do Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC).

A Informação

a) Fontes e assuntos

Os técnicos da SUESP e da SUEGE têm como principal fonte de informação os dados estatísticos publicados ou não publicados, estes últimos sob a forma de listagens para verificação ou como tabelas para estudos e análises. As fontes de informação na SUESP estão muito relacionadas aos dados estatísticos, cujo levantamento é a atividade-fim desta superintendência, havendo provavelmente uma sobreposição entre a necessidade de informação e a atividade desenvolvida. Os assuntos das informações que procuram relacionam-se aos levantamentos e às estatísticas primárias, como observou-se no incidente crítico. Este também é o assunto das informações que os técnicos da SUEGE procuram: os dados estatísticos são-lhes imprescindíveis em algumas de suas atividades, como a produção de estatísticas derivadas ou análise dos próprios dados.

Os técnicos da SUPREN consideram os livros e os periódicos os documentos mais úteis no desenvolvimento de suas atividades e, na DT, são eles que costumam ler o maior número de periódicos. Os assuntos das informações descritivas ou históricas que procuram referem-se aos recursos naturais e ao meio ambiente, sobre os quais devem produzir informações para o Planejamento.

b) Uso das fontes

A acessibilidade é um dos fatores principais no uso das fontes, por isto as pessoas são procuradas antes dos documentos, e os arquivos e bibliotecas particula

res são os mais valorizados para a localização das fontes. O segundo fator que determina o uso de uma fonte e que, às vezes, sobrepõe-se à acessibilidade, é o fluxo da atividade desenvolvida; algumas pessoas, documentos ou lugares são procurados em estágios específicos da atividade porque são as únicas fontes para determinadas informações.

c) Línguas das publicações

Para os técnicos da SUESP a língua mais importante das publicações especializadas é português. Inglês, para a metade dos técnicos da SUEGE e da SUPREN, é considerada a língua mais importante, embora os periódicos mais lidos, nas três superintendências, sejam todos em português. Na SUPREN verifica-se que apenas metade dos técnicos tem acesso a inglês, caracterizando para os outros técnicos dessa superintendência, uma barreira à literatura estrangeira, já que seus documentos mais importantes são os livros e periódicos, e o tipo de informação que mais utilizam é a descritiva ou histórica.

O Sistema de Informação

Supõe-se que os técnicos recorram à BICEN quando suas necessidades de informação não são as estatísticas produzidas pelo IBGE, disponíveis nos seus locais de trabalho ou na DI, que é o sistema de informação encarregado do tratamento e do fornecimento desses dados. A BICEN parece ser uma fonte que atende mais à necessidade de adquirir conhecimento que os técnicos possam manifestar no desempenho de suas atividades, do que uma fonte que supre as necessidades de informação mais imediatas, que é provavelmente o

que mais ocorre na SUESP, voltada principalmente para a produção de dados. Nessa área de levantamento, as técnicas são consolidadas e as modificações são menos frequentes, tendo em vista os problemas advindos de mudanças em uma linha de ação programada. Os técnicos, que costumam recorrer a intermediários para solicitar os serviços da BICEN, principalmente os serviços de empréstimo de livros e de periódicos ou para pedir cópias de publicações, consideram bom o atendimento que lhes é dado. Os graus atribuídos às publicações que divulgam o acervo faz supor que seus pedidos sejam originados por essas publicações, já que o índice da ida pessoalmente à BICEN é baixo. Este índice faz crer que o acervo da BICEN, como um todo, não é bem conhecido por esses usuários, mesmo pelos técnicos da SUPREN, seus usuários mais efetivos.

As publicações da BICEN que não são conhecidas indicam que há, provavelmente, problemas de divulgação, em termos de distribuição e circulação. As outras bibliotecas a que os técnicos recorrem, além da BICEN, demonstram, pelas especializações de seus acervos, as áreas de atividades das três superintendências.

Os resultados desta pesquisa indicam que os usuários das três superintendências da DT se enquadram no perfil típico do usuário de Ciências Sociais, de acordo com os resultados do projeto INFROSS e dos outros estudos citados na revisão de literatura deste trabalho. Entretanto, o corpo teórico dos estudos de usuários ainda não atingiu o grau em que as generalizações são aceitas sem restrições; é preciso que se verifiquem, através de investi-

gações específicas, as características peculiares a cada grupo de usuários. Por essas mesmas razões, os resultados apresentados neste trabalho referem-se às necessidades de informação dos técnicos do IBGE e não necessariamente a todos os cientistas sociais que trabalham na área de informação para o Planejamento do Governo. Suas conclusões porém, se comparadas a conclusões mais gerais, já estabelecidas e sistematizadas pelo Centre for Research on User Studies(1), corrobora-as inteiramente:

- a - os usuários da informação pertencem a grupos identificáveis, com padrões característicos de necessidades de informação;
- b - a atividade do usuário é de importância determinante na necessidade de informação;
- c - a acessibilidade é um fator chave na determinação do uso de uma fonte de informação;
- d - o conhecimento que o usuário tem das fontes de informação e sua habilidade em usá-las são muitas vezes imperfeitos;
- e - a comunicação interpessoal é um dos meios mais importantes na transmissão de informações;
- f - a quantidade de informação necessitada varia consideravelmente de pessoa para pessoa;
- g - os usuários precisam muitas vezes de informações que podem ser supridas apenas com um pequeno item de informação; em determinadas ocasiões as decisões precisam ser tomadas independentemente da disponibilidade de informação.

Para que as conclusões deste trabalho sejam efetivamente aplicadas nas áreas de atuação da BICEN é preciso que sejam analisadas em termos de viabilidade e de

adequação. Algumas dessas conclusões, no entanto, parecem tornar claro que a política de disseminação da BICEN deve ser estudada prioritariamente, pois o problema de acessibilidade da BICEN não pode ser resolvido através de deslocamento geográfico, nem da multiplicação das publicações de interesse comum; ambas as medidas seriam muito onerosas para a instituição. As circunstâncias parecem indicar que a formação de interfaces mais dinâmicos, verdadeiros agentes da informação, como sugere Line (2), seria uma medida produtiva. Estes interfaces seriam bibliotecários ou especialistas da informação com conhecimento profundo dos recursos informativos disponíveis e das atividades dos usuários. Sua atuação seria menos ativa quando apenas encaminhasse um pedido do usuário à BICEN, ou mais ativa quando:

- a - executasse a busca da informação necessária (delegação de busca);
- b - orientasse a busca com indicações de fontes;
- c - antecipasse a demanda através da divulgação dos recursos informativos disponíveis;
- d - incentivasse o direto encaminhamento, à BICEN, dos resultados dos projetos desenvolvidos na instituição: publicações, relatórios de pesquisas, etc. para formar a memória institucional e facilitar o fluxo da comunicação interna.

Essa atuação mais efetiva poderia se tornar ainda mais dinâmica com a automação progressiva dos serviços da BICEN e com a criação de sistemas de recuperação em linha, a serem desenvolvidos com o apoio da Diretoria de Informática do IBGE.

Os dados coletados nesta pesquisa, além dos re

sultados aqui apresentados, podem ser utilizados em estudos posteriores como, por exemplo, a caracterização dos subgrupos existentes nas três superintendências estudadas e a expansão da amostra para cada população identificada.

Em relação ao que se propôs, acredita-se que este trabalho atingiu seu objetivo: analisou a necessidade de informação de técnicos do IBGE no desempenho de suas atividades; nesta análise constatou-se que esses técnicos, em relação à informação, têm um perfil característico de cientistas sociais usuários da informação.

Na ausência de um contexto teórico mais geral, espera-se que este trabalho, mesmo sendo um estudo de caso, contribua para que a área de estudos de usuários evolua da fase descritiva para a interpretativa/preditiva, consolidando seu referencial científico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - FORD, G., ed. *User studies: an introductory guide and select bibliography*. Sheffield, University of Sheffield. CRUS, 1977. p.70.
- 2 - LINE, M.B. The information uses and needs of social scientists: an overview of INFROSS. *Aslib Proceedings*, London, 23(8):431-32, Aug. 1971.

8 - BIBLIOGRAFIA

- ADAM, R. A world information system for the social sciences. *Aslib Proceedings*, London, 27(7):286-93, July 1975.
- ALLEN, T. Information needs and uses. In: CUADRA, C.A., ed. *Annual review of international science and technology*. Chicago, Encyclopaedia Britannica, 1969. v.4 p.1-29.
- ALVES, C.M. Caracterização de usuários e adequação dos serviços de biblioteca: uma abordagem preliminar das bibliotecas da PUC/RJ. *Ciência da Informação*, Rio de Janeiro, 7(1):13-24, 1978.
- ANDRADE, F. *Estudo de usuários na área de engenharia básica da Petrobrás*. Rio de Janeiro, 1981. 125p. Dissertação de mestrado apresentada ao IBICT.
- ARAUJO, V.M. Usuários: uma visão do problema. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*. Belo Horizonte, 3(2): 175-92, set. 1974.
- ASLIB Proceedings. London, v.23 n.4, Apr. 1971.
- ATHERTON, P. Users and their needs. In: HANDBOOK for information systems and services. Paris, UNESCO, 1977. p.124-128.
- BACK, H. What information dissemination studies imply concerning the design of on-line reference retrieval systems. *Journal of the American Society for Information Science*, Washington, 23(3):156-163, May/June 1972.
- BIBLIOGRAFIA brasileira de ciência da informação. Brasília, CNPq/IBICT, 1984. 465p.
- BLAKE, B. et alii. Inside information social welfare practitioners and their information needs. *Aslib Proceedings*, London, 31(6):275-83, June 1979.
- BRITAIN, J.M. *Information and its users; a review with special reference to the social sciences*. Bath, Bath University, 1970. 208p.
- BUSHA, C.H. & HARTER, S.P. *Research methods in librarianship: techniques and interpretation*. New York, Academic Press, 1980. 417p.

- CAPLAN, N. Social research and national policy: what gets used, by whom, for what purposes, and with what effects? *International Social Science Journal*, Paris, 28(1):187-94, Jan. 1976.
- CARNEIRO, M.V. *Necessidades e demandas de informação dos técnicos da SEPLAN-MG*. Belo Horizonte, 1982. 93p. Dissertação de mestrado apresentada à UFMG.
- CARVALHO, M.B.P. de & SÃ, R. de A. A interação biblioteca/ usuário numa instituição de ciências sociais. 15p. Trabalho apresentado no 1º Encontro de Bibliotecários do Estado do Rio de Janeiro, 19-23 out. 1981.
- CRAWFORD, S. Information needs and uses. In: CUADRA, C.A., ed. *Annual review of information science and technology*. Chicago, Encyclopaedia Britannica, 1978. v.13 p.61-81.
- CUNHA, M.B. Metodologias para estudo dos usuários de informação científica e tecnológica. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, 10(2):5-19, jul./dez. 1982.
- . *Necessidades de informação do geólogo em Minas Gerais*. Belo Horizonte, 1978. 131p. Dissertação de mestrado apresentada à UFMG.
- . A técnica de Delfos e a pesquisa em biblioteconomia. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, 13(2):196-206, set. 1984.
- DERR, R.L. A conceptual analysis of information need. *Information Processing & Management*, New York, 19(5):273-78, 1983.
- DESIGN of information systems in social sciences. In: SIZE, growth and composition of social science literature. Bath, Bath University, 1980. p.11-2.
- ENCUESTA especial sobre actividades científicas y técnicas en las ciencias sociales y humanas. Paris, UNESCO, 1979. p.17-19. STS/Q/781.
- EXON, F.C.A. Getting to know the user better. *Aslib Proceedings*, London, 30(10/11):352-64, Oct./Nov. 1978.
- . Methodological problems in user studies, and the organization of in house research. In: REPRESENTATION and exchange of knowledge as a basis of information process. Amsterdam, North-Holland, 1984. p.245-70.
- FAIBISOFF, S. & ELY, D. Information and information needs. *Information reports and bibliographies*, 5(5):2-16, 1976.
- FIGUEIREDO, N. Aspectos especiais de estudos de usuários. *Ciência da Informação*, Brasília 12(2):43-57, jul./dez. 1983.

- FIGUEIREDO, N. Estudos de usuários. In: *Avaliação de coleções e estudo de usuários*. Brasília, ABDF, 1979. p.77-96.
- FLETCHER, J. Secondary information services in economics. *International Social Science Journal*, Paris, 28(3):563-71.
- FÖLDT, T. Economic information demand and organization. *International Social Science Journal*, Paris, 28(3):518-30, Mar. 1976.
- FORD, G., ed. *User studies: an introductory guide and select bibliography*. Sheffield, University of Sheffield. CRUS, 1977. 92p.
- FOSKETT, D.J. Psicologia do usuário. In: *A CONTRIBUIÇÃO da psicologia para o estudo dos usuários da informação técnico-científica*. Rio de Janeiro, Calunga, 1980. p.11-30.
- FREIDES, T. Bibliographic gaps in the social science literature. *Special Libraries*, New York, 67(2):68-75, Feb. 1976.
- GOEHLERT, R. Periodical use in academic library; a study of economists and political scientists. *Special Libraries*, New York, 69(2):51-60, Feb. 1978.
- GOLDOHOR, H. *Pesquisa científica em biblioteconomia e documentação*. Trad. Leila Novaes. Brasília, VIPA, 1973.
- GOODE, W.J. *Métodos em pesquisa social*. Trad. C.M.Bori. 5 ed. São Paulo, Ed. Nac, 1975. 488p.
- GRABCHENKO, A.M. The study of information needs within an interdisciplinary information agency. *Scientific and Technical Information Process*, New York (2):21-6, 1975.
- GUIDELINES on studies of information users (pilot version). Paris, UNISIST, 1981. 38p.
- HAART, H.P.H.— de. *Characteristics of social science information; a selected review of the literature*. FID, s.l. 1981. 82p.
- . social science and the characteristics of social science information and its users. *International Forum on Information and Documentation*. The Hague, 8(1):11-15, Jan. 1983.
- . Some characteristics of social science, social science information and social scientists. In: *CURRENT issues and trends in education and training for information work in developing and developed countries; papers presented of the FID Education and Training Committee Workshop*; Copenhagen, 1980. The Hague, 1981.

- HALPERIN, M. Determining user preferences for information services. *Drexel Library Quarterly*, Drexel, 17(2):88-98, Spring 1981.
- HOINVILLE, G. & JOWELL, R. *Survey research practice*. London, H.E.B., 1978. 228p.
- O IBGE no desenvolvimento brasileiro. Rio de Janeiro, IBGE, s.d. 31p.
- KAIRALLA, A.S. Técnica Delphi para análise de um sistema de informação: estudo de viabilidade. *Ciência da Informação*, Brasília, 13(1):11-23, jan./jun. 1984.
- KOGOTKOV, S.D. The theory of information requirements. *Scientific and Technical Information Processing*, New York, (1):39-49, 1979.
- KREMER, J.M. Avaliação de fontes de informação usadas por engenheiros. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, 10(2):65-78, jul./dez. 1982.
- . *Estudo de usuários das bibliotecas da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, PUC, 1984. 311p.
- . Fluxo de informação entre engenheiros: uma revisão da literatura. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, 9(1):7-41, mar. 1980.
- . *Information flow among engineers in a design company*. Urbana, EUA, 1980. 158p. Tese do doutoramento apresentada à University of Illinois.
- . A técnica do incidente crítico. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, 9(2):165-76, set. 1980.
- KURY, A. da G. *Elaboração e editoração de trabalhos de nível universitário*. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1980. 92p.
- LANCASTER, F.W. *Guidelines for the evaluation of information systems and services*. Paris, UNESCO, 1978.
- . *Information retrieval systems; characteristics, testing and evaluation*. 2 ed. New York, Wiley, 1979. 381p.
- . *The measurement and evaluation of library services*. Washington, IRP, 1978. 395p.
- LEGISLAÇÃO básica. Rio de Janeiro, IBGE, 1976. 52p.

- LEUPOLT, M. The information need, its nature and its implementation. *International Forum of Information and Documentation*. The Hague, 8(3):3-7, 1983.
- LEVANTAMENTOS e pesquisas em andamento no IBGE. Rio de Janeiro, IBGE, 1984. 160p.
- LIN, N. & GARVEY, W.D. Information needs and uses. In: CUADRA, C.A., ed. *Annual review of information science and Technology*. Washington, American Society for Information Science, 1972. v.7. p.5-37.
- LINE, M.B. Designing secondary services in the social sciences; reflections on a research project. *INSPEL: International Journal of Special Libraries*, Paris, 15(2): 85-95, 1981.
- . Draft definitions; information and library needs, wants, demands and uses. *Aslib Proceedings*, London, 26(2):87, Feb. 1974.
- . The information uses and needs of social scientists; an overview of INFROSS. *Aslib Proceedings*, London, 23(8):412-34, Aug. 1971.
- . *Library surveys*. London, Clive Bingley, 1967.
- . Planejamento de sistemas de informação para seres humanos. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, 7(1):27-58, mar. 1978.
- . Primary materials in the social sciences; conclusions. *Aslib Proceedings*, London, 23(4):203-06, Apr. 1971.
- & ROBERTS, S. The size, growth and composition of social science literature. *International Social Science Journal*, Paris, 28(1):126, 1976.
- et alii. *Investigation into information requirements of the social sciences*. Bath, Bath University Library, 1971. 11p. Research report 2: Information requirements of social scientists in government departments.
- LINGAM, P. The design engineer: his information requirements. *International Forum on Information and Documentation*, The Hague, 8(2):29-35, 1983.
- MANUAL de recursos humanos. Rio de Janeiro, IBGE, s.d.
- MARTELETO, R. & KENDER, B. *O usuário da biblioteca da UFMG; parte I o professor*. Belo Horizonte, 1980. 54p. Relatório de pesquisa da UFMG.

- MASON, C.M. Press cuttings and the social sciences. *Aslib Proceedings*, London, 28(6/7):230-42, June/July 1976.
- MEDIÇÃO de atividades científicas "Manual Frascati". Trad. I. Bronzeado. Brasília, OCDE/CNPq, 1978. 150p.
- MEISTER, H. Use(r) studies as a mean to upgrade library effectiveness. In: IATUL Meeting, 7, May 16-21, 1977. *Proceedings...* Gotenborg, Sweden, 1978. p.57-64.
- MENZEL, H. Information needs and uses. In: CUADRA, C.A., ed. *Annual review of information science and tecnologia*. New York, Interscience, 1966. v.1. p.41-69.
- MICK, C.K. et alii. Toward usable user studies. *Journal of the American Society for Information Science*, New York, 347-56, Sept. 1980.
- NASCIMENTO, M.G. *Legislação básica e campanha estatística*. Rio de Janeiro, 1984. 49p. Relatório de pesquisa do IBGE.
- NORMAS de apresentação tabular. Rio de Janeiro, IBGE, 1979.
- NOVIKOVA, T. & SUSHON, A.R. A study of the information needs of geologists. *Scientific and Technical Information Processing*, New York, (4):23-4, 1982.
- O'CONNOR, J. Some questions concerning "information need". *American Documentation*, New York, 19(2):200-03, Apr. 1968.
- OLIVEIRA, R.M. Usuário - levantamento bibliográfico. *IBICT/CDU Informativo*, Rio de Janeiro, 5(1):28-39, 1977.
- ORGANIZAÇÃO e funcionamento do IBGE. Rio de Janeiro, IBGE, 1978. 4v.
- PAISLEY, W. Information needs and uses. In: CUADRA, C.A., ed. *Annual review of information science and tecnologia*. Chicago, Enciclopaedia Britannica, 1968. v.3 p.1-30.
- PEMBERTON, J. Access to the primary materials in the social sciences. *Aslib Proceedings*, London, 22(1):22-30, Jan. 1970.
- PEREIRA, M.N. et alii. A aplicação da técnica do incidente crítico em estudos de usuários da informação técnico-científica. In: A CONTRIBUIÇÃO da psicologia para o estudo dos usuários da informação técnico-científica. Rio de Janeiro, Calunga, 1980. p-43-71.

- PIATIER, A. General reflections on information and international statistics. *International Social Science Journal*, Paris, 28(3):425-48 Mar, 1976.
- PINHEIRO, L.V. *Usuário-informação; o contexto da ciência e da tecnologia*. Rio de Janeiro, LTC/IBICT, 1982. 66p.
- RABELLO, O.C. Usuário - um campo em busca de sua identidade? *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, 12(1):75-87, mar. 1983.
- RECOMENDAÇÃO para normalização internacional de dados estatísticos sobre ciências e tecnologia; adotada pela Conferência Geral da UNESCO... Trad. I. Bronzeado. Brasília, CNPq, 1980. s.p.
- RECOMMENDATIONS for the preparation of sample survey reports. New York, U.N., 1964. 16p. Statistical papers, s.c. n.1 rev.2.
- REES, A. Information needs and patterns of usage. In: INFORMATION retrieval in action. Cleveland, Cleveland Western Reserve University, 1963. p.17-23.
- ROSENBERG, V. Factors affecting the preferences of industrial personnel for information gathering methods. *Information Storage and Retrieval*, London, 3(3):119-27, July 1967.
- . & CUNHA, M.B. *Uso de informação técnica e científica no Brasil*. Brasília, CNPq/IBICT, 1983. 132p.
- BOLETIM de serviço [do] IBGE. Rio de Janeiro, n.1296, jun. 1977.
- RUSH, M. Primary materials in politics and political science. *Aslib Proceedings*, London, 23(4):175-186, Apr. 1971.
- SAS user's guide: basics. Cary, EUA, SAS Institute, 1982. 923p.
- SCHLEYER, J. O ciclo da comunicação e informação nas ciências sociais. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, 9(2):225-43, set. 1980.
- SKELTON, B. Scientists and social scientists as information users: a comparison of results of science user studies with the investigation into information requirements of the social sciences. *Journal of Librarianship*, London, 5:138-56, Apr. 1973.
- SOGOMONIAN, A.A. & KARPENKO. A study of specialists' information needs at a major research institute. *Scientific and Technical Information Processing*, New York, (2): 61-66, 1975.

- SOUZA, A. Método e improvisação, ou como conseguir uma entrevista naquele setor que vai dos fundos da Igreja Matriz até o córrego e dali às margens da Rio-Bahia. In: *A AVENTURA sociológica*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978. p.86-121.
- STENZEL, N. Bibliotecas e usuários na área de planejamento. *Cadernos de Biblioteconomia*, Recife (6):181-93, jun. 1983.
- SWANN, D. Primary sources in economics. *Aslib Proceedings*, London, 23(4):167-74, Apr. 1971.
- VANSLYPE, G. *Conception et gestion des systèmes documentaires*. Paris, Les éditions d'organization, 1977. 261p.
- VIEIRA, A. da S. Informação para gerenciamento ambiental no Brasil. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, 9(2):177-94, set. 1980.
- WHITE, B. Primary materials in urban and regional planning. *Aslib Proceedings*, London, 23(4):187-98, Apr. 1971.
- WHITE, H.D. Toward a national information system for social science data files. *Journal of the American Society for Information Science*, New York, 28(6):313-22, Jun. 1977.
- WHITE, H.S. Growing user information dependence and its impact on the library field. *Aslib Proceedings*, London, 31(2):74-87, Feb. 1979.
- . Library effectiveness - the elusive target. *American libraries*, Chicago, 11(2):682-83, Dec. 1980.
- WILKIN, A. Personal roles and barriers in information transfer. In: VOIGT, M.J. & HARRIS, M.H., ed. *Advances in librarianship*. New York, Academic Press, 1977. p.257-97.
- WINN, V.A. A case study in the problems of information processing in a social science field: the OSTI-SEA project. *Aslib Proceedings*, London, 23(2):76-88, Feb. 1971.
- WOOD, D.N. Discovering the user and his information needs. *ASLIB Proceedings*, London, 21(7):262-70, July 1969.
- . User studies; a review of literature from 1966-1970. *ASLIB Proceedings*, London, 23(1):11-23, jan. 1971.
- . & BOWER, C.A. The use of social science periodical literature. *Journal of Documentation*, London, 25(2):108-22, 1969.

PESQUISA SOBRE NECESSIDADES

DE INFORMAÇÃO DE
TÉCNICOS DO INCC

ANEXO 1

QUESTIONÁRIO

Nº DA ENTREVISTA

Nome: _____

Cargo: _____

Função: _____

SUP. D&P.

Coleção:

Superintendência

Departamento/Divisão

PESQUISA SOBRE NECESSIDADE DE INFORMAÇÃO DE TÉCNICOS DO IBGE

1 - É técnico, associado ou estagiário por alguma entidade do IBGE

- 1 - sim
2 - não

2 - Em que ano começou a trabalhar no IBGE?

19 [] [] [] []

Nº DA ENTREVISTA

3 - Tem curso superior concluído?

- 1 - sim (preencher II)
2 - não (preencher para III)

início: ----- h.

4 - Qual foi o mês que concluiu?

término: ----- h.

5 - Qual a duração: -----

6 - Tem mestrado?

- 1 - sim (preencher II)
2 - não (preencher para III)

7 - Em que área?

8 - Tem doutorado?

- 1 - sim (preencher II)
2 - não (preencher para III)

9 - Em que área?

PARTE 1	DADOS PESSOAIS
----------------	-----------------------

--	--	--

 SUP. DEP.

Lotação:

Superintendência -----

Departamento/Divisão -----

1 - É titular, assistente ou responde por alguma unidade da DT?

1 - sim

2 - não

2 - Em que ano começou a trabalhar no IBGE?

19

--	--

3 - Tem curso superior concluído?

1 - sim (seguir 4)

2 - não (passar para 9)

4 - Qual foi o curso que concluiu?

--	--

5 - Tem mestrado?

1 - sim (seguir 6)

2 - não (passar para 11)

6 - Em que área?

--	--

7 - Tem doutorado?

1 - sim (seguir 8)

2 - não (passar para 11)

8 - Em que área?

--	--

9 - É provisionado?

- 1 - sim (seguir 10)
 2 - não (passar para 11)

10 - Em que área?

PARTE 2 | **NECESSIDADES DE INFORMAÇÃO**

11 - Para seu trabalho no IBGE, qual é a utilidade de cada uma das seguintes fontes de informação? (Mostrar a ficha 1)

- 5 - muito útil
 4 - útil
 3 - de utilidade regular
 2 - de pouca utilidade
 1 - não utiliza

cód.	Utilidade	Fontes
31.	<input type="checkbox"/>	Anais de congressos, simpósios, etc.
32.	<input type="checkbox"/>	Anotações pessoais
33.	<input type="checkbox"/>	Cadernetas de campo/Anotações de campo
34.	<input type="checkbox"/>	Catálogos de editoras
35.	<input type="checkbox"/>	Citações bibliográficas ou bibliografias em artigos, livros e outros documentos
36.	<input type="checkbox"/>	Correspondência particular (com pessoas de sua área de atividades)
37.	<input type="checkbox"/>	Dados estatísticos levantados pelo IBGE (obtidos na DI)
38.	<input type="checkbox"/>	Dados estatísticos levantados por outras instituições (obtidos nas instituições)
39.	<input type="checkbox"/>	Dicionários, enciclopédias, glossários
40.	<input type="checkbox"/>	Dissertações e teses
41.	<input type="checkbox"/>	Documentação técnica da DI via terminal
42.	<input type="checkbox"/>	Fotografias aéreas e mosaicos
43.	<input type="checkbox"/>	Imagens de satélite e radar
44.	<input type="checkbox"/>	Jornais
45.	<input type="checkbox"/>	Legislação federal, estadual ou municipal
46.	<input type="checkbox"/>	Livros (de textos, monografias)
47.	<input type="checkbox"/>	Manuais de instruções e outros documentos das pesquisas/levantamentos do IBGE
48.	<input type="checkbox"/>	Manuais técnicos (de sistemas, funcionamento de aparelhos, etc.)
49.	<input type="checkbox"/>	Mapas e cartas do IBGE (inclusive para fins estatísticos)
50.	<input type="checkbox"/>	Mapas e cartas de outras instituições
51.	<input type="checkbox"/>	Normas técnicas e especificações
52.	<input type="checkbox"/>	Publicações de bibliografias, índices e resumos (abstracts)
53.	<input type="checkbox"/>	Publicações de dados estatísticos (anuários, relatórios estatísticos de outras instituições)
54.	<input type="checkbox"/>	Publicações do IBGE
55.	<input type="checkbox"/>	Relatórios de pesquisas feitas no IBGE
56.	<input type="checkbox"/>	Relatórios de pesquisas feitas em outras instituições
57.	<input type="checkbox"/>	Revisões de literatura (reviews)
58.	<input type="checkbox"/>	Revistas especializadas

12 - Para seu trabalho no IBGE, com que freqüência procura publicações ou documentos nos seguintes lugares?
(Mostrar a ficha 2)

- 6 - diariamente
5 - semanalmente
4 - mensalmente
3 - trimestralmente
2 - com menor freqüência
1 - nunca

cód.	Freqüência	Lugares
1.	<input type="checkbox"/>	Seu próprio arquivo/biblioteca particular
2.	<input type="checkbox"/>	Estante/arquivo de sua unidade de trabalho
3.	<input type="checkbox"/>	Banco de dados da DI
4.	<input type="checkbox"/>	BICEN
5.	<input type="checkbox"/>	Em outras unidades do IBGE
6.	<input type="checkbox"/>	Em outras instituições
7.	<input type="checkbox"/>	Em outras bibliotecas
8.	<input type="checkbox"/>	Em outro lugar (Qual?)

13 - Para seu trabalho no IBGE, com que freqüência se comunica com as seguintes pessoas para obtenção de informações?
(Mostrar a ficha 2)

- 6 - diariamente
5 - semanalmente
4 - mensalmente
3 - trimestralmente
2 - com menor freqüência
1 - nunca

cód.	Freqüência	Pessoas
1.	<input type="checkbox"/>	Colegas da mesma unidade de trabalho
2.	<input type="checkbox"/>	Outros colegas da DT
3.	<input type="checkbox"/>	Colegas da DI
4.	<input type="checkbox"/>	Bibliotecários da BICEN
5.	<input type="checkbox"/>	Colegas de outras unidades do IBGE
6.	<input type="checkbox"/>	Pessoas de outras instituições
7.	<input type="checkbox"/>	Outras pessoas (Quais: Com que tipo de atividade, de que lugar, etc.)

14 - Na sua área de atividades, quais são as línguas principais das publicações especializadas? Indique a 1ª, 2ª e a 3ª mais importantes: (Mostrar a ficha 3)

1ª

2ª

3ª

cód.	língua
1.	Português
2.	Inglês
3.	Espanhol
4.	Francês
5.	Alemão
6.	Italiano
7.	Russo
8.	Outra (Qual?)

15 - Qual é a sua capacidade de leitura de textos especializados nas seguintes línguas? (Mostrar a ficha 4)

cód.	capacidade de leitura
1.	<input type="checkbox"/> Inglês
2.	<input type="checkbox"/> Espanhol
3.	<input type="checkbox"/> Francês
4.	<input type="checkbox"/> Alemão
5.	<input type="checkbox"/> Italiano
6.	<input type="checkbox"/> Russo
7.	<input type="checkbox"/> Outra (Qual?)

- 4. Fluente
- 3. Razoável
- 2. Com dificuldade
- 1. Não lê

16 - Costuma ler ou consultar revistas de sua área de atividades?

- 1 - sim (seguir 17)
- 2 - não (passar para 18)

17 - Quais são estas revistas?

1. -----

2. -----

3. -----

4. -----

5. -----

6. -----

7. -----

8. -----

21 - Procurou obter esta informação?

sim

não



Porquê?

(passar para 26)

22 - Como procurou esta informação? Quais foram a primeira, a segunda e a terceira fontes utilizadas? (Perguntar o lugar de cada fonte).

Fontes:

1ª

2ª

3ª

Lugares:

1º

2º

3º

ordem de uso	cód.	Fontes	Lugares
	10	Recorrendo a uma pessoa do IBGE	no IBGE:
<input type="checkbox"/> 1.	11	" " " " " "	-----
<input type="checkbox"/> 2.	12	" " " " " "	-----
<input type="checkbox"/> 3.	13	" " " " " "	-----
	20	Recorrendo a uma pessoa de fora	em outra instituição ou lugar:
<input type="checkbox"/> 1.	21	" " " " " "	-----
<input type="checkbox"/> 2.	22	" " " " " "	-----
<input type="checkbox"/> 3.	23	" " " " " "	-----
	30	Consultando um documento (tipo):	onde procurou:
<input type="checkbox"/> 1.	<input type="checkbox"/>	-----	-----
<input type="checkbox"/> 2.	<input type="checkbox"/>	-----	-----
<input type="checkbox"/> 3.	<input type="checkbox"/>	-----	-----

23 - Conseguiu tudo o que precisava?

1 - sim (passar para 25)

2 - não (seguir 24)

24 - Continuou a busca?

1 - sim

2 - não

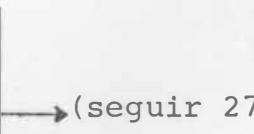
25 - Quais as dificuldades que encontrou para obter esta informação?

--	--

PARTE 3	SERVIÇOS DA BICEN
----------------	--------------------------

26 - Quando precisa, como recorre à BICEN? Cite a forma mais freqüente.

- 1. Por intermédio do gabinete/secretaria
- 2. Por escrito
- 3. Por telefone
- 4. Indo pessoalmente _____
- 5. Não recorre (passar para 29)



27 - Com que frequência se utiliza de cada um dos seguintes serviços da BICEN? (Mostrar a ficha 5)

- 7 - diariamente
 6 - semanalmente
 5 - mensalmente
 4 - trimestralmente
 3 - com menor frequência
 2 - nunca
 1 - não conhece

cód.	Frequência	Serviços
1.	<input type="checkbox"/>	Cópias de publicações do acervo da BICEN
2.	<input type="checkbox"/>	Pedidos de cópias de publicações do acervo de outras bibliotecas
3.	<input type="checkbox"/>	Empréstimo de livros
4.	<input type="checkbox"/>	Empréstimo de revistas
5.	<input type="checkbox"/>	Pedidos de empréstimo de publicações de outras bibliotecas
6.	<input type="checkbox"/>	Fornecimento de dados estatísticos
7.	<input type="checkbox"/>	Fornecimento de outras informações
8.	<input type="checkbox"/>	Mapoteca
9.	<input type="checkbox"/>	Aquisição de livros
10.	<input type="checkbox"/>	Aquisição de revistas
11.	<input type="checkbox"/>	Levantamento de bibliografias
12.	<input type="checkbox"/>	Informações básicas municipais (IBM)
13.	<input type="checkbox"/>	Arquivo sobre a evolução histórico-administrativa de municípios brasileiros

28 - O que acha da BICEN em relação aos seguintes aspectos:
(Mostrar a ficha 6)

- 6 - muito bom
5 - bom
4 - regular
3 - ruim
2 - péssimo
1 - não sabe

cód.	Conceito	Aspectos da BICEN
1.	<input type="checkbox"/>	Tempo para atender os pedidos
2.	<input type="checkbox"/>	Localização física da BICEN
3.	<input type="checkbox"/>	Atendimento pelos funcionários
4.	<input type="checkbox"/>	Acervo de livros na sua área
5.	<input type="checkbox"/>	Acervo de revistas na sua área

29 - No fornecimento de informações para seu trabalho, qual é a utilidade de cada uma das seguintes publicações da BICEN? (Mostrar a ficha 7)

- 6 - muito útil
5 - útil
4 - de utilidade regular
3 - de pouca utilidade
2 - não utiliza
1 - não conhece

cód.	Utilidade	Publicações
1.	<input type="checkbox"/>	Boletim Bibliográfico
2.	<input type="checkbox"/>	Lista de Novas Aquisições
3.	<input type="checkbox"/>	Sumários de Periódicos Correntes
4.	<input type="checkbox"/>	Periódicos Correntes na Biblioteca Central do IBGE
5.	<input type="checkbox"/>	Divisão Territorial do Brasil
6.	<input type="checkbox"/>	Catálogo das Publicações Periódicas do IBGE

30 - Costuma se utilizar de outras bibliotecas para seu trabalho no IBGE?

- sim (seguir 31)
 - não (passar para 32)

Ficha 1

- 3 - outro VCB
- 4 - Util
- 5 - de utilização regular
- 2 - de pouca utilização
- 1 - não utiliza

Ficha 2

ANEXO 2

ESCALAS

- 1 - diariamente
- 5 - semanalmente
- 4 - ocasionalmente
- 3 - trimestralmente
- 2 - com alguma frequência
- 1 - nunca

Ficha 3

- 1 - Português
- 2 - Inglês
- 3 - Espanhol
- 4 - Francês
- 5 - Alemão
- 6 - Italiano
- 7 - Russo
- 8 - Outros (Qual?)

Ficha 1

- 5 - muito útil
- 4 - útil
- 3 - de utilidade regular
- 2 - de pouca utilidade
- 1 - não utiliza

Ficha 2

- 6 - diariamente
- 5 - semanalmente
- 4 - mensalmente
- 3 - trimestralmente
- 2 - com menor frequência
- 1 - nunca

Ficha 3

- 1 - Português
- 2 - Inglês
- 3 - Espanhol
- 4 - Francês
- 5 - Alemão
- 6 - Italiano
- 7 - Russo
- 8 - Outra (Qual?)

Ficha 4

- 4 - Fluente
- 3 - Razoável
- 2 - Com dificuldade
- 1 - Não lê

2 - não sabe

1 - não sabe

Ficha 5

- 7 - diariamente
- 6 - semanalmente
- 5 - mensalmente
- 4 - trimestralmente
- 3 - com menor frequência
- 2 - nunca
- 1 - não conhece

Ficha 6

- 6 - muito bom
- 5 - bom
- 4 - regular
- 3 - ruim
- 2 - péssimo
- 1 - não sabe

Ficha 7

- 6 - muito útil
- 5 - útil
- 4 - de utilidade regular
- 3 - de pouca utilidade
- 2 - não utiliza
- 1 - não conhece